INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

GISELE CRISTIANE SENNE DE MORAES

**Do recalque originário aos signos de percepção:
contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise**

São Paulo
Maio de 2019

GISELE CRISTIANE SENNE DE MORAES

**Do recalque originário aos signos de percepção:
contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise**

Versão original

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obter título de mestre em psicologia.

Área de concentração: Psicologia Experimental

Orientador: Nelson Ernesto Coelho Junior

São Paulo
Maio de 2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pela autora

Moraes, Gisele Cristiane Senne de

Do recalque originário aos signos de percepção: contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise / Gisele Cristiane Senne de Moraes; orientador Nelson Ernesto Coelho Junior – São Paulo, 2019

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental)
- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019

1. Psicanálise. 2. Clínica Psicanalítica. 3. Recalque Originário. 4. Signos de Percepção.
5. Laplanche. I. Coelho Junior, Nelson Ernesto, orient. II. Título.

Nome: Gisele Cristiane Senne de Moraes

Título: Do recalque originário aos signos de percepção: contribuições de Silvia Bleichmar à psicanálise

Dissertação apresentada no Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Para Melissa

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson E. Coelho Junior, por me ajudar a encontrar meu melhor, pela confiança depositada e incentivo ao longo do mestrado, por suas orientações e acolhimento em seu grupo de orientandos.

Aos colegas do grupo de orientandos Bruna Paola Zerbinatti, Cristina Mensato Rebello da Silva, Douglas Rodrigo Pereira, Fábio Brinolli, José Henrique Parra Palumbo, Marina Martins Bialer, Maria Florência Guglielmo e Thiago Abrantes pela rica interlocução.

A Fernando da Silveira pela valorosa ajuda durante a escrita do projeto de mestrado.

A Maria Teresa de Melo Carvalho e Pablo Castanho por suas contribuições generosamente oferecidas na qualificação. O texto que segue não seria o mesmo sem tais observações.

Aos meus colegas dos grupos “Sexta Clínica” e “Estudos de André Green”, vinculados ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pelo apoio nos últimos dois anos.

Aos meus ex-colegas da “Rede de Atendimento Psicanalítico” pelo espaço aberto às minhas reflexões iniciais sobre o pensamento de Silvia Bleichmar.

Às colegas do grupo de estudo sobre Silvia Bleichmar coordenado por Cristina Perdomo, ao qual recentemente me integrei, pela interlocução a respeito do pensamento da autora.

A Silvia Leonor Alonso por ter me apresentado a obra de Silvia Bleichmar e me ajudado a pensar a clínica com a autora. A ela e a Selma Ricci agradeço também pelo apoio durante o mestrado.

Às parceiras do grupo “Intervenção e Pesquisa: da gestação a primeira infância”, vinculado ao Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, pelo espaço fértil para estudo e trocas sobre a primeira infância.

Aos meus pais por terem me ensinado o prazer pelo estudo e aos meus irmãos e cunhadas pelo apoio durante os intensos meses de mestrado. A todos agradeço pela torcida.

Meus agradecimentos especiais a Curt e Melissa por todo apoio, compreensão e torcida. Sem eles esse estudo não teria acontecido.

RESUMO

Moraes, G. C. S. (2019). *Do Recalque Originário aos Signos de Percepção: Contribuições de Silvia Bleichmar à Psicanálise* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nesta dissertação são apresentadas duas contribuições originais de Silvia Bleichmar em relação a Laplanche: recalque originário e signos de percepção. Partindo das observações de Laplanche sobre a ideia freudiana que considera o inconsciente fundado pelo recalque originário, Silvia Bleichmar ampliou o conceito, produzindo importantes contribuições em comparação ao pensamento freudiano e laplancheano. A autora articulou o recalque originário com os destinos pulsionais anteriores ao recalque, tornando-o um conceito metapsicológico passível de ser observado clinicamente, sobretudo na clínica de crianças. O recalque originário, em Silvia Bleichmar, longe de ser um processo mítico em algum momento, aproxima-se da ideia freudiana de recalque propriamente dito. Para Bleichmar, tal como em Freud, o recalque originário extrai sua força inicial de contrainvestimentos. No entanto, a autora entende que estes contrainvestimentos seriam originados no outro, pela interdição ao autoerotismo infantil. Outra importante contribuição da autora para a psicanálise foi sua conceituação sobre signos de percepção, tradução para a expressão alemã *Wahrnehmungszeichen (Wz)*, usada por Freud em seu modelo de aparelho psíquico apresentado na Carta 52 a Fliess. Laplanche questiona se o termo *Zeichen* deveria ser entendido como signos ou indícios, fazendo sua escolha pela palavra signos. Para este autor, os signos de percepção se equivalem às mensagens enigmáticas, portanto, seriam portadores de mensagens. Silvia Bleichmar entende que *Zeichen* seriam indícios, pegadas, marcas, vestígios, *huellas* (em espanhol), dando ênfase ao caráter indiciário dos signos de percepção. A autora partiu da concepção de Charles S. Peirce sobre signos indiciários para articular sua própria concepção de signos de percepção. Para a autora, estes seriam as primeiras inscrições pulsionais que podem permanecer no psiquismo como arcaico se não transcritas ou as inscrições advindas de traumatismos severos, a qualquer momento, que ficam igualmente sem possibilidade de transcrição no psiquismo. Assim, o arcaico seria formado pelos signos de percepção que permanecem sem transcrições enquanto o originário seria o conteúdo do inconsciente originariamente recalcado.

Palavras-chave: Psicanálise. Clínica Psicanalítica. Recalque Originário. Signos de Percepção. Laplanche.

ABSTRACT

Moraes, G. C. S. (2019). *From Primal Repression to Perceptual Signs: Silvia Bleichmar's Contributions to Psychoanalysis* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Two original Silvia Bleichmar's contributions to Laplanche are presented in this essay: the primal repression and the perceptual signs. Stemming from Laplanche's observations on the Freudian conception that considers the unconscious founded by the primal repression, Silvia Bleichmar expanded the concept, producing important contributions in comparison to the Freudian and the Laplanchean lines of thought. The author connected the primal repression to the Freudian destinies of the drive (instinct) existing prior to repression, which made it a metapsychological concept subject to clinical observation, most of all in the work with children. In Silvia Bleichmar's thinking, far from being a mythical process at some point, the primal repression is close to the Freudian idea of repression itself. To Bleichmar, as well as to Freud, the primal repression extracts its initial strength from anticathexes. Nevertheless, the author believes that these anticathexes stem from the other through the interdiction of child auto-erotism. Another important contribution of the author to psychoanalysis was her conceptualization of perceptual signs, which is a translation of the German expression *Wahrnehmungszeichen* (Wz), used by Freud in his model of psychic apparatus presented in the Letter 52 to Fliess. Laplanche questions if the term *Zeichen* should be understood as signs or indexes, preferring the word signs. For him, the perceptual signs are equivalent to the enigmatic messages, therefore they would be message carriers. Silvia Bleichmar believes that *Zeichen* are indexes, footprints, marks, vestiges, *huellas* (in Spanish), emphasizing the indexing character of the perceptual signs. Therefore, deriving from Charles S. Peirce's conception of indexing signs, the author built her own conception of perceptual signs. For her, these would be the first drive inscriptions that may remain in the psyche as archaic if not transcript, as well as the inscriptions stemming from severe trauma, at any point, which equally remain without transcription in the psyche. Hence, the archaic would be composed by the perceptual signs that remain without transcriptions whereas the primal would be the content of the primally repressed unconscious.

Keywords: Psychoanalyses. Psychoanalytic Clinic. Primal Repression. Perceptual Signs. Laplanche.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	9
2. INTRODUÇÃO.....	11
2.1 Panorama do pensamento de Silvia Bleichmar a respeito da constituição do aparelho psíquico.....	12
2.2 Materialidade como pano de fundo.....	17
PARTE I	
3. ENTRE O INATISMO KLEINIANO E O ESTRUTURALISMO LACANIANO: LAPLANCHE.....	30
3.1 Melanie Klein.....	32
3.2 Lacan.....	37
3.3 Laplanche.....	40
4. NA TERCEIRA VIA, LAPLANCHE.....	44
4.1 O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico.....	45
4.2 Vida e Morte em Psicanálise.....	51
4.3 Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id.....	55
4.4 Novos Fundamentos para a Psicanálise.....	60
PARTE II	
5. O RECALQUE ORIGINÁRIO EM SILVIA BLEICHMAR.....	69
6. PRIMEIRAS INSCRIÇÕES, ARCAICO E SIGNOS DE PERCEPÇÃO.....	90
7. CONCLUSÃO.....	114
REFERÊNCIAS.....	122

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto é o resultado da pesquisa realizada sobre o modelo de aparelho psíquico psicanalítico de Silvia Bleichmar, com o objetivo de trazer luz às contribuições originais da autora em relação a proposições de Jean Laplanche, sua principal referência teórica, a partir do final da década de 1970 e o orientador de sua tese de doutorado. Ao longo dos desenvolvimentos do trabalho, dois conceitos que integram seu modelo de aparelho psíquico foram selecionados para aprofundamento, o recalque originário e os signos de percepção. Demais aspectos foram deixados para estudos posteriores.

Os conceitos selecionados tiveram como embrião a concepção laplancheana de recalque originário. A formulação do psicanalista francês se desmembra em duas etapas, com ênfase sobre a primeira, de tal maneira que o recalque originário parece ficar subordinado a um originário alicerçado nas concepções de significantes ou mensagens enigmáticas. Já em Bleichmar, as elaborações sobre o recalque originário se desdobraram em dois conceitos muito distintos: o recalque originário e as primeiras inscrições, sendo que estas acabaram por derivar em um terceiro conceito, a saber, indício ou signo de percepção. Argumento, ao longo da dissertação, que o recalque originário bleichmariano, portanto, ganhou uma face consideravelmente diferente do conceito laplancheano, visto que, para a autora, o recalque originário é, antes de tudo, um recalque. Ou seja, trata-se de um processo que se aproxima da concepção freudiana de recalque propriamente dito (*Verdrängung*), quando comparado ao conceito laplancheano de mesmo nome. Isso traz implicações, dentre as quais destaco: (i) o originário, em Bleichmar, não diz respeito ao que dá origem ao psiquismo, mas apenas ao que dá origem ao inconsciente recalcado; a origem estaria nas primeiras inscrições e ganha a complementaridade do arcaico e a complexidade dos signos de percepção no pensamento da autora; e (ii) o recalque originário se torna indicador clínico e conceito psicanalítico de primeira estatura em Bleichmar. Além disto, a aproximação da tradução da expressão alemã *Zeichen* como índice, em Bleichmar, mais distante de signo, em Laplanche, resultou em rumos quase opostos entre dois conceitos que poderiam soar muito próximos, os signos de percepção de Bleichmar e os significantes enigmáticos de Laplanche. Portanto, meu objetivo é trazer à tona estas diferenças como contribuições relevantes da autora para o campo psicanalítico como um todo.

Na Introdução da dissertação busco apresentar Silvia Bleichmar ao leitor, a partir de duas considerações. A primeira apresenta um panorama sobre o pensamento da autora a respeito da constituição do aparelho psíquico humano como um todo e tem como propósito situar os conceitos a serem trabalhados em maior profundidade, nesta dissertação, dentro de seu modelo de aparelho psíquico. A segunda busca evidenciar uma característica que considero distintiva do pensamento da autora, a materialidade, visando chamar atenção para um aspecto que entendo ser relevante para compreensão da gênese das contribuições originais de Silvia Bleichmar. A dissertação segue, então, em duas partes, conforme apresento nos próximos parágrafos.

A parte I da dissertação trabalha com os primórdios do pensamento da autora, apresentando tanto o ambiente formativo e as inquietações que a levaram a procurar Jean Laplanche na França, quanto os desenvolvimentos deste sobre o originário. Para tanto, essa parte da dissertação se divide em dois capítulos. Assim, o capítulo 3 apresenta ao leitor aspectos históricos relevantes à formação de Bleichmar como psicanalista, enquanto o capítulo 4 apresenta as evoluções do originário em Laplanche.

Já a parte II busca dar evidência às contribuições originais de Silvia Bleichmar, a partir, sobretudo, dos livros *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) e *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994). Dessa forma, o capítulo 5 da dissertação apresenta as reflexões da autora sobre o conceito recalcado originário e o capítulo 6, suas articulações sobre primeiras inscrições e signos de percepção.

Finalmente, a conclusão da dissertação busca reunir de forma mais sintética as diferentes dimensões trabalhadas ao longo do texto. Assim, a partir da costura das reflexões realizadas, é possível ver que a autora, motivada pela necessidade de encontrar melhores fundamentos à clínica de crianças, construiu um modelo original de aparelho psíquico. Modelo que coloca em diálogo reflexões laplancheanas com concepções da metapsicologia freudiana, acrescidas da característica distintiva que atua como pano de fundo sobre o qual sua obra está assentada.

2. INTRODUÇÃO

Silvia Bleichmar atuou na psicanálise da segunda metade do século passado até o início do século atual. Nascida na Argentina, a psicanalista se exilou no México em 1976, onde viveu por dez anos, período em que fez seus estudos de doutorado com Jean Laplanche, a partir de 1980. Irmã mais nova de Hugo Bleichmar, tornou-se conhecida na Argentina, a ponto de seu nome constar como um verbete no *Diccionario de Psicoanálisis Argentino*, publicado pela *Asociación Psicoanalítica Argentina* (APA), afiliada argentina da *International Psychoanalytical Association*. Também é conhecida em alguns meios psicanalíticos no Brasil, tendo vindo ao país diversas vezes para ministrar seus seminários em Porto Alegre e em São Paulo. Foi diretora da *Revista Trabajo del Psicoanálisis* (1981-1991), editada inicialmente no México e depois na Argentina. Dentre seus livros mais conhecidos figuram três publicados também em português: *Nas Origens do Sujeito Psíquico: Do Mito à História*, sua tese de doutorado, originalmente publicado em 1985 na França e logo em seguida na Argentina; *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito*, originalmente publicado na Argentina em 1993 e *Clínica Psicanalítica e Neogênese*, originalmente publicado na Argentina em 2000¹.

As publicações da psicanalista, sejam escritas por ela ou reproduções de seus seminários, têm como característica a exposição de diversos casos clínicos, que demonstram uma admirável capacidade de pensar clínica e teoria em conjunto. Silvia Bleichmar era vista como uma psicanalista generosa, talvez pela capacidade de transmissão de seu pensamento, como podemos observar na última frase do verbete que carrega seu nome no *Diccionario de Psicoanálisis Argentino*: “Quienes la conocieron y sobrevivieron – familia, pacientes, discípulos, amigos, gente – la recuerdon como una mujer cálida y generosa, divertida y enérgica, y que – como se dijo de ella alguna vez – solía contagiar inteligencia²” (Calvo, 2018, p. 100).

A seguir, apresento um panorama do pensamento da autora sobre a constituição do psiquismo, usando como fonte principal o livro *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), composto por transcrições de seminários que apresentou no *Hospital de Los Niños* em Buenos Aires em 1996. A escolha deste livro em particular não foi sem razão. Nos seminários de 1996,

¹ De acordo com o site oficial da autora <http://www.silviableichmar.com/framesilvia.htm>

² “Os que a conheceram e sobreviveram – família, pacientes, discípulos, amigos, pessoas – recordam-se dela como uma mulher quente e generosa, divertida e enérgica, e que – como se disse uma vez – costumava contagiar inteligência” [tradução minha].

a própria Silvia Bleichmar apresentou um panorama de seu pensamento sobre a constituição do psiquismo. Trata-se, portanto, de uma obra que consolida seu pensamento até a data dos seminários, incluindo, assim, as contribuições dos outros dois livros citados aqui como mais conhecidos e que serão usados na Parte II desta dissertação.

2.1 Panorama do pensamento de Silvia Bleichmar a respeito da constituição do aparelho psíquico

Como informado anteriormente, o panorama aqui apresentado se baseia no pensamento da autora expresso em seus seminários realizados no *Hospital de Los Niños* em Buenos Aires em 1996, publicados no livro *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), exceto por um parágrafo no qual cito o livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994).

Para a autora, o psiquismo humano se constitui em tempos reais, ou seja, em tempos ancorados na história da pessoa, dependendo, portanto, das possibilidades de encontros e vivências da criança, dado que ocorrem em grande parte na infância. Eles são os tempos da inscrição pulsional e dos recalques originário e secundário.

O tempo da inscrição pulsional acontece quando as primeiras inscrições psíquicas ocorrem no bebê, por meio da inscrição de representações inconscientes maternas (ou de quem exerça a função materna) que passam por desqualificação no processo de transmissão (Bleichmar, 2005, p.85)³. A inscrição pulsional é traumática pois imprime algo que não será eliminado por completo pelo bebê. Trata-se de um *a mais*. O bebê foi atrás da satisfação da fome e encontrou o *além-do-leite*, encontrou o seio e, com ele, o prazer, ou seja, o sexual psicanalítico. Esta excitação gera uma perturbação impossível de ser totalmente eliminada. No autoconservativo, tudo que é ingerido é usado ou evacuado pelo organismo. O *a mais* da sexualidade deixa inscrições que demandam trabalho ao psiquismo, pois exige que este encontre vias de descarga ou de ligação ao excedente.

³ devemos introduzir o conceito de metábole e a função da desqualificação. Entre essas constelações significantes que a mãe possui e o que cai na criança, há um processo de desqualificação que se rearticula do lado do aparelho psíquico em constituição. Esse será o eixo de nosso trabalho, e é nisso onde vemos a importância da metábole. A metábole implica que entre o que a mãe oferece [...] e o que se recompõe no psiquismo há um processo de desqualificação e de requalificação; tomam-se os elementos oferecidos pelo outro, articulando-os de um novo modo (Bleichmar, 2005, p. 125). Os processos de metábole e desqualificação em Bleichmar serão melhor trabalhados no capítulo 6 da dissertação.

Assim, as primeiras inscrições são “representantes-representativos da sexualidade do outro, da sexualidade da mãe, metabolicamente inscritos no psiquismo dos começos” (Bleichmar, 2005, p. 97). Elas incitam o bebê a realizar novas buscas pelo objeto excitante, porém o objeto encontrado nunca produz a mesma experiência, há sempre variações. Bleichmar argumenta que não haveria crescimento psíquico se o objeto encontrado fosse sempre idêntico, pois não seria necessário um aparelho para dar conta das diferenças. No entanto, é necessário que algo se repita. Um objeto completamente diferente não seria reconhecido, podendo produzir desistência (Bleichmar, 2005, pp. 92-93).

Citando Laplanche, a autora fala da figura da mãe suficientemente má, aquela que consegue excitar o bebê. É essencial que haja também a mãe suficientemente boa winnicottiana para gerar articulações capazes de ligar as excitações que produziu (Bleichmar, 2005, p. 93). Estas articulações acontecem quando uma mãe sorri e conversa com seu bebê, quando lhe faz um carinho nas mãos, no rosto.... Ao fazê-lo, ela o ajuda a encontrar vias para a circulação da pulsão. Mais que isto, ela vê seu bebê como um todo e ama algo que acredita que ele será, mas que ainda não é. E nunca chegará a ser (Bleichmar, 2005, p. 59).

Nesse momento, as representações inscritas no psiquismo do bebê, advindas da relação com os pais ou cuidadores, ainda não estão no consciente ou no inconsciente, pois não houve cisão no aparelho psíquico. Há representações que irão se fixar no inconsciente quando o recalque originário se estabelecer. Há também representações destinadas ao pré-consciente, do lado do narcisismo. Os destinos no bebê dependerão de sua origem na mãe. Representações advindas do encontro com o inconsciente materno, carregadas de prazer no cuidado com o corpo do filho – no encontro entre corpos - se destinarão ao inconsciente pulsional e representações advindas do encontro com o ego e com o narcisismo transvazante da mãe se destinarão ao ego (inconsciente ou não) da criança (Bleichmar, 2005, p. 96).

O segundo tempo de constituição do psiquismo é o processo de recalque originário. Ele é o grande divisor do aparelho psíquico, quando são constituídos o inconsciente e o ego. Ou seja, são constituídos os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente por um lado e o ego por outro lado, como um polo de investimentos narcísicos e de identificação.

Assim, no segundo tempo de constituição da vida psíquica o ego se organiza como um lugar de estabilidade para as identificações narcísicas, tendo como questão primordial a identificação de gênero, posto que identificações de gênero antecedem a descoberta das diferenças anatômicas (são anteriores ao Complexo de Édipo). Para Bleichmar, o narcisismo

tem função de ligação e gera condições para a instalação do ego. E o narcisismo materno é condição para o narcisismo da criança. O ego funciona, então, como “massa ideativa” (Bleichmar, 2005, p. 133) de sustentação para que o inconsciente permaneça em seu lugar.

O recalque originário acontece por força de contrainvestimentos que advêm do outro também, por meio das interdições primárias. São interdições à livre expressão motora da pulsão, por exemplo, quando os pais dizem o que a criança pode ou não fazer. As primeiras interdições são destinadas à renúncia ao autoerotismo (Bleichmar, 2005, p. 94).

A criança faz renúncias por amor à mãe antes do processo de recalque originário estar completo, porém a renúncia precisa ser reiterada constantemente até que seja reestabelecido um equilíbrio no psiquismo infantil, a partir da expulsão do que perturba no consciente. A criança, então, fica livre para se interessar por outras coisas do mundo (Bleichmar, 2005, p. 119). Assim, o representante pulsional ficará impedido de continuar avançando ao polo motor, na busca de modos compulsivos de satisfação. As interdições primárias cumprem seu papel com o recalque ao proporcionar aquietação tópica, ou seja, um lugar para a pulsão operar como desejo e não mais de modo compulsivo. Ao se fixar no inconsciente, converte-se em desejo, o que traz equilíbrio ao sujeito pelo princípio de prazer, não o deixando à mercê da compulsão.

Ao instaurar os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, seus modos de processamento são introduzidos, ou seja, processo primário no inconsciente e secundário no consciente. Uma criança que possui dificuldade para estabelecer o que é frente ou trás e ontem ou hoje, por exemplo, é uma criança que não completou o recalque originário, pois a lógica do processo secundário ainda não está em ação (Bleichmar, 2005, p. 117). Adicionalmente, como mencionado, o ego já atua como centro de identificações narcísicas. Assim, uma criança que não sabe que é uma criança não teve seu aparelho psíquico clivado, porque não foi constituída uma posição de sujeito ainda. E se observamos que alguma pulsão parcial atinge sua meta de descarga sem impedimentos, podemos supô-la não recalcada. Neste caso, para saber se houve cisão do aparelho, é preciso observar como o sujeito se posiciona diante do fenômeno. Se há algum tipo de sofrimento, por exemplo, há conflito intrapsíquico. E se há conflito, o processo de cisão do psiquismo já foi iniciado.

Se tudo se desenrolar bem ao longo deste processo, os dois primeiros tempos da vida psíquica irão se organizar em potencialidade ou dominância neurótica, o que abre espaço para a constituição do superego, tanto como consciência moral quanto como ideal de eu.

Aqui já estamos no terceiro tempo da vida psíquica. O recalque secundário incide sobre o complexo de Édipo. Nas palavras de Silvia Bleichmar: “movimento concebido classicamente como efeito da articulação desejante a um dos pais e à rivalidade com o outro, o que vai inaugurar uma tendência à identificação sexuada” (Bleichmar, 2005, p. 139). Assim, tal como na inscrição da pulsão e no recalque originário, o outro material, histórico, terá um papel essencial para a forma como se configura este processo. As questões edípicas dos pais operam também como elementos traumáticos que poderão ser inscritos no psiquismo da criança.

A solução do complexo de Édipo é o sepultamento dos desejos incestuosos com a instauração desta nova tópica psíquica, o superego, instância composta pelos valores morais da cultura e pelos ideais de eu (ou os embriões do que virão a se compor mais tarde como ideais de eu). Da mesma forma que o recalque originário produz uma aquietação tópica, o recalque secundário também vai trazer um reequilíbrio ao psiquismo, ao organizar as angústias de aniquilamento fobicamente em torno da angústia de castração.

O recalque secundário recai apenas sobre o que foi representação-palavra um dia, ainda que, ao serem recalçadas, as representações-palavra passem a atuar como representações-coisa no inconsciente. Em citação de Silvia Bleichmar, as representações-palavra:

são as únicas sobre as quais o sujeito pode associar porque estiveram em estatuto de linguagem articulada com caráter significante: às demais, há que cercá-las, recompô-las quando avançam, e se não avançam, deixá-las dormindo. [...] já que o método da livre associação só é aplicável àquilo secundariamente recalçado – em virtude de que se podem seguir a seu respeito as ‘cadeias associativas’, ou seja, as articulações significantes. (Bleichmar, 2005, pp.100-101)

A distinção que a autora tão claramente faz entre os dois recalques e a ênfase no originário se relaciona ao papel central do último para o estabelecimento de uma arquitetura psíquica com dominância ou potencialidade neurótica. Saber sobre a sua existência, portanto, é essencial para o analista pensar em estratégias clínicas (Bleichmar, 2005, p. 116).

Apesar dos dois recalques ocorrerem concomitantemente em parte de seus processos, o núcleo originário antecede o secundário e atua como polo de atração. E, como mencionado, há diferenciação no conteúdo, as pulsões parciais e o autoerótico são do campo do originariamente recalçado enquanto o complexo edípico está no campo do secundariamente recalçado. Contudo, pode haver alguma resignificação que retranscreva o autoerótico, tornando-o também secundariamente recalçado.

No livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), Silvia Bleichmar escreve sobre a composição do inconsciente (Bleichmar, 1994, pp. 176-177). Integram esta tópica psíquica tanto os elementos que foram recalcados originariamente quanto os secundariamente recalcados. Sob a égide do recalque originário estão as inscrições pulsionais recalçadas, elementos que nunca foram representações-palavra de forma direta. Já sob a égide do recalque secundário estão tanto as representações isoladas que fizeram parte do pré-consciente (ou seja, representações-palavra que, ao se fixarem no inconsciente, passarão a funcionar como representações-coisa) quanto as representações-palavra que são blocos inteiros e articulados, fragmentos discursivos, que, uma vez expulsos do sistema pré-consciente, serão cristalizados também em representações-coisa. Estes últimos são os mandatos do superego (como proibição e como ligação com o ideal de eu) e os “fantasmas originários como articulações desejantes fixas” (Bleichmar, 1994, p. 177).

Há ainda as inscrições que são efeito de traumatismos severos, signos de percepção que não integram o “inconsciente” (as aspas, usadas também pela autora, ressaltam que não integram o sistema inconsciente recalcado). Os signos de percepção são representações “que não foram nem encaixad[a]s nem transcrit[a]s – ou que só obtiveram uma transcrição insuficiente pela força do afeto que arrastam” (Bleichmar, 2005, p. 98). São inscrições que ficam soltas pelo aparelho psíquico e que acabam funcionando como as inscrições pulsionais que ficam sem recalque, por falhas no recalçamento originário, ou seja, com modos compulsivos de satisfação, resultando em passagem direta à motricidade. O trabalho analítico com elas é no sentido de ligação mais do que de des-recalçamento. São elementos que podem ter aparecido no começo da vida (que não foram transcritos em função de perdas ou ausências importantes) ou podem ser produzidos por traumatismos severos, ainda que tardios, que entram de forma privilegiada - altamente investidos - porque remetem a situações traumáticas (Bleichmar, 2005, pp. 98-99).

Os signos de percepção, enfim, são elementos que vagam soltos no psiquismo, sem simbolização (portanto, sem ligação) e que retornam sob modos compulsivos fixados a um tipo de prazer: “estes signos podem aparecer de distintas maneiras, em certos casos sob formas fetichizadas, deslocadas, dependendo seu destino de como encontrem uma inserção na tópica” (Bleichmar, 2005, p. 88).

Busquei mostrar um panorama da constituição do aparelho psíquico de acordo com as reflexões de Silvia Bleichmar, abordando os principais conceitos por ela trabalhados sobre

esse tema. No próximo item, abordarei uma característica que considero distintiva do pensamento de Silvia Bleichmar, presente em diferentes momentos e concepções em sua obra, característica que denominei de *materialidade*.

2.2 Materialidade como pano de fundo

Conforme mencionado, trabalho neste segundo item da Introdução a ideia de *materialidade*, que se depreende a partir da leitura dos textos de Bleichmar e que proponho se tratar de uma característica que é uma espécie de marca da psicanalista. Na verdade, materialidade, realidade, tempos reais e histórico são expressões recorrentes na obra de Bleichmar, que por vezes se misturam e parecem ser usadas com sentidos próximos. No entanto, proponho destacar a *materialidade*, pois entendo que esta atua como uma espécie de pano de fundo sob outros conceitos, como realidade, tempos reais, histórico, entre outros, conforme apresento no decorrer deste item do capítulo.

Para tanto, exponho inicialmente o que entendo por materialidade, para, em seguida, mostrar os aspectos na leitura de Bleichmar que me permitiram propô-la como característica distintiva em sua obra. O objetivo deste item da Introdução é dar destaque a esse fator específico, pois entendo que se trata de um elemento relevante para as construções próprias de Bleichmar, ou seja, para a originalidade de seu pensamento.

A materialidade que proponho não é um conceito filosófico, materialidade não é materialismo histórico, ainda que a filosofia ou a sociologia e a incursão de Silvia Bleichmar em autores com diferentes tonalidades marxistas possam ter contribuído para construção desta característica. E, certamente, sua clínica com crianças não deve ser deixada em segundo plano, se o objetivo for entender de que forma o pano de fundo aqui colocado em relevo possa ter sido construído.

Silvia Bleichmar teve uma significativa experiência clínica com crianças. Conta-nos, em entrevista realizada em 2001, que gostava muito de trabalhar com crianças, tanto que permanecia atendendo-as de quatro a seis horas por dia, pois não queria limitar-se a dar supervisões. Foi a partir da experiência no consultório que lhe surgiram importantes indagações sobre a carência na teoria psicanalítica sobre a clínica de crianças. Assim, na mesma entrevista, fala da inquietação que a clínica de crianças havia lhe trazido: da ideologia presente em Aberastury à rigidez do modelo kleiniano ou à insuficiência do modelo

lacaniano...: “Estuve mucho tiempo muy angustiada por la sensación de que no tenía parámetros desde los cuáles definir mi práctica y muy necesitada de encontrarlos.”⁴ (Bleichmar, *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños*, 2001). Mais do que isso, atender crianças talvez lhe desse a dimensão de sua responsabilidade ética como analista, pois entendia que a intervenção precoce precisa poder fazer toda diferença na vida da criança e de sua família, pelo menos é com esse tom que abre o primeiro capítulo de seu primeiro livro, *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993). Trata-se de uma obrigação moral a necessidade material do outro⁵: “Anos de infância perdidos, irre recuperáveis para a recomposição psíquica, dão conta, ao longo do tempo, da necessidade de estabelecer paradigmas claros para nossa ação” (Bleichmar, 1993, pp. 9-10). Foi com esse enquadramento que marcou um encontro com Jean Laplanche em Paris, no qual argumentou que o texto do psicanalista francês para o Colóquio de Bonneval⁶ continha uma proposta para a psicanálise de crianças. O resultado desse encontro foi a tese de doutorado de Silvia Bleichmar, publicada em seu primeiro livro.

Ainda com o intuito de situar o leitor, Silvia Bleichmar estudou sociologia, tendo quase terminado seus estudos, antes de se transferir para a área da psicologia. No verbete Silvia Bleichmar do *Diccionario de Psicoanálisis Argentino*, lemos que a autora, nascida em 1944, teve uma mãe portenha comunista e um pai de origem lituana e era conhecida por seu ativismo político em seus anos iniciais. Silvia Bleichmar emigrou da Argentina no início da ditadura militar do país, por ter sido alertada que seria procurada por militares. Exilou-se no México onde permaneceu por dez anos, período em que fez seus estudos com Laplanche. Na entrevista realizada em 2001, ao ser questionada sobre sua formação, a autora fala da influência marxista⁷:

⁴ “Estive muito tempo angustiada pela sensação de que não possuía parâmetros a partir dos quais definir minha prática e muito necessitada de encontrá-los” [tradução minha].

⁵ Citando E. Levinas: “As necessidades materiais de meu semelhante são obrigações morais para mim” (Bleichmar, 1993, p. 9).

⁶ Jean Laplanche e Serge Leclaire escreverem um texto chamado O Inconsciente: Um estudo Psicanalítico (1960) para o VI Colóquio de Bonneval, realizado em 1960 em Bonneval, França.

⁷ No artigo “A recepção da psicanálise da França”, Renato Mezan fala em filtro, ideologia, porosidade, *Weltanschauung*, prisma, pano de fundo... presente no processo de aculturação francês. Ao abordar a ideia de recepção da psicanálise na França, um “galicanismo” teria permitido uma curiosa associação entre fenomenologia e marxismo já desde a primeira metade do século XX, antes mesmo do estruturalismo lacaniano. Ainda no mesmo artigo, menciona também a importância da política como pano de fundo para a recepção da psicanálise na Argentina. Silvia Bleichmar estava inserida no cenário psicanalítico da Argentina e explicitamente falava da importância da psicanálise francesa para a construção de sua forma de fazer e pensar psicanálise. Para saber mais, recomendo a leitura do interessante artigo de Renato Mezan.

Pero diría que mi formación estuvo fuertemente atravesada por Bachelard, Canguilhem, por la epistemología de la segunda mitad del siglo XX, con una fuerte formación en los clásicos marxistas, y en particular en el llamado marxismo occidental ([sic] cuando digo marxismo occidental me refiero por ejemplo a Habermas y Adorno en el marco de lo que se llamó ‘pensamiento post-metafísico’. Esto marca de algún modo los orígenes teóricos de lo que yo hago.... de lo que soy...⁸
(Bleichmar, Fort-Da Revista de Psicoanálisis com Niños, 2001)

No texto bleichmariano, materialidade remete à ideia de concretude ou tridimensionalidade. Ler Silvia Bleichmar me faz pensar em três dimensões: “o tempo se torna espaço” (Bleichmar, 2015, p. 48), ela nos diz referindo-se ao inconsciente. A frase me remeteu à física e da física, à astronomia, mais especificamente à cena de um filme. Trata-se do filme britânico *Einstein and Eddington* (2008). Na cena, o cientista inglês, buscando explicar a forma como Einstein entendia o cosmos, pede para duas pessoas esticarem uma toalha de mesa sobre a qual coloca um pão que afunda o tecido. Ele joga, então, uma maçã que desliza elipticamente em torno do pão. Tal como o pão, o sol afunda o tecido espaço-tempo, razão pela qual planetas orbitam elipticamente em seu entorno. Tal *tecido* se formaria a partir da expansão do universo, de um tempo (velocidade da luz) que se torna espaço. Minha imaginação, a partir da leitura de Bleichmar, levou-me a pensar no psiquismo como uma espécie de universo, onde planetas, estrelas, satélites circulam e podem se agrupar, formando constelações, galáxias ou outros arranjos de corpos celestes. Não pretendo aqui ser precisa no campo da astronomia, o cosmos do qual falo é fruto exclusivo de minha criatividade. Uma fantasia imagética que foi se construindo a partir da leitura dos textos da autora. Em Bleichmar, tal como no universo que se expande e se forma no tecido espaço-tempo, temos um tempo real que se torna arquitetura psíquica para depois se tornar tempo novamente⁹.

A materialidade na obra da autora está na realidade externa e na realidade psíquica, na arquitetura psíquica organizada com o recalque originário, na concretude dos fatos históricos ou nos elementos que vagam soltos pelo psiquismo. Dessa maneira, a ideia de materialidade na obra da autora aparece em muitas situações com um caráter tridimensional, no sentido de algo *quase tocável*, ainda que seja um fato psíquico.

⁸ Mas diria que minha formação foi fortemente atravessada por Bachelard, Canguilhem, pela epistemologia da segunda metade do século XX, com uma forte formação nos clássicos marxistas e em particular no chamado marxismo ocidental, quando digo marxismo ocidental me refiro, por exemplo, a Habermas e Adorno no marco do que se chamou de pensamento ‘pós-metafísico’. Isso marca de algum modo as origens teóricas do que faço... do que sou... [tradução minha].

⁹ Esta ideia é trabalhada em 2.2.2 do presente capítulo.

Com o intuito de expor a forma como a materialidade atravessava o pensamento de Bleichmar, apresento quatro subtítulos neste item da Introdução: (2.2.1) um real como materialidade no psiquismo e no mundo, (2.2.2) histórico construído sobre o sítio da materialidade dos tempos reais, (2.2.3) signos de percepção com materialidade dos índices; e (2.2.4) a materialidade na arquitetura do psiquismo. Para tanto, uso como referência dois artigos da autora, pois apresentam de forma mais clara o aspecto que busco ressaltar. São os artigos Simbolização de Transcrição: uma Clínica Aberta ao Real e Estatuto do Histórico em Psicanálise, ambos publicados no livro *Do Motivo de Consulta à Razão de Análise e outros Ensaaios Psicanalíticos* (2015).

2.2.1 *Um real como materialidade no psiquismo e no mundo*

Silvia Bleichmar conta que trabalhava com um modelo de “aparelho psíquico aberto ao real, constituído a partir de inscrições provenientes do exterior e submetidas constantemente a seu embate” (Bleichmar, 2015b, p. 32). O modelo aberto ao real buscava responder a interrogações oriundas tanto da clínica quanto dos descobrimentos do campo das fronteiras sobre os instrumentos psicanalíticos quando o método interpretativo não funciona. Seu modelo, escreve, propunha a existência de um arcaico e um originário no psiquismo, com modos de processamento psíquico próprios.

Na citação do parágrafo acima é possível observar que o real já insinua um duplo trânsito, seja como exterioridade propriamente dita, seja como realidade psíquica. A abertura ao real é abertura para a realidade exterior ao psiquismo, mas é também possibilidade de sua entrada, de um externo que se torna interno, mantendo algo de sua materialidade nesse processo, instituindo uma realidade psíquica. Assim, a autora trabalha por um lado com a ideia de realidade psíquica e, por outra parte, com a realidade exterior, aproximando os campos como veremos a seguir.

A realidade psíquica seria da ordem de um pensamento sem sujeito, porque se instala antes mesmo da existência de um sujeito reflexivo em oposição a seu objeto. Trata-se de um pré-subjetivo que se torna parassubjetivo. O prefixo *para*, usado no sentido de proximidade, traz a ideia de que em algum momento haverá subjetividade. Há uma realidade psíquica que é parassubjetiva, ou seja, tem proximidade com a instância reflexiva instalada, mas não tem subjetividade própria. É o que ela afirma em seguida no texto: não há possibilidade de

ressubjetivação do inconsciente pois não há um sujeito no inconsciente. Há apenas pulsões acéfalas que vão no sentido da satisfação, ainda que a satisfação possa colocar em risco a vida do sujeito. A realidade psíquica pré-subjetiva, que depois se torna parassubjetiva, não é atravessada pelos modos de funcionamento do pré-consciente:

É essa realidade psíquica pré-subjetiva que se torna, depois, parassubjetiva, se diferenciarmos psiquismo de subjetividade, de modo tal que o inconsciente não será nunca atravessado pelos modos de funcionamento da lógica e da intencionalidade do pré-consciente, o qual o situa em termos de *res-extensa, de realidade psíquica em sentido estrito, de materialidade não redutível à consciência* [itálicos meus]. (Bleichmar, 2015b, p. 46)

A realidade psíquica é também produto de um objeto exterior, especificamente da sexualidade humana, que, a partir de sua implantação, perde sua referência com o exterior; são inscrições que se produzem no tempo, mas não compõem a história do sujeito na medida que não estão atravessadas por esta categoria. São os signos de percepção, inscrições que, apesar de não simbólicas, são o fundamento ou o embrião de toda simbolização possível.

O conglomerado de signos de percepção residuais à vivência de satisfação é reinvestido na alucinação primitiva e constitui o embrião de toda simbolização possível. Mas estas inscrições não são em si mesmas simbólicas, porque embora sejam o fundamento da realidade psíquica, são a origem do que Castoriadis chamou ‘imaginação radical’ – criam objetos não existentes no mundo exterior, produzem uma realidade que não as antecede – são o embrião de toda simbolização possível, mas, entretanto, não são simbólicas, não remetem a nada mais que a si mesmas. (Bleichmar, 2015b, pp. 47)

Adiante:

[A alucinação primitiva] constitui o embrião de toda simbolização possível, mas não é simbólica porque não remete a nada mais que a si mesma. Sendo nesse sentido realidade psíquica porque é a fundação de uma realidade outra, de uma realidade de caráter *material* [itálico meu] que não corresponde nem a subjetividade nem tem existência no mundo exterior (Bleichmar, 2015b, pp. 47-48)

A realidade psíquica, com sua própria materialidade, como um existente, está justaposta a uma realidade externa que permite que a primeira seja produzida. Interessante notar que realidade psíquica aparece nesse texto quase como sinônimo de inconsciente em oposição a sujeito, que estaria mais do lado do ego ou das instâncias pré-consciente/consciente. O inconsciente recalcado se apresenta com a espacialidade de uma tópica. Mais que isso, o inconsciente (e aqui não apenas o recalcado) é formado por resíduos das vivências de satisfação e traumáticas, em seu caráter excessivo. Algumas dessas vivências passarão por algum tipo de transcrição e podem se organizar como recalcado, outras permanecem sem

transcrição no psiquismo, como “ímãs libidinais” (Bleichmar, 2015b, p. 38) que circulam no psiquismo sem tópica específica, sejam oriundas dos primeiros tempos de vida ou de situações traumáticas a qualquer momento da vida do sujeito.

Silvia Bleichmar não prescinde do conceito de realidade exterior ao aparelho psíquico. Para ela, tal realidade adviria de duas direções privilegiadas: por um lado, o corpo como uma realidade externa-interna (externa ao aparelho psíquico, mas soldado a ele, portanto, interno ao sujeito) e, por outro, a realidade advinda do outro humano, da ordem do externo-exterior. A realidade exterior não é um campo homogêneo, ela afirma fazendo referência a Freud de o Projeto para uma Psicologia Científica (1895): é uma realidade que se relaciona com “processos contínuos que exercem constantes estímulos descontínuos sobre o aparelho anímico” (Bleichmar, 2015b, p. 51). Assim, a realidade exterior ao psiquismo afetará o aparelho. Mais que isso, em Bleichmar, a realidade exterior constitui o psiquismo, trazendo constantemente desequilíbrios que terão que ser trabalhados seja por meio de ligação ou por evacuação.

De qualquer maneira, há a realidade material do mundo, Silvia Bleichmar afirma. Uma realidade que existe independente de sabermos de sua existência, tal como a radiação sempre existiu, apesar de não termos tido conhecimento de sua existência até meados do século passado. Nesse sentido, curiosamente, uma realidade que se aproxima da realidade do inconsciente, na medida que se trata de uma “realidade cuja *materialidade* não radica em sua substância, mas em sua existência independente do conhecimento, da consciência e da vontade dos homens” (Bleichmar, 2015b, p. 52). A psicanalista, assim, está às voltas com a ideia da existência de uma realidade psíquica própria e com uma realidade que é exterior ao psiquismo, mas que se torna de alguma maneira interna, portanto, realidade dentro do psiquismo.

2.2.2 *Histórico construído sobre o sítio da materialidade dos tempos reais*

Silvia Bleichmar expõe sua compreensão sobre o histórico no artigo O Estatuto do Histórico na Psicanálise, publicado em português em 2015. Para a autora, a concepção de subjetividade como produzida socialmente, na contramão da ideia de natureza humana, seria a vertente mais fecunda em Freud, seja pela racionalidade do argumento, seja por sua capacidade de

transformação na clínica. O caráter social posiciona a materialidade como algo idiossincrático, relacionado à experiência daquele sujeito específico:

a Psicanálise teve a enorme virtude de colocar a *materialidade* mesma que constitui a premissa dessa produção [de sujeitos psíquicos], de isolar as variáveis que a compõem; o caráter social da transformação da cria humana em sujeito psíquico, não se diluindo na sociedade em seu conjunto, não se confundindo com a produção geral de mercadorias ou de objetos, mas especificando-se sob os modos *concretos* [itálicos meus] que lhe dão origem (Bleichmar, 2015a, p. 62)

Para Bleichmar, o histórico, elemento constituinte do psiquismo, apresentado como temporalidade não linear e destinada ao *a posteriori* em psicanálise, assenta-se nos tempos reais e não míticos. Tempos reais que poderão ser posteriormente historizados e que ajudarão a constituir a identidade do sujeito. A análise, neste sentido, visa desconstruir enunciados fixados pela história oficial e não a construção de uma história totalizante. Desta forma, a historização no processo de cura é sempre parcial, possuindo potencialidade para dar lugar aos elementos que ficaram soltos no psiquismo, a partir da desconstrução de elementos soldados, ou seja, a partir de reengendramentos ou novas ensamblagens. Note-se que a própria constituição da arquitetura psíquica com suas instâncias é efeito residual de “processos históricos de diversas ordens, ou seja, inscrições, identificações e recomposições” (Bleichmar, 2015a, p. 64).

É o que ocorre com o recalque originário, para Bleichmar, o produto de um rearranjo psíquico que se estabelece em função de um conflito produzido com a inscrição de representações divergentes. Parte dessas representações – as que causam mal-estar - são inscritas a partir de um discurso parental específico, ou seja, um discurso que se alinha no sentido da contenção das pulsões parciais.

Ser um elemento historicamente inscrito não garante sua composição na história do sujeito. A história é contada a partir do Eu e a “a-historicidade radical do inconsciente” (Bleichmar, 2015, p. 65) se exprime a partir da repetição, num tempo sem história, no sempre presente. Lembremos que o caráter aberto à entrada de novas inscrições a partir de um real exterior do aparelho psíquico permite a inscrição de novos elementos que podem se combinar com marcas e representações previamente existentes, produzindo novas formulações e resultados. É esta ideia que embasa o conceito de neogênese na clínica, um elemento novo, produzido na clínica, que reorganiza outros elementos, formando algo que não estava lá

antes¹⁰. É o que ocorre, por exemplo, quando alguma marca mnêmica pode se tornar história do sujeito a partir do trabalho na clínica. Há um breve relato clínico no capítulo dois do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: Do Mito à História* (1993), que ilustra esta ideia. Trata-se de uma menina de três anos e meio que começou a apresentar “alguns rituais obsessivos precoces, choro constante, marcadamente agarrada à mãe, de quem não pode separar-se” (Bleichmar, 1993, p. 31). Os transtornos, Bleichmar diz, teriam sido “produzidos pelo nascimento de uma irmãzinha” (Bleichmar, 1993, p. 32). Após quatro meses de tratamento, a menina diz a seguinte frase: “‘Mamãe, lembra quando eu era pequena?’” (Bleichmar, 1993, p. 32). Para a autora, a frase soaria absurda a quem a escutasse, uma menina tão nova dizendo sobre quando era pequena. Mas a frase demonstraria a incidência de um antes e um depois, um corte temporal, que se estabeleceu com o tratamento:

No entanto, algo havia ocorrido em relação ao tempo: uma historização que marcava um corte que possibilitava ordenar um antes e um depois, um passado e um presente; que arrancava a menina da posição cristalizada na qual havia chegado ao tratamento. A observação dos pequenos movimentos de constituição do psiquismo infantil passa quase pelo imperceptível. (Bleichmar, 1993, p. 32)

Bleichmar acrescenta que a clínica trata de escutar a história problema e não uma história relato encerrada em si mesma, posto que esta é a forma pela qual o paciente “tematiza e significa a história problema” (Bleichmar, 2015, pp. 65-66). A análise, assim, não visa encontrar o fim da história, na verdade, abre para novas possibilidades históricas. Lembrando que a especificidade do psíquico e de suas leis de funcionamento em psicanálise é o conflito, a história problema contada a partir do relato é sempre uma história conflito: “O histórico encontra aqui sua consistência própria, diferenciando a história como narração, como ‘novela familiar’, como tentativa de temporalização e espacialização do Eu, do vivencial-traumático inscrito como metabólico residual das vicissitudes libidinais do psiquismo” (Bleichmar, 2015, p. 66).

2.2.3 Signos de percepção com materialidade dos índices

¹⁰ No livro *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), Silvia Bleichmar fala do verdadeiro *self* como uma neogênese. Para ela, o falso *self* não encobre um verdadeiro *self*. Não se trata, portanto, de fazer aparecer algo que estava escondido pelo falso *self*, mas de se produzir algo novo, algo que é mais verdadeiro para o sujeito, uma nova formação de compromisso que abranja mais aspectos que a anterior.

Trabalho mais profundamente o conceito signos de percepção no capítulo 6 da dissertação. Neste subtítulo, busco apenas apontar o caráter indiciário que os signos de percepção tomam na obra de Bleichmar, mostrando de forma quase emblemática o traço de materialidade que busco demonstrar como presente em diversos aspectos da obra da autora.

Índice ou indício é uma conceituação do filósofo norte-americano Charles S. Peirce. A psicanalista fez referência ao pensamento de Peirce em mais de um momento de sua obra. Para além da referência direta, sua formulação sobre signos de percepção como índices é sem dúvida atravessada pela concepção semiótica do filósofo norte-americano, conforme busco apresentar mais detalhadamente no capítulo 6, na Parte II da dissertação.

Silvia Bleichmar fala sobre Peirce ao abordar elementos da Semiótica e da Lógica do filósofo norte-americano: “Procurei definir, desde a Semiótica e seguindo a obra de Peirce, o caráter de ‘indício’ desses signos de percepção” (Bleichmar 2015b, p. 33). Assim, primeiramente situa que o conceito de indício de Peirce pode ser pensado apenas no contexto do desvelamento ou da construção de sentido. Ao fazer isso, para além de ser coerente com a ideia de que indício é um termo da tricotomia dos signos em relação ao objeto¹¹, estabelece que não se trata de conceito metapsicológico. Desta forma, signos de percepção e indícios não são termos equivalentes. Os signos de percepção são um conceito metapsicológico, já “o indício alude a um método de leitura da realidade, não a sua inscrição” (Bleichmar, 2015b, p. 34).

Distinção feita, a defesa que faz em seguida no capítulo vai no sentido de mostrar o caráter de indício dos signos percepção. Tal como os indícios (ou índices), os signos de percepção se caracterizam por sua contiguidade com o objeto, *ambos indicam a presença do objeto*. Assim, afirma:

Do mesmo modo operam os objetos autoeróticos: desprendidos do objeto de prazer, restos da presença do agente sexualizante, não o representam, e por isso não são símbolos que podem ser interpretados como busca daquele. A criança que chupa o dedo não quer o peito da mãe, *quer os restos do corpo primordial que reencontra nesse dedo* [itálicos meus]. (Bleichmar, 2015b, p. 35)

Os signos de percepção são os restos que foram deixados como marca de uma presença, remetendo à materialidade das vivências. No entanto, não é exequível precisar com exatidão o que exatamente é o objeto que deixou essa marca. É possível saber apenas, a partir dos signos de percepção quando ativos como compulsões, que houve uma presença perturbadora. *Ou seja, os signos de percepção, tal como trabalhados por Bleichmar, remetem*

¹¹ Ver capítulo 6 da dissertação: Primeiras Inscrições, Arcaico e Signos de Percepção.

à concretude de um fato ocorrido que foi perturbador ao psiquismo daquele sujeito. Presença que deixou como rastro marcas imantadas, energizadas, agitadas, que operam como “ímãs libidinais” (Bleichmar, 2015b, p. 38) no psiquismo. Seu caráter indiciário levaria à hipótese da inscrição de algo sobrando no encontro com a sexualidade parental inconsciente, sem qualquer especificação sobre esta ou de que forma o processo ocorreu. Ressalva importante dado que a relação nunca é direta, uma vez que as marcas inscritas passam por um processo de desqualificação ao ingressarem no psiquismo.

Os signos de percepção são marcas que são mnêmicas sem se constituírem como recordação. Ou seja, são marcas, no sentido de rastros, pegadas, pistas da presença de uma vivência traumática. Mas não são recordação, pois são elementos que não foram fixados na memória, não foram digeridos psiquicamente, não se tornaram história. Ficam no psiquismo “como *materialidade* irreduzível a qualquer ensablagem por serem produto de experiências traumáticas não metabolizáveis” (Bleichmar, 2015b, p. 33).

Conto brevemente a vinheta clínica que Bleichmar usa no capítulo, na qual atuou como supervisora. A analista relatou que a mãe da criança atendida havia perguntado sua opinião sobre algo que, aparentemente, não tinha relação com o caso: a filha costumava ir ao banheiro quando o pai ia tomar banho, sentava-se na privada e ficava conversando com ele enquanto fazia cocô. Silvia Bleichmar entendeu que além do conflito parental explicitado na questão da mãe, a pergunta que caberia era de que forma isto se inscrevia na menina, dado que a cena podia produzir uma impregnação anal do genital ou genital do anal. Não importa se uma coisa ou outra, o importante “é que a cena fixa algo da ordem do prazer anal na relação com a visão do pai nu, e algo se coagula” (Bleichmar, 2015b, p. 41). O pai não sentia asco, não rechaçava a ideia da menina fazendo cocô enquanto ele tomava banho. Isso teria o potencial de produzir uma excitação sobrando. Após a colocação de Bleichmar, a analista se recorda e conta que, em uma sessão, a menina havia chegado carregando papel higiênico, fato que não soube justificar ao ser questionada. Disse apenas que queria mostrar o papel higiênico à analista. A restituição do papel higiênico na cena que deu sua origem é da ordem do indício, usando o método abduutivo, para nós leitores, mas não para a menina. Para ela, tratava-se de um real que não fazia signo. A possível marca deixada pela vivência excessiva teria potencialidade de se tornar um signo de percepção.

2.2.4 A materialidade na arquitetura do psiquismo

A originalidade do pensamento da autora que busco apresentar na dissertação me permite sugerir a existência de um modelo de aparelho psíquico bleichmariano. A materialidade que aqui exponho não poderia deixar de se apresentar na arquitetura deste modelo.

O verbete arquitetura, no *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa* da Lexikon, apresenta a palavra como arte de edificar, verbo que, por sua vez, é apresentado como sinônimo de construir, levantar, criar. Desta forma, a palavra arquitetura remete necessariamente à tridimensionalidade, à espacialidade e à concretude. Falar em arquitetura do psiquismo significa que se trata de um modelo passível de ser apresentado com a espacialidade, concretude e tridimensionalidade da materialidade aqui argumentada.

A ideia de lugares psíquicos por si só traria uma relação de espacialidade. O recalque originário, como veremos adiante no texto, divide o psiquismo em dois campos distintos, duas tópicas: a Inconsciente e a Pré-Consciente/Consciente. Mas espacialidade não necessariamente é tridimensionalidade ou concretude. Assim, entendo que a materialidade estaria sobretudo na forma como os elementos não fixados no psiquismo são apresentados: como elementos soltos que podem circular sem que a barreira do recalque os impeça. São elementos do inconsciente no sentido de não conscientes, ou seja, no sentido de não recalcados. Como vimos, esses elementos são os signos de percepção, que em Bleichmar possuem a materialidade do indiciário.

Para além desse aspecto, o termo *ensamblagem*, expressão frequentemente usada pela autora também alude a imagens de tridimensionalidade e concretude. *Ensamblagem* é uma palavra que vem do verbo *ensamblar*, que, por sua vez, significa (em carpintaria) ajustar, ligar, unir peças de madeira, também reunir madeira por meio de entalhes¹². Ou seja, é uma palavra que tanto em espanhol quanto em português faz referência a um trabalho manual com madeira, a arte de unir peças e encaixes que se complementam. A expressão, em espanhol, é *ensamblaje*, uma palavra relativamente comum, usada no sentido de montagem na Argentina¹³. *Ensamblaje* (ou *assemblage*) também é o nome de um movimento artístico das

¹² A título de curiosidade, é interessante acrescentar que a palavra arquitetura também remete, em sua origem, ao trabalho com madeira, à carpintaria. Arquitetura é derivação da expressão grega *architektōn*, sendo *archi* usado no sentido de principal e *tektōn* de artesão, sobretudo artesão que trabalha com madeira, carpinteiro. Tratava-se do principal artesão, aquele que se ocupava com trabalhos com madeira.

¹³ Conforme informação dada por Juliana Algañaraz, argentina radicada no Brasil.

décadas de cinquenta e sessenta do século passado que se caracterizava por usar diferentes objetos não artísticos para se conseguir determinada tridimensionalidade, em técnica similar à colagem, mas com a característica da tridimensionalidade. Em português, esta técnica é chamada de *assamblage* ou *assamblagem*.

Se formos respeitar a escolha da palavra *ensamblaje* feita pela autora, bem como a insistência dos tradutores brasileiros na seleção da incomum palavra em português *ensamblagem* e, ainda, levarmos em conta a origem da palavra, seu uso comum na Argentina, ou, ainda, a referência à modalidade artística, talvez seja possível supor que a expressão carrega em si o traço de materialidade que estamos tentando evidenciar no presente texto.

Caso a ideia seja coerente, então, *ensamblagem* não condiz exatamente com a imagem de tecer, entrelaçar, produzir uma trama, como algo que faz tecido onde não há, dá tecido ou trama para algo que ficou rasgado, roto, esfarrapado. Entendo que há, sim, relação entre as ideias. Mas a materialidade que a *ensamblagem* alude fala mais em montagem, em arranjo, em ajuste ou união de peças. Para mim, a expressão me faz pensar em brinquedos de montar, como Lego ou com peças magnéticas de montar. É dessa ordem a materialidade da expressão. Dessa maneira, um psiquismo aberto a novas *ensamblagens* é um psiquismo com a tridimensionalidade necessária à ideia de arquitetura. É um psiquismo onde existem elementos de diferentes ordens, organizados de formas diversas e com distintos graus de estabilidade.

Note-se que o recurso à espacialidade e ao realismo está presente em Laplanche também, ele mesmo o destaca, ao abordar a questão do recalque originário: “como se vê, situamo-nos deliberadamente em plena metáfora realista e espacial” (Laplanche, 1992b, p. 24), destacando o uso da expressão “lá” sobre a atração exercida pelo recalque originário ao secundário. Além disto, como será desenvolvido na Parte I da dissertação, a ideia de realismo do inconsciente defendida por Laplanche exerceu papel fundamental para o interesse de Bleichmar sobre o psicanalista francês. No entanto, a “metáfora realista e espacial” não é tão recorrente nesse autor quanto em Bleichmar, tampouco ganha a face da *materialidade*, caracterizando-se como um fator distintivo de seu pensamento.

PARTE I

3. ENTRE O INATISMO KLEINIANO E O ESTRUTURALISMO LACANIANO: LAPLANCHE

No capítulo 2 do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993)¹⁴, Bleichmar conta sobre o ambiente psicanalítico na Argentina nos anos setenta, época em que iniciava sua formação analítica, período da formação no qual os analistas ainda tateiam timidamente diante de seus “precários conhecimentos teóricos” (Bleichmar, 1993, p. 20). Dominava no cenário psicanalítico do país a escola inglesa kleiniana quando ventos do continente europeu levaram trabalhos da escola francesa, como os *Escritos de Lacan* e o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, textos que possibilitaram uma nova leitura da obra freudiana. Conta-nos a autora que chegou a escrever um artigo, à época, em que: “mostrava a imagem grotesca de um analista aterrorizado, agarrado firmemente à poltrona, preocupado em evitar qualquer deslizamento ‘pré-científico’, ‘ideológico’, na interpretação, mais do que interessado no processo da própria cura em que se encontrava comprometido” (Bleichmar, 1993, p.21).

Se o ambiente psicanalítico argentino nos anos setenta passava por uma verdadeira revolução com a entrada do pensamento francês - o que produzia insegurança ao jovem analista - na psicanálise de crianças a situação era particularmente complexa, informa a autora. A ideia do lacanismo de que o campo psicanalítico era exclusivamente da linguagem, no sentido de apreensível apenas por meio do discurso do paciente, colocava em suspeição a técnica do brincar desenvolvida por Klein. Diz-nos Bleichmar que esse conflito levou muitos psicanalistas a abandonar a clínica de crianças, mas outros tantos, como ela mesma, preferiram buscar novas propostas a partir dos fundamentos psicanalíticos, como observamos na passagem a seguir:

Em meu caso particular, pareceu-me mais produtiva a linha que punha em jogo a redefinição de neurose na infância, partindo da concepção de um sujeito em estruturação. Foi ficando cada vez mais claro para mim que não se podia definir *a priori* nenhum tipo de técnica se o conceito reitor de recalamento originário não fosse ressituated assim como o lugar deste na constituição do aparelho psíquico. O ‘mito’ do recalamento originário devia ser retomado como conceito e posto em jogo no próprio campo clínico. (Bleichmar, 1993, p. 21)

¹⁴ O capítulo 2 do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) é a tradução do capítulo 1 do livro *En los Orígenes del Sujeto Psíquico: Del Mito a la Historia*. Os capítulos 1 e 10 do livro publicado em português são acréscimos da edição brasileira publicada nove anos depois do original em espanhol e não constam, portanto, na edição original da Argentina.

Bleichmar posicionava o cenário psicanalítico pós-freudiano entre duas grandes escolas, a kleiniana e a lacaniana, e ambas se mostravam insuficientes clínica e teoricamente à psicanálise de crianças nos primórdios de sua formação. Em nota explicativa, no início do livro *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), afirma:

Vamos considerar escola psicanalítica àquela capaz de fazer uma proposta que implique uma nova metapsicologia e uma nova forma de abordar o objeto. [...] existem basicamente duas grandes escolas pós-freudianas que têm produzido renovações importantes no pensamento psicanalítico, e são as que estão em continuidade com o pensamento de Melanie Klein e de Lacan. (Bleichmar, 2005, p. 26)

Assim, em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), conta que, em 1974, atendeu os pais de um menino, Sebastião, de 28 meses, cujo atendimento a fez formular a questão: “desde [a partir de] quais parâmetros podemos definir o momento adequado em que um sujeito pode ser passível de um tratamento psicanalítico que tenha características como tal, garantindo a mínima racionalidade que nosso trabalho demanda?” (Bleichmar, 1993, p. 32). Essa foi a questão da vida de Bleichmar, ou melhor, a questão, cuja busca de resposta, a fez se tornar conhecida para além das fronteiras de seu meio psicanalítico.

No parágrafo seguinte à tal citação, é possível ver por onde andavam suas pesquisas sobre tal questão:

Vocês sabem que esse não é um problema que se questione quando se trabalha com uma concepção kleiniana da psicanálise de crianças. A concepção manejada por Melanie Klein sobre o inconsciente como um sistema, se nos é permitida a expressão, presente desde as origens da vida, não propõe questões desta ordem. No entanto, eu já conhecia as idéias desenvolvidas por Lacan e as contribuições em relação ao caráter do recalque originário propostas por Laplanche e Leclaire no Colóquio de Bonneval... Tinha lido *A primeira entrevista em psicanálise*, de Maud Mannoni; enfim, como o leitor compreenderá, tinha mais perguntas do que uma técnica aonde apoiar-me. (Bleichmar, 1993, pp. 32-33)

Mencionei anteriormente a entrevista de 2001, na qual a psicanalista revelou ter pensado em uma proposta para a psicanálise de crianças a partir da leitura do texto de Laplanche e Leclaire para o Congresso de Bonneval de 1960, texto que tematiza, entre outros assuntos, o conceito de recalque originário. No capítulo 2 do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), Bleichmar fala também sobre sua aproximação em relação ao conceito de recalque originário a partir de seu próprio retorno a Freud, percurso que a levou aos textos da Metapsicologia (1915) entre outros textos freudianos, como veremos mais detalhadamente no capítulo 5 desta dissertação.

No capítulo atual, limito-me a citar a relevância de Klein e Lacan ao pensamento de Bleichmar nos primórdios de sua clínica, para depois abordar os pontos que a levaram a se aproximar de Laplanche, deixando as articulações da autora a partir do pensamento freudiano para outro momento.

3.1 Melanie Klein

Há muitas passagens em Bleichmar que remetem o leitor a Klein. Em sua maioria, a autora tece críticas a algumas concepções kleinianas. De forma resumida, creio ser possível afirmar que a maior crítica se relaciona ao que Bleichmar nomeia como inatismo ou endogenismo kleiniano. Ou seja, para Bleichmar, Klein partia da premissa do inconsciente existente já a partir das origens. Esta concepção de inconsciente sustentaria a existência de um superego precoce, a ideia de fantasias inconscientes inatas, o uso da técnica da interpretação ou da tradução simultânea kleiniana, entre outros. Ora, lembremos que, para Bleichmar, o inconsciente não existe desde os primeiros tempos da vida psíquica do bebê. Sua fundação se assenta em um processo histórico que culmina com a organização definitiva do recalque originário, cuja efetividade depende de muitos fatores. O tema é trabalhado mais profundamente na Parte II desta dissertação.

São tantas passagens sobre Klein que caberia um texto voltado apenas para mostrar a importância desta autora para as construções bleichmarianas. Destaco duas nas quais a distinção entre o pensamento das autoras emerge sem grandes esforços ao leitor:

É também aqui onde pensamos que se poderia repensar o conceito de superego precoce de Klein, com sua crueldade extrema, seu sadismo, as ansiedades que impõe. Em concordância com Klein, diremos que são as moções pulsionais, os desejos recusados que agitam o sujeito, os que marcam a força desta instância de contra-investimento. Diferente dela, formularemos que é a clivagem inicial do semelhante (o fato de que a mãe esteja atravessada conjuntamente por sistemas desejantes e de proibição contrapostos, topicamente instalados) o que definirá os equilíbrios de forças às quais o incipiente sujeito ver-se-á submetido, porque a força de contra-investimento assim como a inscrição pulsional virá do outro.

Esta posição deve permitir-nos sair tanto do mecanicismo que vê na severidade do superego a herança identificatória como exercício da interdição parental, como do *inatismo* [itálico meu] que considera o superego como uma produção endógena, espontaneamente constituída para proteger o sujeito do sadismo pulsional. (Bleichmar, 1994, pp. 183-184)

Ou:

Desde uma perspectiva endogenista pode-se pretender ‘tornar consciente o inconsciente’ sem por isso historizar, na medida em que o que se propugna é a tradução a outro registro do discurso, à ‘linguagem da pulsão’ - questão discutida amplamente em relação à tradução simultânea que o kleinismo [itálicos meus] propiciou desde uma perspectiva que considera o id, no processo da cura, como a única realidade e, em consequência, todo o pré-consciente deve ser remetido a seu substrato pulsional de base sem mediações. Desde a perspectiva que recupera a historicidade fundante do sujeito psíquico e que considera o inconsciente como resíduo metabólico de inscrições exógenas, a atemporalidade do inconsciente leva a sua indestrutibilidade, mas não à possibilidade de religação de suas representações. (Bleichmar, 1994, p. 58)

Apresentei trechos apenas do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994) motivada por uma breve passagem no capítulo 1 deste livro, que me parece emblemática do distanciamento entre Bleichmar e Klein em relação à concepção de inconsciente. É uma passagem que a autora sequer cita Klein. No capítulo em questão, Bleichmar apresenta o relato do paradigmático caso Daniel, o bebê “que não dormia nada” (Bleichmar, 1994, p. 10), a partir do qual desenvolve suas ideias sobre as primeiras inscrições psíquicas, assunto que será amplamente trabalhado no capítulo 6 desta dissertação. A passagem é a seguinte:

Já não estamos naqueles tempos nos quais um analista sentia-se inclinado a ‘interpretar’ a fantasia inconsciente ao bebê [itálicos meus]. Ainda mais, nem aqueles que têm uma proposta do inconsciente como existente desde as origens nunca aceitaram totalmente levar até às últimas consequências a premissa técnica que daí pudesse ter-se derivado, quer dizer, a interpretação como modo de resolução de patologia em bebês muito pequenos. De minha parte, sabia que a estratégia de abordagem terapêutica dependia do modo em que o funcionamento psíquico precoce é concebido, já que uma técnica não pode ser senão a resultante, enquanto método, da concepção que se tenha ‘da própria coisa’. (Bleichmar, 1994, p. 10)

Na exposição do caso, a psicanalista apresenta o material clínico da dupla (mãe-bebê), da tríade (mãe-bebê-pai) e suas próprias intervenções, demonstrando, em sua prática, como o fazer clínico reivindica fundamentação metapsicológica. Ora, se fantasias inconscientes são uma espécie de pré-formado de origem endógena ou inata, talvez fosse até possível fazer interpretações para bebês; isso seria levar às últimas consequências uma premissa teórica que suporia o sofrimento de Daniel como resultado do sadismo de suas fantasias inconscientes precoces. No entanto, para Bleichmar, Daniel sofria por um motivo distinto, a saber, pelo excesso libidinal que não encontrava escoamento por vias colaterais, o que o deixava constantemente inquieto. Não havia inconsciente a ser interpretado ainda. Não no bebê, não naquele momento que era o da inscrição pulsional. O trabalho possível era com a dupla mãe-

bebê, ou com a tríade, envolvendo o pai em algumas situações. Contudo, para Bleichmar – e isso é relevante - seu paciente *era Daniel*¹⁵, não a mãe ou a família, apesar do trabalho ter incidido, essencialmente, sobre o psiquismo materno, no sentido de ajudá-la a encontrar possibilidades de construções de vias colaterais ou no sentido de dar vazão para sua pulsionalidade.

Menciono essa passagem pois, na minha leitura, o caso apresenta marcas da influência de Klein na obra de Bleichmar. Por exemplo, quando a autora menciona a existência de transbordamento da inquietação de Daniel até (em direção a) ela, poderíamos escutar algo muito próximo ao conceito kleiniano de identificação projetiva. Ou, ao dizer que Daniel queria se meter dentro do seio materno e se sentir cheio, penso que a psicanalista poderia supor algo em Daniel que poderia ser escutado como uma fantasia, ainda que não inconsciente. Ou, ao afirmar que a mãe era apenas um seio para Daniel naquele momento, entendo que se trata de uma suposição coerente com a concepção de posição esquizo-paranoide, esperada para um bebê de 5 semanas, idade de Daniel quando chegou ao consultório de Silvia Bleichmar. Lembrando que as posições kleinianas não se limitam às etapas do desenvolvimento, mas contemplam tal ideia.

Contudo, sem dúvidas a autora se distancia consideravelmente de Klein. Observamos isso, por exemplo, na diferença entre os estilos de intervenções, ou ao trabalhar com as fantasias parentais. E, principalmente, na compreensão da situação clínica.

Em suma, para Bleichmar não há inconsciente constituído como tópica nos primeiros tempos de vida psíquica, dado que ainda não existiriam conteúdos recalçados. Portanto, não faria sentido algum interpretar fantasias inconscientes a um bebê. Seja pelo evidente questionamento sobre a existência de fantasias inconscientes inatas, seja pela consequência que a ideia traz: se não há inconsciente, não podemos pensar na existência de uma tópica psíquica consciente, da mesma forma que não podemos pensar na existência de um ego como um precipitado capaz de representar-se a si mesmo. Lembremos que para ela, nesses primeiros tempos, as marcas psíquicas não são consciente nem inconsciente, eles vagam soltas por um psiquismo não clivado, um psiquismo que ainda nem bem se diferenciou da mãe. Portanto, interpretar fantasias ao bebê pressuporia a existência de um sujeito bem menos incipiente.

¹⁵ “considero-me, apesar do tipo de intervenções realizadas, a ‘analista de Dani’.” (Bleichmar, 1994, p. 44).

Neste mesmo capítulo 1 do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), Bleichmar ainda afirma que a voracidade, importante conceito desenvolvido por Melanie Klein, seria mais efeito de uma falha de narcisização materna do que um *a priori*:

A voracidade então será um efeito, não um a priori – como certos desenvolvimentos pós-freudianos pareceriam propiciar – e esta voracidade é a que veremos reaparecer, logo, como ‘ponto de fixação’, quer dizer, como excesso de investimento que insiste, de um modo não ligado, nas patologias mais severas não apenas na infância, mas também na idade adulta. (Bleichmar, 1994, p. 33)

Podemos imaginar a quem ela se referia quando escreveu “certos desenvolvimentos pós-freudianos”... De qualquer forma, sem dúvidas, Silvia Bleichmar atribuiu as dificuldades pelas quais Daniel e sua família passavam muito mais aos pais do que Klein atribuiria.

Apesar das distinções expressadas em relação a escola kleiniana, Silvia Bleichmar reconhece a relevância e engenhosidade do pensamento de Klein, como podemos observar em passagens de seus principais livros. Apresento trechos extraídos das três principais publicações trabalhadas aqui nesta dissertação: *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994) e *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005). Assim, em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) faz uma espécie de tributo a Klein:

desejo destacar o profundo efeito que seu trabalho teve em minha compreensão da especificidade do campo analítico; sua aguda observação do simbolismo no processo da cura (que leva a considerar que no consultório nunca um buraco na parede seja um buraco na parede, senão algo da ordem dos orifícios de entrada e de saída, tanto do próprio corpo como do corpo materno) marcou minha perspectiva clínica dando-me recursos para evitar que a rigorização de minha tarefa pudesse converter-se em uma intelectualização. (Bleichmar, 1993, p. 203)

Em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), a autora dedica um item do capítulo 5 ao reconhecimento da relevância de Klein sobre seu pensamento e sua formação, cujo título é *O que nos Ensinou Mrs. Klein*. No item reconhece a força da pulsionalidade na metapsicologia kleiniana, a importância das pulsões parciais e a relevância do reconhecimento de fantasias no espaço do tratamento psicanalítico. A sexualidade infantil é viva, pulsante, e deve ser trabalhada muitas vezes diretamente na clínica de crianças, como vemos nos seguintes trechos desse item:

quando se assinala [em uma supervisão], por exemplo, que sua paciente, essa menininha, ‘aperta as pernas na sessão para reter seus pensamentos como se tivesse medo de perder seu xixi valioso’, aparece a pergunta: ‘E como se pode dizer isso?’. Pergunta que desloca a interpretação do

discurso dirigido à criança, provando - ainda hoje! – a dificuldade que os analistas de crianças têm - como um pudor primitivo, quotidiano, efeito do recalçamento da sexualidade infantil-, de falar, em seus consultórios, a linguagem do erotismo erógeno. (Bleichmar, 1994, p. 123)

E adiante:

Sem dúvida que se pode falar dos afetos sem que isso signifique falar do inconsciente [...]. Porque para o inconsciente não se está ciumento de papai, nem se odeia mamãe, senão que eles estão atravessados por um posicionamento em relação àquelas representações de mamãe e de papai que os constituem enquanto sujeitos sexuados, daquelas representações de mamãe e de papai atravessadas pelo desejo que se encarna - sem nenhum tipo de espiritualismo - no pênis e nos buracos, no ventre e nos seios, em cada um dos fragmentos que remetem (Bleichmar, 1994, pp. 123-124)

E em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), Bleichmar também reconhece a importância da psicanalista radicada em Londres. Assim, afirma que a técnica do brincar desenvolvida por Klein poderia se aproximar de uma categoria semiótica, o que permitiria supor articulações significantes, como vemos a seguir:

para Melanie Klein, o brincar é um equivalente da associação livre, e isso a partir de uma perspectiva muito interessante que consiste na tentativa de transformar o brincar numa categoria semiótica que possibilite trabalhar sob articulações significantes. Isso não concerne só à questão técnica e, só vou me deter agora para assinalar, que a não modificação dos objetos da caixa lúdica remete a essa intenção de se constituir uma bateria significativa mínima, por isso não se pode modificar demasiadamente o conteúdo que a constitui. A caixa tem que ter uma certa estrutura para que os objetos possam articular-se e compor significações que possibilitem caminhar na direção de um desvelamento do inconsciente. (Bleichmar, 2005, p. 32)

E, adiante, atribui engenhosidade e criatividade à concepção kleiniana de seio mal, como a possibilidade de inscrição de uma ausência no inconsciente, a partir da transformação da ausência em ataque:

É Melanie Klein, possivelmente, na história da psicanálise, quem tenta uma resolução intuitiva, verdadeiramente genial, propondo que o modo fantasmático de inscrição da ausência, dessa ausência constitutiva que é a ausência do seio, quando observa que toda ausência, a partir dessa ausência paradigmática constituída pela ausência do seio, se transforma em presença atacante – o seio ausente é ‘seio ruim’ – e estabelece uma mitologia que torna apreensível, representacional, o caráter do inconsciente como uma positividade radical, ou seja, como algo da ordem do real onde não há possibilidade de representação do nada. (Bleichmar, 2005, p. 33)

Tendo exposto a relevância de Klein para Silvia Bleichmar, seja pelas indagações nascidas a partir de discordâncias conceituais, seja pelo próprio reconhecimento do valor do pensamento kleiniano, apresento, a seguir, algumas breves considerações sobre a importância de Lacan para a formação de Bleichmar.

3.2 Lacan

Há muitos momentos em que Bleichmar fala do psicanalista francês, inclusive algumas passagens biográficas. Na mencionada entrevista para a revista Fort-Da (2001), por exemplo, a autora afirma que chegou a se considerar lacaniana: *“De modo que el discurso de Lacan, si bien me impactó enormemente, me transmitía como una sensación dogmática y aunque participé del proceso y me consideraba [grifo meu] lacaniana, el dogmatismo me producía una cierta sensación de incomodidad¹⁶”* (Bleichmar, *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños*, 2001).

Na mesma entrevista, conta que se vinculou a um grupo de lacanianos quando se exilou no México. Posteriormente, ao conhecer Laplanche, levou artigos seus escritos em dois periódicos lacanianos. Nas palavras de Bleichmar, Laplanche, falou: *“¡Pero estas son revistas lacanianas!”*. Na sequência: *“‘Mire, usted vive en Francia, yo vivo en México y publico donde puedo’¹⁷”* (Bleichmar, *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños*, 2001).

A tarefa que me proponho neste item talvez seja tão árdua quanto foi com Klein. Dada a profusão de material, escolhi usar apenas citações do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), pois são ricas o suficiente e se situam temporalmente em um momento em que Bleichmar estava bastante próxima da psicanálise francesa, época dos desenvolvimentos de sua tese de doutorado.

Assim, creio ser possível afirmar que a maior crítica da autora a respeito de Lacan tenha incidido sobre a concepção de inconsciente do autor. Se Bleichmar concordava, por um lado, com o inconsciente fundado, ou seja, não presente desde as origens, por outro lado, frequentemente criticava a ideia de inconsciente como discurso do outro; da mesma forma criticava o estruturalismo que a proposta de inconsciente estruturado como linguagem pressupõe, em grande medida por não levar em consideração aspectos históricos da criança, como vemos na passagem a seguir:

¹⁶ “De modo que o discurso de Lacan, ainda que tenha me impactado enormemente, me transmitia algo como uma sensação dogmática e, ainda que eu tivesse participado do processo e me considerasse lacaniana, o dogmatismo me produzia uma certa sensação de incômodo” [tradução minha].

¹⁷ ““Mas estas revistas são lacanianas!””. Na sequência: ““Olha, o senhor vive na França, eu vivo no México e publico onde posso”” [tradução minha]

A maior virtude que este posicionamento [o de Lacan] revolucionário inaugurado na metade de nosso século teve foi marcar o caráter exógeno e de cultura da fundação do inconsciente [...]. No entanto, o movimento estruturalista não permite [...]enfrentar duas questões centrais: por um lado, que os tempos desta fundação do inconsciente não são tempos míticos senão tempos reais, e que seu cercamento deve ser explorado não apenas a partir das condições de estruturação nas quais o sujeito se constitui senão das vicissitudes históricas [...]. Por outro lado, que o estatuto da linguagem deve ser situado desde uma dupla perspectiva: [...] aquela das condições da estrutura edípica [...]e, por outro lado, enquanto aquisição [...], caráter segundo da linguagem em relação à barreira do recalçamento originária. O terceiro elemento que obstaculizou uma perspectiva mais fecunda para os desenvolvimentos lacanianos provém da perspectiva invertida com a qual a criança é concebida: enquanto significante fálico da mãe, que vem obturar a castração, seu posicionamento está definido enquanto objeto e não como sujeito. (Bleichmar, 1993, p. 13)

Nesta mesma citação, é possível ver outra crítica da autora com relação ao pensamento lacaniano, sobre a ideia que concebe a patologia da criança como fruto do sintoma do outro. Nas palavras dela, como significante fálico da mãe, a criança permanece como objeto, não como sujeito. A consequência disso, diz Bleichmar, seria a inversão presente no pensamento do lacanismo na qual os sintomas na criança não são próprios dela, mas resultado de conflitos nos pais ou entre os pais. Não é a criança, sob esta perspectiva, que precisaria de tratamento, mas os pais, ou a relação destes. Em última instância, poderíamos pensar que tratar os pais resultaria, portanto, no tratamento do sintoma já instaurado no filho. Ainda em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), há uma passagem na qual Bleichmar fala de um relato de Maud Mannoni sobre um menino de onze anos, com fundamentação teórica assentada no lacanismo, no qual teria afirmado que o problema da criança seria ter uma mãe insatisfeita. É mais uma passagem interessante, cujo tom parece denotar quão absurda a ideia devia soar para Bleichmar:

No entanto, algo nos deixa em dúvida: de que se trata *na realidade?*, diz Maud Mannoni.

‘De uma insatisfação da mãe como filha’.

Na realidade (o sublinhamos), de quê?

Porque uma insatisfação da mãe como filha pode produzir em outro caso uma fobia grave, uma sintomatologia obsessiva, um quadro de agressividade, etc. E ainda mais: desde os trabalhos sobre a sexualidade feminina que abriram essa problemática em Freud, qual é a mãe que não está insatisfeita como filha? Poderíamos pensar, levando isto até suas últimas consequências, que uma mulher que estivesse satisfeita como filha talvez não se propusesse ser mãe. (Bleichmar, 1993, p. 26)

Dentre as principais críticas a Lacan, ainda destaco a argumentação de Bleichmar de que a sexualidade infantil no autor se relacionaria mais à lógica fálico-castrado, questão da completude presente na estruturação edípica, do que à parcialidade pulsional ou ao autoerotismo. A passagem abaixo caminha neste sentido:

Poderá ser-nos assinalado [...] que aquilo que propomos não se afasta do que foi assinalado por Lacan quando considera o auto-erotismo como um desprendimento do narcisismo: da objetividade narcisista da mãe à imprompta da pulsão parcial, por derivação, no filho. No entanto, não nos parece que seja assim; o ponto central de discrepância é a concepção da mãe como sujeito cindido. Nesta medida, a sexualização da criança não é produto do narcisismo materno, senão do fato de que este narcisismo [...] está em contraposição com o inconsciente, no qual a boca que recebe no filho não remete apenas à castração-completude, *senão à imbricação fantasmática pela qual a série prazer-desprazer jogada na oralidade recebeu formas lógicas de organização pré-consciente na série fálico-castrado* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1993, p. 128)

Ou, ainda:

Em primeiro lugar, se o estágio do espelho instaura a matriz simbólica na qual o ego se constitui, sua função não é a função de precipitar da insuficiência à antecipação, senão a de obturar o caráter despedaçante que o auto-erotismo tem na constituição do sujeito psíquico. Este é um aspecto em relação ao qual discordamos de Lacan. O caráter fundamental do vínculo materno nas origens não é, desde nossa perspectiva, a unificação do corpo infantil, senão seu despedaçamento libidinal. *Isto quer dizer que a constituição das zonas erógenas, marcadas pelo cuidado excitante ao qual o bebê é submetido como objeto passivo do sujeito ativo que o pulsiona, introduz no corpo os espaços de discordância que marcam o impromptu da sexualidade* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1993, p. 158)

Já com relação a aspectos do pensamento lacaniano absorvidos e apropriados por Bleichmar, destaco o narcisismo e o estágio do espelho. Os desenvolvimentos que a psicanalista fez sobre a constituição do eu, que levam em consideração a concepção lacaniana sobre narcisismo e estágio do espelho são mencionados, mas não são trabalhados nesta dissertação. Outro aspecto, relacionado aos anteriores e trabalhado de forma singular por Bleichmar, diz respeito aos tempos do Édipo, ainda que os tempos de constituição do psiquismo de Bleichmar não coincidam com os tempos do Édipo em Lacan. A passagem a seguir mostra o pensamento da autora sobre os tempos do Édipo de Lacan:

Em primeiro lugar assinalarei que, em termos gerais, parece-me fecundo retomar a proposta de Lacan a respeito dos três tempos do Édipo para marcar os movimentos de constituição do sujeito, assim como a proposta de classificação da patologia em três grandes áreas: psicose, perversão e neurose. (Bleichmar, 1993, p. 30)

Sobre esse ponto, também existe o registro de uma passagem biográfica interessante. Há uma entrevista de Silvia Bleichmar publicada na revista *Psyché* da Universidade São Marcos. Nela, Ferreira e Molloy (2001), visando introduzir o leitor ao pensamento de Bleichmar, mencionam que, em certa ocasião, Laplanche perguntou a Bleichmar quando ela iria abandonar os tempos do Édipo. Reproduzo a passagem:

ele perguntou [Laplanche]: ‘Já não estava na hora de você abandonar o modelo dos tempos do Édipo de Lacan?’. E ela [Bleichmar] disse: ‘Eu não vou abandonar nada que eu não saiba por que abandonar, sem ter com o quê substituir.’

Nesse instante, Laplanche fez um gesto, como que dizendo: *touché!* Dois dias depois, despedindo-se dela, abraçou-a e disse: ‘Não está na hora de você abandonar os tempos do Édipo?’

Não sentiu necessidade de contestá-lo, pois uma das coisas que a ajudou muito em Paris foi a condição de estrangeiridade. (Ferreira & Molloy, 2001, p. 194)

O próximo item aborda o caminho da terceira via em Laplanche, com o intuito de apresentar os caminhos que levaram Bleichmar a chegar no autor. Nesse contexto, o artigo escrito por Laplanche e Leclaire para o Colóquio de Bonneval ocupa papel fundamental.

3.3 Laplanche

Na entrevista publicada pela *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños* (2001), conta Bleichmar sobre seu primeiro encontro com Laplanche, uma passagem curta e interessante. Ao conhecer o psicanalista francês, relata a seguinte conversa: “*Yo vengo a verlo a usted porque usted es el más freudiano de los lacanianos*’. Y él me contesta: ‘No, yo soy el mas lacaniano de los freudianos’ (risas)¹⁸” (Bleichmar, *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños*, 2001).

Na mesma entrevista, como já mencionado, Bleichmar fala sobre a importância do texto de Laplanche e Leclaire para o Colóquio de Bonneval de 1960. O texto teria sido disparador para suas próprias construções sobre o conceito de recalque originário, este pensado como um importante conceito metapsicológico, em um primeiro momento, à clínica de crianças. Neste item apenas apresento um contexto sobre o artigo, para, no próximo capítulo, abordá-lo mais detalhadamente.

Os Colóquios de Bonneval foram eventos organizados por Henri Ey, em Bonneval, na França, a partir de 1942. O tema do VI Colóquio, realizado em 1960, foi o Inconsciente. Jean Laplanche e Serge Leclaire escreverem um texto chamado *O Inconsciente: Um estudo Psicanalítico* e tanto o texto quanto o colóquio se tornaram famosos, por serem considerados o início da ruptura entre o discípulo Laplanche e o mestre Lacan. O artigo escrito por Laplanche e Leclaire distanciava-se da concepção lacaniana de inconsciente estruturado como linguagem, na verdade, as partes escritas por Laplanche distanciaram-se mais, enquanto

¹⁸ ““Venho ver o senhor porque o senhor é o mais freudiano dos lacanianos’, ao que Laplanche me responde: ‘Não, eu sou o mais lacaniano dos freudianos’ (risos)” [tradução minha].

Leclaire permaneceu mais próximo do pensamento lacaniano. Conta-nos Alonso (2012), em nota sobre a morte de Laplanche:

Em 1960, Henri Ey organizou o Colóquio de Bonneval, no qual psiquiatria, psicanálise e filosofia estiveram representadas num caloroso e fervilhante debate sobre o estatuto do inconsciente. Jean Laplanche esteve entre os representantes da SFP [Sociedade Francesa de Psicanálise], e a parte essencial do Colóquio dizia das relações entre inconsciente e linguagem. Leclaire e Laplanche apresentaram um trabalho: “O inconsciente, um estudo psicanalítico”, que está dividido em capítulos, assinados separadamente por cada autor. Eram dois amigos, mas que se posicionaram diferentemente: Leclaire defendeu a tese do inconsciente-linguagem e a apresentou através de um caso clínico; já Laplanche afirmou, pelo contrário, que o inconsciente seria a condição da linguagem, afastando-se da hipótese lacaniana e inaugurando o debate sobre o realismo do inconsciente, o que implicava também em uma ‘briga’ com Lacan. (Alonso, 2012)

O artigo do colóquio foi citado por Bleichmar mais de uma vez em sua obra. Em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), por exemplo, a autora o mencionou contextualizando a polêmica em torno do conceito de inconsciente, da posição do organizador sobre a dupla gênese da doença mental (biológica e psicogênica) à posição de Lacan e ao texto de Laplanche e Leclaire, que particularmente a interessou:

Essa é a grande polêmica que se inaugurou ali e sobre a qual girou todo o pensamento da época (cuja vigência eu não preciso salientar). Mas isso não se produziu sem encontros e desencontros entre os analistas presentes. Um dos eixos polêmicos - que me interessou particularmente - foi o que diz respeito ao momento de fundação do inconsciente. O texto ‘O Inconsciente: um estudo psicanalítico’, apresentado por Laplanche e Leclaire, abre uma discordância muito importante com Lacan a respeito da concepção do inconsciente, recuperando a concepção freudiana que concebe o inconsciente como estrutura segunda em relação ao pré-consciente/consciente e marca seu realismo. Este texto ficou muito conhecido na Argentina por volta de 1970 – curiosamente, num primeiro momento, como validação e aproximação à concepção lacaniana do inconsciente. (Bleichmar, 2005, p. 112)

Mas foi no capítulo 3 de seu primeiro livro que Bleichmar se estendeu mais sobre o texto de Laplanche e Leclaire. Conta-nos lá que inicialmente havia compreendido o artigo do colóquio como uma crítica que os autores faziam à interpretação kleiniana, ao modo de tradução simultânea, o que foi tomado como uma aproximação em relação à posição lacaniana. Afirma que “conhecia vagamente” (Bleichmar, 1993, p. 41) que existiam distinções entre a concepção de inconsciente apresentada no texto e a concepção lacaniana, mas tentava acomodar as duas posições como não opostas, entendendo, a partir da diferenciação de Saussure entre linguagem e fala, que a linguagem, como estrutura da língua, seria a condição do inconsciente em Lacan e, para Laplanche, o inconsciente seria condição da linguagem como *fala*:

O conflito de lealdades que isto precipitava em mim, junto à dificuldade para embrenhar-me em textos que me pareciam de difícil abordagem, levava-me a uma resolução fácil: o inconsciente, tal como propõe Lacan, é um efeito das determinações da ordem significativa, da ordem simbólica e, em tal sentido, é um efeito da linguagem. Por outra parte, desde minha experiência clínica com crianças pequenas nas quais o recalçamento originário não tinha terminado de constituir-se e com crianças psicóticas nas quais se evidenciavam as falhas desta estruturação, pensava que era absolutamente coerente propor que o inconsciente é a condição da linguagem (Bleichmar, 1993, p. 42)

O texto de Laplanche e Leclaire está organizado em cinco seções. As seções I, II e IV foram escritas por Laplanche e as seções III e V, por Leclaire. A composição a quatro mãos vai se evidenciando ao longo do artigo, algumas partes parecem não conversar com outras. Aliás, o texto parece ambíguo, mesmo se considerarmos apenas os trechos escritos por Laplanche. Assim, ao leitor desavisado, pode de fato soar lacaniano, pelo menos em sua maioria. Na versão publicada no livro *O Inconsciente: VI Colóquio de Bonneval* (organizado por Henri Ey e publicado antes do livro *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id*), Laplanche escreve um longo *post-scriptum*, cujo início pareceria enigmático:

Nos atos desse Colóquio, foi permitido a cada um a liberdade de retocar sua contribuição [Laplanche não mudou o texto] [...]. Mas se é verdade que o que Hegel chama 'lei do coração' e 'delírio da presunção' é uma estrutura fundamental do ser humano [...], como espantar ao ver o próprio analista manifestar por vezes uma imprudência que vai até a lhe fazer assimilar as desventuras de seu personagem e os infortúnios de seu ego no encaminhamento de seu pensamento e mesmo nos destinos da verdade[?]. Pode êle, sob o pretexto de liberdade, tolerar que o fórum se degrade em circo? (Laplanche & Leclaire, 1969, p. 111).

Em *Problemáticas IV: o Inconsciente e o Id* (1992), esse trecho do *post-scriptum* foi suprimido, mas o restante reaparece tal qual a edição organizada por Ey. Usei anteriormente o tempo verbal "pareceria" porque o próprio Laplanche trouxe luz ao "mistério" em torno do artigo na primeira parte do livro *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (1992), conforme podemos ver no trecho a seguir:

A fim de localizar agora esse texto de 1960 em seu conjunto, recordarei que ele se situava num ambiente que fatalmente o faria parecer uma expressão do pensamento 'lacaniano'. Apresentado por alunos de Lacan, era forçosamente expressão do lacanismo, e Lacan, preocupado sobretudo com seu impacto 'político', não o discutiu, pelo menos nessa época, e com motivos. Ora, de fato, se ele utiliza em sua abordagem certas contribuições lacanianas, esse trabalho deve ser situado, num campo muito nitidamente demarcado em relação a Lacan, e num aprofundamento das teses freudianas. A nota introdutória por mim adicionada define bem o essencial do que se objetivava, através da formulação lapidar de 'o inconsciente estruturado como uma linguagem'. Essa formulação [...] teve sobretudo por efeito assinalar – através dos termos 'como' e 'uma' – as

diferenças entre o inconsciente e a linguagem, a nossa linguagem feita de palavras (Laplanche, 1992b, p. 32)

Realizada essa contextualização sobre o artigo de Laplanche e Leclaire para o Colóquio de Bonneval de 1960, apresento os desenvolvimentos laplancheanos essenciais aos avanços próprios de Silvia Bleichmar no próximo capítulo.

4 NA TERCEIRA VIA, LAPLANCHE

Apresento a seguir alguns desenvolvimentos do psicanalista francês Jean Laplanche que se relacionam com o tema da dissertação e que influenciaram Silvia Bleichmar. A ordem cronológica de apresentação é proposital. O objetivo principal desta dissertação, lembremos, é mostrar as contribuições originais da autora a respeito do aparelho psíquico em relação a concepções de Laplanche. Para tanto, entendo ser essencial apresentar ao leitor as ideias do psicanalista francês antes e após o encontro com Bleichmar até data anterior à publicação do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito*. Busquei, na medida do possível, seguir o “caminho das pedras” oferecido pela autora, ao mencionar obras que a influenciaram, para seleção dos textos laplancheanos.

Assim, os textos de Laplanche que são trabalhados neste capítulo são: (i) *O Inconsciente: Um Estudo Psicanalítico*, escrito por Laplanche e Leclaire em 1960 para o Colóquio de Bonneval; (ii) o primeiro capítulo de *Vida e Morte em Psicanálise*, livro publicado originalmente em 1970; (iii) a primeira parte do livro *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id*, publicado originalmente em 1981; e (iv) os dois primeiros capítulos de *Novos Fundamentos para a Psicanálise*, originalmente publicado em 1987.

Silvia Bleichmar já havia lido os textos (i) e (ii) antes de se encontrar pela primeira vez com Laplanche e os menciona como tendo sido importantes leituras, sobretudo o texto para o Colóquio de Bonneval de 1960¹⁹. O texto (iii) é composto por transcrições de aulas de Laplanche na Universidade de Paris VII, entre os anos de 1977 e 1978, ou seja, antes de Bleichmar começar a acompanhar o grupo do psicanalista francês. No entanto, muito possivelmente teve acesso ao original francês assim que publicado em 1981, período em que

¹⁹ Y entre esos textos, el Coloquio Bonneval me marcó de manera particular, y por supuesto ‘Vida y muerte en psicoanálisis’ y el diccionario de Laplanche y Pontalis, el Vocabulario de psicoanálisis que había sido muy ordenador para empezar a comprender cómo se trabaja el concepto y salir de la linealidad de Strachey, porque lo novedoso era una lectura en problemática, una lectura epistemológica de Freud. Y estaba presente en todo este debate, por ejemplo el por qué no hacer una lectura cronológica de Freud, o por qué el retorno a los clásicos. Era muy interesante en ese momento, era muy rico. (Bleichmar, *Fort-Da Revista de Psicoanálisis con Niños*, 2001) E entre esses textos, o Colóquio Bonneval me marcou de maneira particular e, sem dúvida, ‘Vida e Morte em Psicanálise’ e o dicionário de Laplanche e Pontalis, o *Vocabulário de Psicanálise* que havia sido muito ordenador para começar a compreender como se trabalha o conceito e sair da linearidade de Strachey, porque a novidade era uma leitura em problematização, uma leitura epistemológica de Freud. E estava presente neste debate todo, por exemplo, o porquê de não fazer uma leitura cronológica de Freud, o porquê do retorno aos clássicos. Era muito interessante neste momento, era muito valioso [tradução minha].

desenvolveu sua tese de doutorado. Adicionalmente, ao trabalhar o texto (iii) abordo também algumas passagens pontuais do livro *Fantasia Originaria, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia* (1964/1990). Já o texto (iv) se trata de um esforço de Laplanche em integrar e consolidar seu pensamento. Publicado após o término do doutorado de Bleichmar, é razoável supor que a psicanalista tenha acompanhado seu nascimento e talvez até mesmo o influenciado em algum grau, posto que Laplanche já tinha conhecimento sobre as reflexões de Silvia Bleichmar quando o escreveu. Laplanche inclusive faz menção elogiosa à tese de doutorado de Silvia Bleichmar neste livro.

4.1 O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico

Vamos, então, ao famoso artigo escrito para o Colóquio de Bonneval. Na primeira seção, Laplanche, abre uma discussão com um texto de Politzer²⁰, que criticava tanto o realismo do inconsciente quanto o mecanicismo abstrato da metapsicologia freudiana, pois para ele o modelo freudiano não seria algo particular, de uma pessoa. A crítica de Laplanche ao texto do autor se ancorou tanto na necessidade de estabelecer o inconsciente como uma realidade própria quanto na defesa da metapsicologia freudiana, que não retiraria o caráter particular de cada sujeito.

Laplanche argumenta que Politzer teria sido reducionista ao colocar, em uma estrutura de duas dimensões, uma letra (conteúdo manifesto) e um sentido (ocupando o lugar do inconsciente), o que tornaria insustentável a existência de noções como conflito, formação de compromisso, etc, ou seja, as formações do inconsciente. O inconsciente, afirma Laplanche, possui um mesmo nível de realidade que o manifesto. O modo de escuta dos psicanalistas privilegia justamente as formações próprias do inconsciente, como os sonhos, os lapsos, atos falhos...

Laplanche ainda relembra que o inconsciente deve ser pensado em seu sentido tópico, como oposição ao pré-consciente e à consciência. Freud teria feito esta distinção em toda sua obra, afirma o autor. Segundo Laplanche, Freud teria denominado o pré-consciente de “conhecimento consciente” (*bewusste Kenntnis*), em oposição ao consciente, mas, sobretudo,

²⁰ Laplanche conta-nos que Politzer era um filósofo marxista que escreveu, em 1928, um livro chamado *Critique des Fondements de la Psychologie*, inserido dentro de um projeto de fundar uma “‘psicologia concreta’, a partir destes dois paradigmas, psicanálise e *Gestalttheorie*, com a condição de desembaraçar ambas do que nelas pudesse subsistir de entulho metafísico, coisista e ‘idealista’” (Laplanche, 1992b, p. 33).

em oposição ao sistema inconsciente. O inconsciente tópico diz respeito à parcela de conteúdos que passam por uma ação de censura, tornando-se inacessíveis à consciência. O pré-consciente, por sua vez, está aberto à consciência e seria formado por recordações não atualizadas, por conhecimentos, estoque de opiniões. Tal distinção tem como corolário que o conceito freudiano de inconsciente está muito distante da ideia de inconsciente (ou subconsciente) da psicologia ou da fenomenologia do campo da consciência. Assim: “O inconsciente psicanalítico não se define, com efeito, em relação ao campo intencional onde o sujeito se ‘temporaliza’, mas por oposição a um sistema que, em sua maior parte, não é consciente: o sistema Pcs-Cs” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 226).

Se ao longo da primeira seção do artigo Laplanche buscou se posicionar a favor do realismo do inconsciente psicanalítico a partir de Freud, usando a ideia politzeriana de inconsciente como uma espécie de preâmbulo para tal, na segunda seção questionou os motivos de Freud ter erigido a ideia de uma “segunda consciência” no texto *O Inconsciente* (1915). “Segunda consciência” que teria em comum com a consciência propriamente dita apenas o fato de ser tão real quanto esta. A resposta encontrada por Laplanche é clara:

A única resposta é que Freud *tem necessidade de uma cisão radical* entre dois domínios situados num mesmo nível de realidade; somente essa dualidade efetiva lhe permite explicar o conflito psíquico: para que um sentido possa opor-se à vivência da qual ele é o sentido, é preciso que a vivência seja igualmente sentido, e que o sentido inconsciente tenha a consistência em si de uma vivência. (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 228)

Apesar de Laplanche mencionar o recalcamiento na seção II, foi Leclaire quem começou a abordar de fato o tema do recalcamiento originário na seção III. Apontarei alguns elementos da seção escrita por Leclaire. O autor afirma: “É sobre o representante-representativo [*Vorstellungs-Repräsentanz*], dizem, que incide *o recalcamiento originário constitutivo do inconsciente* [itálicos meus] [...]; é também às representações que se ligarão os produtos dessa energia pulsional biologicamente fundada” [Laplanche & Leclaire, 1992, p. 239].

Recalcamiento que Leclaire, na vinheta clínica sobre o sonho de Philippe, relaciona - não explicitamente - com a ligação entre a pulsão e a fala do outro: é quando o desejo de água se transforma em “eu tenho sede” no jogo da relação com a bem casada tia Lili, movimento que denota um eu na expressão “Philippe-eu-tenho-sede” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 240):

São eles, imagem e fala, que vão dar prosseguimento à aventura na vida psíquica de Philippe; ‘representantes’ doravante indiferentes ou, pelo menos, desligados da perturbação humoral que pode englobar a sede biológica, arrastam sempre consigo, e não importa em que ocasião, uma

pequena parte da avidez fundamental, da exigência ansiosa dessa libido oral e do afloramento fundamental da pulsão de morte. (Laplanche, 1992 & Leclaire, p. 240)

A seção IV, escrita por Laplanche, soa novamente ambígua. Por um lado, Laplanche critica mais abertamente Lacan, ao escrever que considerava uma concepção demasiadamente simplista abordar os processos de deslocamento e condensação a partir das leis fundamentais da linguística e ao nomear a seção de *O Inconsciente é a condição da linguagem, Interdependência dos Sistemas Pré-Consciente e Inconsciente*. Por outro lado, faz uso da estética e do pensamento lacaniano, assim como de Freud, para desenvolver seu conceito de recalque originário. Vou apresentar minha compreensão do texto, abordando as proposições relevantes ao desenvolvimento do trabalho de Bleichmar.

Laplanche afirma que “*a*” linguagem em Freud é apenas a linguagem do pré-consciente, caracterizada pelo processo secundário, que se trata de um processo que estabelece diques de contenção à livre circulação da energia libidinal. Há uma outra linguagem em Freud, que opera segundo o processo primário, uma linguagem mais particular (e não “*a*” linguagem), que em Freud seria a linguagem da psicose. Na psicose as palavras são tratadas como coisas ou como imagens do sonho, não como palavras. É preciso que haja uma certa regulação para que “*a*” linguagem (ou mesmo a linguagem no sentido banal) se estabeleça. Laplanche, então, afirma que o “lastro que subtrai a linguagem ao reino exclusivo do processo primário... é precisamente a existência da cadeia inconsciente” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 246), dizendo que *essa ideia será a diretriz para o que segue na seção*. Trata-se da cadeia de significantes que se fixa a um significado em pontos de capitonê, usando uma ideia lacaniana, pontos nos quais deslizamentos incessantes da linguagem são freados. Ou, avanta, significantes se ligam a outros significantes formando algo novo, uma nova significação, uma metáfora, “pois é sempre uma metáfora, uma substituição de significantes, que se encontraria na raiz da criação desses novos sentidos” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 249).

Laplanche busca, então, aproximar a ideia de recalque com a noção de metáfora de Lacan e, em especial, a noção de recalque originário com a concepção de metáfora paterna lacaniana. O autor mantém o denominador S/S da fórmula da metáfora paterna lacaniana, que seria matematicamente ocultável já que o resultado de um fator sobre si mesmo resulta em 1. Ou seja, Laplanche não simplifica a fórmula ao apresentar a sua própria fórmula do recalque originário:

No que se tornou o significante 'S'? Caiu na categoria de significado mas, ao mesmo tempo, na categoria de significante latente; de modo que, por nossa parte, escreveremos de bom grado a fórmula desse processo da seguinte maneira:

$$\frac{S'}{S} \times \frac{S}{s} \longrightarrow \frac{\frac{S'}{s}}{\frac{s}{S}} \quad (\text{II})$$

O que vemos em nossa fórmula (II) é o próprio esquema do recalçamento, onde se encontra conservado numa outra linha o que, aparentemente, foi 'simplificado' no discurso pré-consciente. (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 250)

Ao usar o recurso da não simplificação da fórmula da metáfora paterna lacaniana, Laplanche busca manter o termo abaixo da barra, o momento em que o significante S "cai" na categoria de significado.

Laplanche trabalha o conceito de recalçamento originário a partir de Freud também. E, em Freud, relembra a necessidade da existência de contrainvestimentos para a incidência do recalque originário:

Mas o gesto criador provém, apesar de tudo, para Freud, de uma certa energia a que chama de contra-investimento; no esquema da metáfora, é necessário, neste caso, conceber a existência de certos 'significantes-chaves' colocados em posição metaforizante, e aos quais é atribuída, por seu peso particular, a propriedade de ordenar todo o sistema de linguagem humana. Como se vê, aludimos aqui, em especial, ao que J. Lacan chamou a metáfora paterna. (Laplanche & Leclaire, 1992, pp. 252-253)

Adicionalmente, do texto freudiano O Inconsciente (1915) extrai a seguinte passagem:

'Temos, portanto, bases para admitir a existência de um *recalçamento originário*, uma primeira fase do recalçamento que consiste em que o representante psíquico (representativo) da pulsão é recusado pelo consciente. Com ele produz-se uma *fixação*; o representante correspondente subsiste a partir daí de modo inalterável e a pulsão permanece ligada a ele' (Freud, 1915/n.d., citado por Laplanche & Leclaire, 1992, p. 251-252)

Em seguida, decompõe o parágrafo, propondo: (a) é possível ler em Freud que o objeto do recalque originário nunca tenha se tornado consciente e tampouco era inconsciente no sentido dinâmico, o que implicaria em uma indiferenciação tópica inicial, ou, nas palavras dele, a existência de "uma espécie de estado primitivo mítico em que a diferenciação dos sistemas pré-consciente e inconsciente ainda não existe" (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 252); e (b) a palavra fixação teria sido usada no sentido amplo por Freud, significando "fixação no inconsciente, a que Freud chama indiferentemente, numa outra passagem [...] fixação ou

inscrição [...], a fixação da pulsão a esse representante psíquico, processo pelo qual, e somente pelo qual, a pulsão é introduzida e está presente no inconsciente” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 252). Laplanche ainda lembra que, para Freud, o único mecanismo do recalque originário é o contrainvestimento, pois não há força de atração do inconsciente, como no recalque secundário, tampouco há retirada de investimento pré-consciente.

Desta maneira, temos até o momento que o recalque originário seria uma espécie de “fissão” que separaria partículas positivas das negativas a partir de um nada de energia, usando a analogia empregada por Laplanche; um *big-bang* criador de diferenciação psíquica entre os sistemas inconsciente, consciente e pré-consciente. *Uma fissão que seria resultado da energia advinda de contrainvestimentos, que, por sua vez, se relacionam à metáfora paterna de Lacan.*

Laplanche continua a seção defendendo que a *origem do inconsciente estaria no processo que inclui o sujeito no universo simbólico*, daí que o inconsciente, criado com o recalque originário, seja condição “da” linguagem. Processo que ocorreria em duas etapas. No primeiro nível de simbolização, uma malha de significantes seria lançada no universo subjetivo, sem que nenhum significado particular seja colhido em uma malha em particular. O que se introduz nesse primeiro nível é a barra, a diferença. No jogo do Fort-Da do neto de Freud, seria a borda da cama. Para o autor, esta etapa seria “puramente mítica”. Haveria um segundo nível de simbolização nesse processo, denominado de recalque originário por Freud e de metáfora por Lacan, segundo nível que cria o inconsciente. Esse nível ocorre quando o significado é apanhado nas redes de significantes:

É esse segundo nível que realmente cria o inconsciente, *introduzindo assim esse lastro que faltará sempre a uma linguagem unilinar* [sic]²¹ [itálicos meus] e que está ausente – de modo mais ou menos extenso – no mundo simbólico do esquizofrênico. *O significado está doravante apanhado em certas malhas, em certos pontos privilegiados: o + e o -, o e o A [do Fort-Da], o ‘bom’ e o ‘mau’, a direita e a esquerda, vêm pôr-se um termo à sua indefinida oscilação. Retomando um termo que Merleau-Ponty usa a propósito da percepção, essa segunda etapa é a da ancoragem no mundo simbólico.* (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 255)

Na última seção do artigo, Leclaire buscou ilustrar a teoria com o sonho de Philippe. Para ele, o recalque originário seria um momento mítico (não a primeira etapa, como Laplanche defendeu). Resumidamente, seria o momento em que uma “energia pulsional” suposta no

²¹ Unilinar parece ser erro de impressão. Na versão do livro editado por Henri Ey, O Inconsciente: VI Colóquio de Bonneval (1969), a palavra usada na tradução foi unilateral.

começo pode-se chegar ao ‘desejo’” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 258). Seria, assim, um processo de fixação (ou inscrição) a um representante, processo pelo qual a pulsão entra na vida psíquica e pode ser introduzida no inconsciente: “Podemos agora dar uma primeira fórmula para resumir o mito do nascimento do inconsciente: *ele resulta da captura da energia pulsional nas malhas do significante*” (Laplanche & Leclaire, 1992, p. 259).

A longa abordagem feita sobre o texto *O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico* tinha como objetivo, essencialmente, investigar esse texto inspiração para o doutorado de Silvia Bleichmar. Busquei encontrar o que a psicanalista teria lido no texto para imaginar e extrair a ideia de uma proposta para abordagem teórica (metapsicológica) para a psicanálise de crianças.

O artigo de Laplanche e Leclaire para o Colóquio de Bonneval de 1960 defende, portanto, a ideia de realismo do inconsciente, bem como do inconsciente como condição da linguagem. O texto trabalha com outras questões relacionadas ao inconsciente, talvez a mais relevante, por sua repetição nas três últimas seções, seja a ideia de recalque originário como fundador do inconsciente. Em Laplanche, esse momento se abre em dois tempos, um tempo em que haveria uma espécie de constituição de uma malha de significantes, etapa puramente mítica, e um segundo tempo no qual a malha de significantes encontra ancoragem, quando a malha pesca algum significado. Ou, então, quando há possibilidade de entrada do pulsional no psíquico pela fixação da pulsão a um representante psíquico. Em Leclaire, a abordagem aproxima-se desta última concepção. Tento aqui destacar uma diferença aparentemente sutil. Laplanche, assim, parece trazer duas concepções e não apenas dois momentos. Numa concepção, a malha de significantes pesca significados e, em outra, é a pulsão que é capturada por representantes psíquicos. Ou seja, mais próxima da ideia de Leclaire, cuja malha de significantes pesca pulsão. Parece-me que as malhas de significantes pescam peixes muito diferentes nos dois casos. Uma coisa é a entrada da pulsão no psíquico, outra é a possibilidade de ancoragem entre significantes e significado. De qualquer forma, como já destacado, em ambos está presente a ideia de o recalque originário ser uma fixação simbolizante que, portanto, tem relação estreita com linguagem.

4.2 Vida e Morte em Psicanálise

Silvia Bleichmar também mencionou em algumas passagens o livro *Vida e Morte em Psicanálise* (1985). Abordo aqui o capítulo 1, A Ordem Vital e a Gênese da Sexualidade Humana, visando apresentar os primórdios do pensamento laplancheano sobre a gênese da sexualidade, lembrando que esse texto foi originalmente publicado em 1970.

O fio condutor do capítulo é o ensaio freudiano Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), texto que foi consideravelmente retrabalhado por Freud nos anos após sua publicação inicial. Seguindo os Três Ensaio, Laplanche afirma que a sexualidade seria o único modelo para a pulsão. No entanto, afirma que em Os Instintos e seus Destinos (1915)²², Freud teria falado sobre pulsões em geral, não apenas a sexual. O autor lembra, também, que as pulsões teriam quatro aspectos neste texto da metapsicologia: pressão ou força²³ (*Drang*), meta (*Ziel*)²⁴, objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

Adicionalmente, Laplanche aponta que uma dimensão do objeto em psicanálise é a de meio pelo qual a meta da pulsão é atingida. Com relação à fonte, afirma que, em Os Instintos e seus Destinos (1915), Freud teria se restringido a uma fonte somática, delegada por representação no psiquismo. Mas em Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Freud teria sido mais ambíguo. Para Laplanche, chamar tudo de pulsão é “tratar de maneira necessariamente abstrata” (Laplanche, 1985, p. 21), é trazer à tona o aspecto biológico. Além disto, a partir da leitura do primeiro dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905), Laplanche faz referência às noções apoio, autoerotismo e zona erógena.

O autor conta, então, sobre a confusão a respeito da palavra alemã *Anlehnung*, que teria sido traduzida como anaclítico, mas cuja melhor tradução seria apoiar-se, no sentido de sustentar-se em algo. O anaclítico foi introduzido por tradutores do texto Introdução ao

²² Utilizo na dissertação o texto Os Instintos e seus Destinos (1915/2010), publicado pela Companhia das Letras. No livro *Vida e Morte em Psicanálise* (1985), o título do mesmo texto freudiano foi traduzido como Os Instintos e suas Vicissitudes e o título da referência em francês é *Pulsions et destins des pulsions*. Esse esclarecimento é relevante dado que Laplanche diferencia a palavra *Instinto* do termo *Pulsão*. Na dissertação, uso a expressão *pulsão*, seguindo a tradução presente no *Vocabulário de Psicanálise* (2001), de Laplanche e Pontalis, mas utilizo os títulos das traduções do artigo para o português.

²³ Uso as palavras pressão ou força para tradução do alemão *Drang* seguindo a tradução do *Vocabulário de Psicanálise* (2001). No livro *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992a), o termo alemão *Drang* foi traduzido como impulso.

²⁴ Uso a palavra meta para tradução do alemão *Ziel* seguindo a tradução do *Vocabulário de Psicanálise* (2001). No livro *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992a), o termo alemão *Ziel* foi traduzido como alvo. Alvo e meta, portanto, são usados como sinônimo no presente texto.

Narcisismo (1914), nele Freud opõe escolha de objeto narcísica à anaclítica (*Anlehnungstypus*), quando a sexualidade se apoia no objeto da função de autoconservação. Essa tradução teria mudado o vetor da palavra apoio para o objeto e, finalmente, para a mãe, nesta tradição, diferentemente da ideia da emergência da sexualidade como apoio na função corporal:

Assim, o termo apoio ('*étayage*') foi entendido, nessa tradição, como um apoio no *objeto*, e finalmente um *apoio na mãe*. Percebe-se aí como toda uma teoria da relação com a mãe deu nova direção a uma noção destinada a explicar a sexualidade na sua emergência. Na verdade, se se examina mais de perto essa noção, observa-se que ela não designa em absoluto, originariamente, o apoio do sujeito no objeto (da criança na mãe) mesmo se em outras passagens tal apoio possa ser constatável. O que é descrito por Freud é um fenômeno de apoio *da pulsão*, o fato de a sexualidade nascente apoiar-se num outro processo, ao mesmo tempo similar e profundamente divergente: a pulsão sexual apóia-se numa função não sexual, vital ou - como Freud formula em termos que desafiam qualquer comentário - numa 'função corporal essencial à vida'. Não nos afastamos muito do pensamento freudiano, apenas o tornamos mais preciso, ao dizer que o que é descrito como 'apoio' é, *na origem*, um *apoio* da sexualidade infantil no instinto, se se compreende por instinto o que orienta esta 'função corporal essencial à vida'; no caso particular, primeiramente analisado por Freud, trata-se da fome e da função alimentar. (Laplanche, 1985, p. 24)

Assim, segundo Laplanche, o apoio da pulsão sobre a função estaria bem estabelecido em Freud e teria como modelo a oralidade. Na oralidade, Laplanche diz, há dois tempos, o da sucção durante a alimentação e do chupar o seio, que seria uma atividade bem diferente da sucção. No primeiro tempo, na sucção, o que está em jogo é a função alimentar. Em paralelo a isso, começa a aparecer um processo sexual, calcado na função.

No contexto da confusão tradutiva da expressão *Anlehnung*, afirma:

Em suma, objeto, alvo e fonte estão estreitamente contidos numa proposição bem simples que permite descrever o que se passa: 'isso entra pela boca'. 'Isso', é o objeto; 'entra' é o alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um 'entrar'; 'pela boca': quanto ao nível da fonte, encontra-se a mesma duplicidade, na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar. (Laplanche, 1985, p. 25)

Como é possível observar na citação, o "isso" vem de fora. Mas a fonte parece, neste trecho, permanecer somática, na medida em que a boca é tanto órgão da função alimentar (autoconservação) quanto órgão sexual. O que segue no texto vai no sentido de posicionar a fonte para fora do somático, em direção ao objeto, o outro, mais especificamente, a mãe.

De qualquer forma, a sexualidade entraria na dissociação da função vital, na medida que o chupar é o protótipo da sexualidade, não a sucção. O chupar ocorre no momento em que o

objeto é abandonado e que alvo e fonte se tornam autônomos em relação à alimentação. Assim, o chupar já seria autoerotismo.

Laplanche, então, afirma que seria uma “falsa aporia” (Laplanche, 1985, p. 26) freudiana a ideia de que o autoerotismo seria marcado pela ausência de objeto, no sentido de ser uma atividade sexual não dirigida a outra pessoa, citando uma passagem extraída do terceiro dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905) de Freud, segundo ele, de particular lucidez, que reproduzo a seguir:

‘Na época em que a satisfação sexual em seus primórdios estava ligada à absorção dos alimentos [trata-se aqui do tempo de apoio]²⁵ a pulsão sexual tinha seu objeto sexual fora do próprio corpo, no seio da mãe. Esse objeto, só posteriormente foi perdido, talvez exatamente no momento em que a criança tornou-se capaz de formar uma representação de conjunto da pessoa à qual pertencia o órgão que lhe trazia satisfação. Regra geral, a pulsão sexual torna-se, desde então, auto-erótica [o auto-erotismo não é, pois, o tempo primário]²⁶ e, é somente ultrapassando o período de latência que a relação original é restabelecida. Não é sem razão que a criança sugando o seio da mãe tornou-se o protótipo de toda relação amorosa. Encontrar o objeto sexual é na realidade reencontrá-lo. (Freud, 1905/n.d., citado por Laplanche, 1985, p. 27)

O autor destaca que, na citação, primeiro há presença, uma vez que o objeto sexual inicialmente estaria fora do próprio corpo, estaria no seio da mãe. Mas ele se torna objeto perdido no momento que a criança forma uma representação de todo da mãe, segundo Freud.

Desta maneira, o autoerotismo não seria o tempo primário, dado que encontrar o objeto sexual é na verdade reencontrá-lo. Ele seria o segundo tempo, o tempo da perda do objeto parcial. O autor vai além, observando que o objeto que está ligado ao retorno autoerótico é o seio fantasmático, existindo uma relação de contiguidade entre o objeto real e o objeto sexual. Ou seja:

o objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento [...]. Daí, evidentemente, a impossibilidade de [...] nunca reencontrar o objeto, já que o objeto perdido não é o mesmo que aquele que se deseja reencontrar. Aí está a força do ‘engodo’ essencial que se situa no início da procura sexual. (Laplanche, 1985, p. 27)

A meta da pulsão não seria, portanto, a ingestão do objeto real. Em psicanálise, diz Laplanche, falamos de incorporação e nela “o alvo torn[a]-se palco da fantasia” (Laplanche, 1985, p. 27). Ou seja, há um colorido canibalesco nesse processo, que se relaciona com os movimentos de guardar pra si, destruir e assimilar.

²⁵ Nota de Laplanche.

²⁶ Nota de Laplanche.

O autor, então, argumenta que existem duas acepções para a palavra fonte no próprio texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Em um primeiro sentido, a zona erógena seria a fonte, processo exclusivamente fisiológico. No entanto, há uma espécie de afastamento progressivo da fonte da excitação somática. Das zonas erógenas oral, anal, uretral ou genital, como regiões privilegiadas de excitação, a algo mais difuso, todo revestimento cutâneo. E de toda pele para qualquer órgão interno, sobretudo na compreensão da hipocondria. E de todo corpo para qualquer função e atividade do ser humano, baseado, segundo Laplanche, nas fontes indiretas da sexualidade do próprio texto *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905):

para constatar, dessa vez, que, longe de ser somente um processo bioquímico localizável num órgão ou em algumas células diferenciadas, a ‘fonte’ da sexualidade pode ser um processo tão geral quanto a excitação mecânica do corpo no seu conjunto; pensemos, por exemplo, no embalo da criança ou na excitação sexual que pode nascer das trepidações ritmadas, como no decorrer de uma viagem de trem; pensemos na excitação sexual ligada à atividade muscular, sobretudo a esportiva. (Laplanche, 1985, p. 29)

Mas o processo continua, o próprio pensamento, ou melhor, qualquer “trabalho intelectual intenso” (Laplanche, 1985, p. 29) pode se tornar erógeno, fato que seria inclusive passível de observação na clínica. Em outra direção, os afetos, especialmente os dolorosos, também podem se tornar fonte de excitação sexual. Assim:

Eis a conclusão de Freud a esse respeito: ‘... A excitação sexual se produz como efeito marginal [guardemos bem esse termo: efeito marginal: *Nebenwirkung*; é ele, na realidade, que define o ‘apoio’ em seu duplo movimento de apoio e depois de separação, de desvio]²⁷ - de toda uma série de processos internos, [excitações mecânicas, atividade muscular, trabalho intelectual, etc.]²⁸ tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos.’ (Freud, 1905/n.d., citado por Laplanche, 1985, p. 29)

A fonte estritamente fisiológica está consideravelmente distante neste cenário da fonte indireta da pulsão. Assim, Laplanche defende a existência de “ressonância sexual de tudo o que se passa no organismo ultrapassando um certo limite quantitativo” (Laplanche, 1985, p. 29). A sexualidade estaria em qualquer desvio a partir da função, “na medida em que este atinge a interiorização auto-erótica” (Laplanche, 1985, p. 29).

Finalmente, o autor questiona qual seria, então, a fonte da pulsão? Recorre ao terceiro dos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) para buscar sua resposta. Para Laplanche,

²⁷ Nota de Laplanche.

²⁸ Nota de Laplanche.

a noção de perversão está presente nos três ensaios, a perversão pensada como desvio do instinto. A exceção (perversão) destruiria a noção de norma biológica: “Toda sexualidade acaba por tornar-se perversão, pelo menos toda sexualidade infantil” (Laplanche, 1985, p. 30).

Em outras palavras, o instinto, entendido como função vital, seria pervertido, desviado pela sexualidade, razão pela qual o autor defende o uso do termo pulsão e não instinto para a palavra *Trieb* utilizada por Freud. Razão também pela qual defende que:

pulsão, em seu sentido próprio, no único sentido fiel à descoberta freudiana é a sexualidade. Ora, a sexualidade está integralmente presente no pequeno ser humano, num movimento que desvia o instinto, que metaforiza seu alvo, que desloca e interioriza seu objeto, que concentra, enfim, sua fonte numa zona eventualmente mínima, a zona erógena. (Laplanche, 1985, p. 30)

O autor finaliza seu texto indicando que as principais zonas erógenas são orifícios corporais em que ocorrem intercâmbios por meio dos cuidados maternos, são zonas de circulação onde são dispensados cuidados especiais pela mãe. Desta forma, são regiões passíveis de erogenização pela mãe, que tem ela própria suas fantasias, ou seja, que é um ser provido de sexualidade. Assim, Laplanche encerra esse capítulo mostrando o caminho de suas construções a respeito da fonte da sexualidade humana:

Essas zonas, pois, atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Fato ainda mais importante, se introduzirmos no jogo a subjetividade do primeiro parceiro, essas zonas *focalizam as fantasias parentais*, e sobretudo, as *fantasias maternas*, de tal forma que se poderia dizer, quase como imagem real, que elas são os pontos pelos quais se introduz na criança este corpo estranho interno que é, propriamente, a excitação sexual. (Laplanche, 1985, p. 31)

4.3 Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id

O livro *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (1992) é composto por aulas que Laplanche ministrava na Universidade Paris VII e está organizado em duas partes, Laplanche retrabalha o texto de Bonneval e faz apontamentos sobre o recalque originário na primeira parte do livro. No início do curso, o psicanalista formula que o recalque originário teria relação com “castrações” anteriores ao complexo de castração, imbricados nas fantasias de separação, como a retirada do seio na castração oral, a castração excrementícia ou mesmo a separação do nascimento (uma castração que não seria vivenciada pelo sujeito, mas pela mãe). As castrações pré-genitais seriam as fundações invisíveis do edifício complexo de castração, como blocos submersos recalcados em relação ao complexo de castração fálica:

Será que não se trata mesmo (eis uma indagação que teremos de formular) do recalco primordial, originário? A pergunta seria, portanto, a seguinte, partindo desses precursores da representação ou do complexo de castração: o destino destas representações arcaicas, que prefaciam o complexo de castração, *poderá dar-nos uma ideia mais concreta do que constitui o fundo do inconsciente?* (Laplanche, 1992b, p. 15)

O tradutor esclarece que a expressão francesa *le fond(s) de l'inconscient*, usada por Laplanche, abarca tanto o sentido do que está no fundo quanto o sentido de recursos (fundos) para o inconsciente.

A ambiguidade da expressão *le fond(s) de l'inconscient* oferece a indicação do desenrolar do texto. Antes, no entanto, Laplanche aborda a Carta 52 de Freud a Fliess, aproximando o recalco a inscrições, transcrições, simbolizações ou representações. As simbolizações, representações, inscrições ou transcrições formariam uma espécie de malha que comporia “os fundos” do inconsciente. Como se tratam de precursores do complexo de castração, seria bastante razoável pensar que esta malha seria formada por representações (de vivências) de separações, ou seja, pelas castrações pré-genitais. O que segue no texto é um pouco mais complexo.

No encontro seguinte, Laplanche questiona se o tempo do apoio seria um tempo anterior ao recalco originário ou se seria o próprio recalco originário:

O recalco originário é postulado como a constituição de um primeiro inconsciente, necessário para explicar o fato de que existe sempre, em todo recalco ‘secundário’, uma atração exercida por algo que já se encontra lá[...]. Ora, o apoio e a sedução, por seu lado, tentam igualmente explicar a constituição das primeiras fantasias e, particularmente, o que me parece ser essencial nelas, aquilo que chamo de objeto-fonte da pulsão, o objeto-fonte interno. Esse tempo do apoio será um recalco? Será um tempo anterior ao recalco? (Laplanche, 1992b, pp. 23-24)

Laplanche afirma, também, que o recalco originário produz uma distinção entre os sistemas inconsciente e pré-consciente, uma clivagem inicial, cujo resultado é a formação das tópicas psíquicas. Freud teria formulado o conceito para dar conta do vestígio encontrado no processo de recalco secundário, que é a força de atração exercida pelo inconsciente, como um redemoinho de água que exerce força de sucção aos conteúdos recalcos, imagem usada pelo autor. Essa noção abstrata, de fundamento lógico, teria como noções mais próximas da experiência três ações, de acordo com Freud: a noção de fixação (equivalente à recalco e à inscrição), contrainvestimento como força de manutenção do recalco

(como uma espécie de “tampa ou trama coerente”) e trauma (como evento “primeiro” e contemporâneo aos primeiros recalcamientos):

E, no fim das contas, existem aí elementos de descrição e de análise, por mais abstratos que sejam, que permitem perfeitamente imaginar o que pode ser esse tempo que se designa – facilmente demais – como mítico: *efração da barreira externa – inscrição, como um ferro em brasa, dos primeiros significantes* [itálicos meus] -, reconstituição da barreira, tanto mais coerente quanto mais estiver ameaçada. (Laplanche, 1992b, p. 61)

Os comentários sobre a obra de Freud foram seguidos por suas contribuições, que incluem a sedução e a gênese da pulsão, a partir do apoio, ou seja, a implantação de certas representações, dentre as quais a mais importante seria o seio. Para o autor, são representações que ficariam em uma espécie de limbo antes da separação entre o céu e o inferno, chamadas por Freud, em seus primeiros textos, de “sexuais-pré-sexuais”. Tais representações, em um segundo tempo do trauma, tornam-se intoleráveis, “porque se convertem em fontes internas e autônomas de excitação” (Laplanche, 1992b, p. 62), momento em que estão, de fato, recalçadas. Dessa forma, Laplanche retoma a ideia de dois tempos para o recalque originário:

o tempo que podemos chamar exógeno, traumático ‘em si’, mas que resulta simplesmente na constituição, nessa espécie de mundo ainda não clivado, dessas fantasias sem estatuto tópico preciso, e um tempo onde o trauma se converte em *autotrauma* [itálico meu] e provoca o recalque. (Laplanche, 1992b, p. 63)

Alguns questionamentos merecem ser levantados. Em primeiro lugar, o que o autor quis dizer com autotrauma? Como fica a questão do conflito? Cabe pensar em conflito se estamos falando de antes da separação entre o céu e o inferno? Seria possível pensar em conflito ainda que não intersistêmico? Qual seria o papel do contrainvestimento, dado que parece ter se deslocado do lugar de força propulsora do recalque originário para uma força que mantém o recalque?

A ideia de autotrauma sugere que as mensagens enigmáticas²⁹ provocariam a defesa recalque originário, uma cisão do aparelho. A partir de o quê? Da primeira tentativa de tradução, como sugere Mezan na citação da próxima página, em reflexão sobre texto posterior de Laplanche? Em função de sua intensidade?³⁰ Não me aprofundarei neste tema,

²⁹ “No início, há uma espécie de mensagem enigmática [...]” (Laplanche, 1992b, p. 101)

³⁰ Maria Teresa de Melo e Paulo de Carvalho Ribeiro (2006) entendem que é possível encontrar três modelos de trauma na obra freudiana. Esses três modelos teriam influenciado três grandes autores psicanalíticos: Laplanche, Lacan e Winnicott.

apenas aponto que ambos guardam relação com aspectos econômicos, uma vez que a tradução desponta um conflito e a intensidade fala diretamente do econômico. De qualquer forma, é importante mencionar que os tempos do recalque originário aparentemente são próximos neste texto. O autor não fala claramente sobre um intervalo entre os tempos, mas a frase “O terceiro conceito, enfim, seria o do trauma como evento ‘primeiro’, *contemporâneo* [itálico meu] desses primeiros recalcamientos” (Laplanche, 1992b, p. 61) sugere a proximidade entre os dois tempos do recalque originário.

Quanto à questão do conflito, o artigo *Três Concepções do Originário* de Renato Mezan oferece uma resposta interessante e mais esclarecedora:

O conflito não está ausente dessa configuração, mas se apresenta no interior de cada um dos protagonistas e não entre eles. No adulto ele está ‘em ato’ em consequência do recalque, na criança, é induzido pela implantação dos significantes enigmáticos (primeiro momento do recalque originário), e despontará quando da primeira tentativa de tradução (segundo momento do recalque originário). (Mezan, 1995, p. 146)

Podemos acrescentar a passagem do artigo *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia* (originalmente publicado em 1964) de Laplanche e Pontalis em que falam sobre conflito originário:

Por outro lado, na medida em que o desejo não é puro surgimento da pulsão, mas está articulado na frase da fantasia, esta constitui o lugar da eleição das operações defensivas mais primitivas, tais como a volta contra si, a inversão, a projeção, a denegação; essas defesas estão até indissoluvelmente ligadas à função primordial da fantasia – a encenação do desejo –, se é verdade que o próprio desejo constitui-se como interdito, que o conflito é *conflito originário*. (Laplanche & Pontalis, 1964/1990, pp. 84-85)

Os desenvolvimentos de Laplanche sobre implantação dos significantes enigmáticos e sobre sedução ainda não haviam acontecido quando escreveu o texto com Pontalis, mas talvez seja possível vermos o gérmen da concepção de significante (mensagem) enigmático, como contendo em si um interdito, daí o conflito. O significante enigmático pode ser portador de um conflito - o conflito da mãe, do pai, da figura do adulto cuidador, lembrando que, como Mezan coloca, o adulto é um ser dividido, detentor de inconsciente³¹. No entanto, entendo que a mensagem não é necessariamente conflituosa ao bebê. Neste sentido, penso que a ideia de conflito fica ofuscada.

³¹ Note-se que Mezan usa como texto base o livro *Novos Fundamentos da Psicanálise*, lançado na França em 1987 e traduzido no Brasil em 1992. No livro *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (1992), Laplanche não menciona que o cuidador é um sujeito dividido pelo recalque.

No texto escrito para o Colóquio de Bonneval, o recalque originário também aludia a dois tempos, sendo o primeiro uma fixação simbolizante por meio da linguagem. No texto do *Problemáticas IV: o Inconsciente e o Id* (1992), a fixação se aproxima da entrada do sexual do outro (como ferro em brasa que marca a carne). Ou seja, inclina-se em direção à entrada das tais inscrições “sexuais-pré-sexuais” (significantes enigmáticos em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992a)) e não se relaciona mais à linguagem.

Não teria Laplanche aqui realizado uma espécie de operação de substituição, trocando linguagem pela sedução? Em minha compreensão, sim. Uma consequência é que o aspecto da castração fica bem mais sutil, ainda que possa estar presente. Lembremos que Laplanche havia mencionado as fundações do (anteriores ao) complexo de castração, separações (vivenciadas) nos primeiros tempos de vida. A implantação seria de um encontro sedutor e traumático. No entanto, a representação inscrita a partir do encontro sedutor é um “signo que inscreve ao mesmo tempo o objeto e sua ausência” (Laplanche & Pontalis, 1990, p. 79). Se pensarmos, a partir desta ideia presente no texto *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia* (1964), o aspecto da castração, mesmo que ofuscado, poderia ser resgatado com algum esforço.

Outro aspecto do texto em análise, em minha compreensão, é que o conceito de recalque originário se diluiu. Talvez por esta razão o mecanismo de contrainvestimento tenha mudado de figura em Laplanche. O contrainvestimento aparece neste texto sobretudo como força responsável pela *manutenção do recalque originário no inconsciente*³². E Laplanche aproxima o conceito às defesas usadas na neurose obsessiva, sobretudo a formação reativa (Laplanche, 1992b, p. 71). Assim, o contrainvestimento, agora força de manutenção do recalque originário, opera como uma defesa. Ora, o recalque originário (ou a cisão que ele opera) não seria um mecanismo de defesa em si? Assim, seria necessário um mecanismo de defesa para manter outra defesa?

4.4 Novos Fundamentos para a Psicanálise

³² A segunda noção sobre a qual Freud insiste é [sic] de que esse recalque originário, que, por definição, não se produz por ‘atração’, já que não há nada antes dele que possa, no mais recôndito, atrair, só pode ser mantido pelo que ele chama um contra-investimento, ou seja, uma espécie de tampa, de trama coerente e compacta, nas instâncias superiores, que tem por finalidade bloquear todas as saídas, todos os poros por onde o inconsciente pudesse exsudar [itálicos meus]. Evidentemente, são as formações obsessivas e “caracteriais” que - para além de uma determinação nosológica estreita - melhor ilustram esse mecanismo do contra-investimento. (Laplanche, 1992b, p. 61).

Em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992), Laplanche se propõe a apresentar suas concepções de forma mais “esquemática”, é uma obra que visou a integração de questões que o habitavam há anos. Para ser mais precisa, uma questão em especial, a questão das origens. O próprio autor acusa o esquematismo que arrisca fazer em troca da possibilidade de articulação de diferentes conceitos, com o propósito de refundar a psicanálise, no sentido de propor novos fundamentos. O livro é estruturado em três capítulos, irei trabalhar os dois primeiros nesta dissertação. No primeiro, Laplanche realiza uma “desobstrução epistemológica do terreno” (Laplanche, 1992a, p. 95), na qual apresenta ambiguidades do campo psicanalítico, com o propósito de mostrar que é possível “escolher um certo Freud em detrimento de outro” (Laplanche, 1992a, p. 95). No segundo capítulo do livro, aprofunda-se na apresentação de seus “novos fundamentos” (Laplanche, 1992a, p. 95).

Vale notar que no primeiro capítulo, Laplanche usa a expressão *recalcamento originário* apenas uma vez, no último parágrafo, ao mencionar elogiosamente o trabalho de doutorado de Sílvia Bleichmar, como vemos a seguir:

Mas, se é verdade que sempre são precisos dois traumas para fazer um trauma, dois tempos distintos para fazer um *recalcamento*, isto implica que o *recalcamento originário* [itálico meu], ou, então, o trauma, nunca podem ser apontados com o dedo numa observação, mesmo que analítica. A observação analítica está destinada, não devido a sabe-se lá que desgraça metafísica, mas pelo próprio tipo desse objeto em dois tempos, a se situar sempre e por definição no cedo demais ou no tarde demais. Os processos analíticos, por natureza, só podem ser situados e enquadrados. Uma das pessoas que, a meu ver, faz isso melhor é Sílvia Bleichmar no seu trabalho, *Aux origines du sujet psychique dans la clinique psychanalytique de l'enfant*. (Laplanche, 1992a, pp. 92-93)

Antes desta conclusão, no entanto, o autor esclarece alguns pontos confusos que já foram abordados nesta dissertação, como seu texto com Pontalis no qual fala sobre as fantasias originárias. O artigo escrito a quatro mãos, segundo Laplanche, visava mostrar a posição freudiana de que as fantasias originárias seriam categorias *a priori* no sentido kantiano do termo, ou seja, “mais fortes que a vivência individual”³³. Para Laplanche, as fantasias originárias seriam uma renomeação (reintitulação, ele diz) das teorias sexuais infantis. O que

³³ As fantasias originárias em Freud são, portanto, espécies de categorias *a priori*, não apenas conceitos, mas verdadeiros roteiros, dos quais se conhece pelo menos quatro: roteiro de sedução, roteiro de castração, roteiro da cena primária e, por fim, eventualmente, roteiro do retorno ao seio materno. Freud considera essas categorias, como toda categoria no sentido kantiano do termo, mais fortes do que a vivência individual, já que, quando esta não está de acordo com os roteiros, aparecem atipias, haveria uma espécie de admoestação por parte da fantasia originária que viria enquadrar, completar, inflectir, até mesmo corrigir as singularidades pessoais. (Laplanche, 1992a, p. 34)

não quer dizer que não seriam mais fortes que a vivência individual: “Não se trata, portanto, de negar que, com as fantasias originárias, Freud tenha descoberto algo de prototípico, algo que, de fato, excede a vivência individual, informando e, inclusive, modificando as vivências particulares” (Laplanche, 1992a, p. 40).

O autor, então, argumenta que as teorias sexuais infantis são respostas das crianças a questões que as angustiam. O que significa dizer que a possibilidade da emergência dessas fantasias ou teorias resultaria da capacidade de autoteorização do ser humano.

Entendo que, em certo sentido, o papel da fantasia é crucial ao desenvolvimento das ideias de Laplanche. Cito uma passagem interessante que merece reflexão: “A alucinação dita primitiva não alimenta, não substitui o real, é o nascimento da fantasia, a decolagem da vertente sexual.” (Laplanche, 1992a, p. 82). Laplanche afirma que a alucinação se relacionaria mais aos “signos que acompanham a [vivência de] satisfação” (Laplanche, 1992a, p. 82) do que ao objeto de satisfação, seguindo Freud em o Projeto para uma Psicologia Científica (1895). Haveria aí, no surgimento da pulsão sexual a partir da autoconservação, um deslocamento metonímico, tal qual o autor já havia anunciado em *Vida e Morte na Psicanálise* (1985). No exemplo, protótipo do modelo, deslocamento do leite para o seio. *Nesse deslocamento nasceria a vertente sexual com a entrada da fantasia.*

Seguindo a linha traçada por Freud entre autoerotismo – narcisismo – escolha objetal, Laplanche relembra que o autoerotismo não tem objeto externo, só podendo ser pensado com a inclusão da fantasia. Isso ocorre não apenas no adulto, mas também desde o autoerotismo oral da criança. O autor retoma os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905) e colocações já propostas em *Vida e Morte em Psicanálise* (1985), ao dizer que se trata de rememoração, pois antes do autoerotismo houve um encontro com o objeto. Só depois de perdido o objeto, torna-se autoerotismo, passagem em que o autor menciona novamente a questão do apoio. Dessa vez, diz querer dar um passo a mais, marcando que o autoerotismo não é o que se estabelece primeiro, como sucessão temporal, apesar de ser o primeiro estágio independente da sexualidade:

As noções de apoio e de tempo ‘auto’ significam que a vida sexual não existe desde o princípio, ou, para ser mais claro, seu princípio não poderia ser confundido com o princípio da vida de relação.[...] De forma que nossa concepção é a de uma vida sexual que surge, como um enxerto ou como uma emergência (a questão fica em aberto), na vida de relação (caracterizada nesta época de 1910-1915 pelos termos pulsões de autoconservação ou de necessidade). (Laplanche, 1992a, pp. 76-77)

Dizendo de outra forma, o originário, no sentido do que está nas origens, no sentido temporal, é algo que surge na vida de relação. Tal conclusão é coerente com a concepção da palavra originário que Laplanche expressa no texto em outro momento: “O originário é algo que transcende o tempo, mas que, ao mesmo tempo, fica ligado ao tempo.” (Laplanche, 1992a, p. 63). Frase que complementa dizendo que explicará ao falar do surgimento “tanto o do inconsciente quanto o da pulsão, ou, então, o aparelho anímico” (Laplanche, 1992a, p. 63).

Como mencionado no primeiro parágrafo, Laplanche desenvolve seus novos fundamentos no segundo capítulo do livro, nas palavras dele, “esse fundamental que também podemos chamar de originário” (Laplanche, 1992a, p. 95). O originário é, então, descrito da seguinte forma:

Para nós, como para Freud, aliás, o originário é o que está presente no princípio, concretamente, nas origens do ser humano, portanto do bebê. Mas, por outro lado, o originário é, nesta situação inicial, o que é inelutável, o que está fora das contingências, mesmo as mais gerais. Evidentemente, é preciso levar em conta aqui a diferença entre a categoria da universalidade e a da generalidade. Com o originário estamos no universal, assim como Sócrates é mortal porque todos os homens são, por essência, mortais. (Laplanche, 1992a, pp. 95-96)

A questão do fundamento, portanto, se assentaria no originário, que, para Laplanche, diz respeito uma situação originária. Situação originária que, por sua vez, é descrita como o “confronto do recém-nascido [...] com o mundo adulto” (Laplanche, 1992a, p. 96). Ora, o autor está aqui abrindo o campo para introduzir suas ideias a respeito da teoria da sedução generalizada. Afirma, assim, que a situação originária é o que há de mais fundamental no ser humano, a relação mãe-filho, ou, para se afastar da possibilidade de modelos que sejam norteados de alguma forma pela cultura, a situação originária diz respeito a relação criança-adulto, uma vez que a criança humana – tal como em outras espécies – depende de um adulto para sobreviver. Trata-se, assim, do termo freudiano *Hilflosigkeit*³⁴, traduzido por Laplanche como “estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria: precisa, portanto, de ajuda externa” (Laplanche, 1992a, p. 104).

Seguindo o texto Projeto para uma Psicologia Científica (1895), Laplanche argumenta que o bebê humano precisa de ajuda externa para reestabelecer um equilíbrio interno, ou seja, há uma excitação que vem de dentro que se torna excedente (por exemplo, quando falta glicose no sangue), demandando uma ação no sentido de reencontro de equilíbrio. Mas o bebê

³⁴ *Hilflosigkeit* também é traduzido por Laplanche como desamparo.

humano é incapaz de fazer movimentos no sentido de reencontrar esse equilíbrio interno. Ele apenas transborda, ou seja, grita, chora, faz movimentos desordenados. A mãe aprende a traduzir esse transbordamento como pedido de ajuda. Laplanche procura mostrar que há apontamentos freudianos que vão no sentido de comunicação no sentido criança-pais no âmbito do autoconservativo, enquanto no âmbito do sexual a comunicação se daria no sentido inverso; seria o que Freud teria apresentado no texto *Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci* (1910).

A situação originária, portanto, seria a relação assimétrica que necessariamente se estabelece entre uma criança e um adulto. Relação onde uma das partes é alguém que precisa de cuidados e cujos transbordamentos resultariam de excedente excitatório em função de desequilíbrios internos no âmbito do autoconservativo e a outra parte é um adulto, provido de inconsciente, que pode realizar os cuidados necessários. Cuidados que se tratam de manipulações sobre o corpo da criança, nas quais o adulto, clivado, além de realizar a tarefa dos cuidados, transmite uma mensagem da qual desconhece, pois a criança real diante dele toca a criança que ele mesmo foi, o infantil que o habita, seu inconsciente:

O originário é, portanto, uma criança, cujos comportamentos adaptativos, existentes mas imperfeitos, débeis, estão prestes a se deixarem desviar, e um adulto desviante, desviante em relação a qualquer norma concernente à sexualidade (Freud o demonstra amplamente nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*), e eu diria inclusive desviante em relação a si mesmo, na sua própria clivagem. (Laplanche, 1992a, p. 110)

Os novos fundamentos, portanto, teriam “a sedução como principal fato gerador em psicanálise” (Laplanche, 1992a, pag. 111), uma vez que esse originário se estabelece entre a criança desadaptada, desprovida de inconsciente, e um adulto clivado, uma relação que é interativa pelo lado autoconservativo, mas desigual no sexual, desigualdade produtora de uma sedução precoce, ou sedução originária, por meio dos “cuidados corporais dispensados ao filho” (Laplanche, 1992a, p. 128). O autor cita uma passagem freudiana extraída das *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1933 [1932]):

Citemos uma das passagens canônicas, que se situa bastante tardiamente, nas *Novas lições [Novas Conferências]*: ‘Aqui, a fantasia toca o solo da realidade efetiva, pois foi efetivamente a mãe que, no desempenho dos cuidados corporais, necessariamente provocou e talvez mesmo despertou pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital.’ (Freud, 1933/1983, citado por Laplanche, 1992a, p. 128)

Indo rumo à teoria da sedução generalizada, Laplanche faz uma ponderação (dentre muitas) que gostaria de destacar, quando alega que a generalização da sedução tem como fundamento filosófico “uma reinterrogação do binômio ‘atividade-passividade’” (Laplanche, 1992a, p. 130). Nas palavras do autor:

Para ligar entre si todos esses elementos, enunciaremos: o confronto adulto-criança envolve uma relação essencial, de atividade-passividade, ligada ao fato inelutável de que o psiquismo dos pais é mais ‘rico’ que o da criança. Mas, ao contrário dos cartesianos, não falaremos aqui de maior ‘perfeição’, pois esta riqueza do adulto é também sua enfermidade, sua clivagem em relação ao seu inconsciente. (Laplanche, 1992a, p. 134)

Na relação inicial, a da sedução originária, o adulto transmite algo de sua sexualidade e trata-se de uma comunicação que se estende ao não verbal. Em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992), o autor nomeia esse algo transmitido de significantes enigmáticos³⁵.

Outro aspecto da teoria que merece ser destacado advém da forma como Laplanche trabalha a questão do enigmático nesse texto. Muito interessante a passagem em que introduz o termo significante enigmático, por supor em um bebê, que muito bem poderia ser recém-nascido (trata-se de um bebê que não vê a mãe como um ser inteiro, vê apenas um seio), a capacidade de fazer questionamentos complexos, em uma espécie de antropomorfismo (se possível fosse usar esta expressão com a cria humana!) adulto. Ou seja, ao supor, naquele ser incapaz de verbalizar qualquer coisa ainda, algo da ordem do olhar de um adulto ou de uma criança que faria tais questionamentos, talvez uma criança que questione de onde vem os irmãos ou sobre a diferença entre os sexos, por exemplo. E, ainda que este trecho possa ser compreendido como metafórico, alude à existência de uma capacidade (inata?) no bebê para, ao menos, captar um enigma na mensagem. Reproduzo o trecho:

Não é preciso procurar muito longe para dar exemplos concretos do que chamo *significantes enigmáticos*. O próprio seio, órgão aparentemente natural da lactação: pode-se continuar a negligenciar na teoria analítica seu importante investimento sexual e inconsciente pela mulher? *Pode-se supor que esse investimento sexual* [itálicos meus], que pode ser considerado perverso no sentido dos *Três ensaios sobre a sexualidade*, não é percebido, suscitado pelo bebê, *como fonte deste obscuro questionamento: o que ele [o seio] quer de mim, além me aleitar e, no fim das contas, por que ele quer me aleitar?* [itálicos meus] (Laplanche, 1992a, pp. 134-135)

³⁵ Na versão em português do livro *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992), mais precisamente na página 138, o tradutor usou a expressão “mensagens enigmáticas” no mesmo sentido de significantes enigmáticos. No entanto, na introdução do conceito, a expressão “*significantes enigmáticos*” é apresentada em itálico.

Na verdade, Laplanche parece fazer uma hierarquia entre a sedução originária e as fantasias originárias, a saber a atividade “‘teorizante’ da criança, culminando nas ‘teorias sexuais infantis’: o nascimento do outro filho e a diferença dos gêneros.” (Laplanche, 1992a, p. 136). Se compreendi esta passagem, a sedução originária seria *a verdadeiramente originária*, em relação às chamadas fantasias originárias de Freud, que, como já abordado, para Laplanche se aproximam das teorias sexuais infantis.

A “sedução por si mesmo” (Laplanche, 1992, pag. 136) compõe o enigmático, diz Laplanche. É a sedução originária que “introduz a dissimetria ‘atividade-passividade’” (Laplanche, 1992a, p. 137). Apresentado de outra forma: “Os cuidados ‘maternos’ ou o ataque ‘paterno’ só são sedutores porque não são transparentes, são opacos, veiculando o enigmático” (Laplanche, 1992a, p. 137).

Mais que isso, o caráter enigmático dos significantes introduzidos com a teoria da sedução generalizada é imprescindível à teoria proposta por Laplanche, uma vez que é a dificuldade de sua simbolização que implica, necessariamente, um resto, algo que fica sem tradução, fica deixado para trás, que ele chama de ‘objetos-fontes’ da pulsão. Nas palavras do autor:

Essas mensagens enigmáticas suscitam um trabalho de domínio e de simbolização difícil, para não dizer impossível, que necessariamente deixa para trás restos inconscientes, *fueros*, dizia Freud, a que chamamos ‘objetos-fontes’ da pulsão. Não se trata, portanto, de uma vaga confusão de línguas, como queria Ferenczi, mas, muito precisamente, de uma inadequação das linguagens, inadequação da criança ao adulto, mas também e primordialmente, inadequação do adulto ao objeto-fonte que age nele mesmo. (Laplanche, 1992a, pp. 138-139)

Laplanche aborda o aspecto tradutivo, que tem como modelo a carta 52 de Freud, como ponto de vista temporal em sua teoria. O autor questiona o fato de Freud chamar as primeiras inscrições (Wz) de *signos de percepção*. Diz ele:

Com efeito, como, rigorosamente, a pura percepção poderia fornecer *signos*? Se se trata apenas da percepção dos objetos inanimados, esta só fornece, na melhor das hipóteses, índices. *Se se tratasse apenas de índices, de traços puramente factuais, de resquícios sem intencionalidade semiológica, como poderiam eles se propor uma primeira tradução pelo sujeito? Portanto, assimilamos o signo de percepção, essa primeira inscrição no aparelho psíquico exatamente ao significante enigmático, tal como este se deposita antes de qualquer tentativa de tradução* [itálicos meus]. Isto implica, evidentemente, se tivermos em mente a teorização freudiana, um completo questionamento do que ele chama ‘vivência de satisfação’. (Laplanche, 1992a, p. 139)

Destaquei com itálicos, na citação acima, aspectos que trabalho melhor no capítulo 6 desta dissertação, quando abordo o tema dos signos de percepção para Silvia Bleichmar. Por aqui, apenas destaco que: (i) Laplanche faz equivalência entre seu *significante enigmático* e o *signo*

de percepção freudiano; (ii) as primeiras inscrições são *signos* no sentido de inscrições portadoras de mensagens; (iii) a pura percepção [o que quer que isto signifique] não poderia fornecer signos, no máximo, índices; (iv) se fossem índices (traços factuais ou resquícios sem intencionalidade semiológica) não poderiam se propor a uma primeira tradução.

Logo após a passagem da citação acima, Laplanche afirma que o ser humano é um ser autotradutivo e autoteorizante, frase que vem seguida da constatação de que o recalque originário seria apenas o primeiro momento, fundante, deste processo. O autor, então, relembra, o esquema do processo de autotradução, processo de *metábole*. Nesta passagem segue a estética lacaniana já apresentada no texto para o Colóquio de Bonneval de 1960, ou seja, faz uso de fórmula matemática na qual “A *metábole* é [...] o gênero comum à metáfora e à metonímia.” (Laplanche, 1992a, p. 140). Não pretendo aqui apresentar a fórmula novamente ou sua elaboração por Laplanche, por ser algo mais distante do caminho trabalhado por Bleichmar. Apenas para lembrar o leitor, trata-se de uma fórmula apresentada como uma fração (divisão), na qual os termos do numerador e do denominador são também divisões apresentadas como frações. Destaco aqui apenas que o denominador da fórmula é constituído pela divisão dos termos idênticos S1. Essa fórmula é a mesma apresentada no artigo escrito para o Colóquio de Bonneval de 1960, apresentada anteriormente nesta mesma seção da dissertação³⁶. Tanto lá quanto neste texto, a manutenção da fração (divisão) dos termos idênticos S(1) indicaria que estes termos, passíveis matematicamente de simplificação (divisão de si por si mesmo cujo resultado 1 poderia ficar oculto), possibilita mostrar a “*metábole* recalcante, que culmina na formação do objeto-fonte da pulsão” (Laplanche, 1992a, p. 141). Dito de outra forma, a parte de acima da barra (o numerador da fórmula) é o que é passível de simbolização, enquanto a parte abaixo da barra (o denominador da fórmula) permanece como um “significante [que] remete apenas a si mesmo” (Laplanche, 1992a, p. 141).³⁷

³⁶ A fórmula atual difere apenas ao substituir a S' por S2 e S por S1:

$$\frac{\frac{S2}{S}}{\frac{S1}{S1}}$$

³⁷ Ao leitor interessado nos desenvolvimentos detalhados de Laplanche, remeto às páginas 139, 140 e 141 do livro *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992).

Interessante notar que a estética lacaniana destoa do resto do livro. Fiquei me perguntando por que Laplanche teria inserido esse trecho em um livro publicado mais de vinte anos depois de seu rompimento com Lacan. No texto escrito com Leclaire para o Colóquio de Bonneval de 1960, o fato de o autor usar a linguagem lacaniana de fórmulas matemáticas (o que aqui chamei de estética lacaniana) para trabalhar o conceito de recalque originário a partir da fórmula da metáfora paterna lacaniana é coerente, tendo em vista que ele claramente dialogava com Lacan naquele momento. No entanto, o uso em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992) talvez advenha - mera suposição - da ideia de que esta tenha sido sua inspiração para pensar o conceito de significantes (ou mensagens) enigmáticos.

Finalmente, Laplanche aborda novamente os dois tempos do recalque originário, que agora parecem ser mais distantes temporalmente do que seria possível supor em *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (1992) e, principalmente, no texto escrito para o Colóquio de Bonneval de 1960:

O que é preciso dizer do recalque originário aqui é que seus dois tempos são indissociáveis do movimento que desemboca na criação do ego. No primeiro tempo não há 'ego', ou, então, se já quer empregar esse termo, é preciso dizer que ele coincide com o todo do indivíduo, e, mais especificamente, com sua periferia que o delimita. Neste momento, ele é ego-corpo, como diz Freud. Enquanto que, no segundo momento do recalque originário, o que está em questão é, desta vez, o começo do ego como *instância*. (Laplanche, 1992a, p. 142)

Se o ego no primeiro tempo é ego corpo e no segundo, ego instância, houve um hiato entre estes dois tempos. No entanto, neste livro Laplanche já tinha conhecimento das ideias de Silvia Bleichmar, aliás, ele faz menção ao seu primeiro livro na passagem apresentada na página 60 desta dissertação. Aqui reproduzo outra passagem do livro na qual menciona novamente Bleichmar, agora no segundo capítulo. Apresento o parágrafo todo pois entendo que abre espaço para indagarmos se o hiato entre os tempos do recalque originário teria influência de Bleichmar:

Qual o tipo de realidade do 'recalque originário'? Assim como o recalque 'propriamente dito', não é nem um tempo mítico (como se pretendeu) nem, por isso, diretamente acessível a uma observação pontual. A razão disto é muito simples e, de forma nenhuma, metafísica: produzindo-se em dois tempos, segundo a lógica do *a posteriori*, pode ser delimitado, enquadrado numa cronologia, mas não pode jamais ser situado pontualmente. É o que bem mostra um livro como o de Silvia Bleichmar a propósito da clínica psicanalítica da criança. (Laplanche, 1992a, p. 145)

PARTE II

5. O RECALQUE ORIGINÁRIO EM SILVIA BLEICHMAR

O conceito recalque originário está presente tanto em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) quanto em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994) e em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005). No entanto, no primeiro, o recalque originário é sua espinha dorsal, motivo pelo qual uso esta obra como texto base para o desenvolvimento do presente capítulo da dissertação, com aportes eventuais de passagens relevantes de *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994).

Dessa maneira, Silvia Bleichmar anuncia, já no primeiro capítulo de *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), que buscaria, como propunha Laplanche, fazer Freud trabalhar para encontrar respostas para suas interrogações, a partir de investigações sobre o conceito recalque originário. Conforme já abordado, a leitura do texto de Laplanche e Leclaire para o Colóquio de Bonneval de 1960 foi o disparador desta ideia. O que ela parece dizer, portanto, é que buscaria se aprofundar dentro da própria obra freudiana para pensar o conceito, o que significa que ela necessariamente teria que fazer o conceito recalque originário, pouco abordado por Freud, conversar com outros momentos da obra do autor. É o que de fato faz ao longo do livro.

Antes de prosseguir expondo as articulações e o pensamento da autora, penso ser interessante apresentar as colocações que Freud fez sobre o conceito recalque originário.

Uso como fio condutor do estudo o *Vocabulário de Psicanálise* (2001) de Laplanche e Pontalis. No verbete recalque originário, os autores remetem a quatro textos de Freud, a saber: Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides), também conhecido como caso Schreber, de 1911; A Repressão e O Inconsciente, ambos em os Ensaio de Metapsicologia, de 1915; e Inibição, Sintoma e Angústia, de 1926.

No caso Schreber, Freud dedicou alguns parágrafos no final do artigo para o conceito de repressão³⁸. Existiriam três etapas na repressão, a primeira consistiria na fixação, “precursora

³⁸ No presente texto, repressão primordial e recalque original são usadas como expressões sinônimas. Nas traduções dos livros de Laplanche e de Bleichmar, é recorrente o uso das palavras recalramento ou recalque original. Nas traduções das obras de Freud, tanto da Imago quanto da Companhia das Letras, a expressão usada é repressão ou repressão primordial.

e condição necessária de toda ‘repressão’” (Freud, 1911/1996, p. 74). A fixação, por sua vez, é descrita como:

determinado instinto ou componente instintual deixa de acompanhar os demais ao longo do caminho normal previsto de desenvolvimento, e, em consequência desta inibição em seu desenvolvimento, é deixado para trás, num estágio mais infantil. A corrente libidinal em apreço comporta-se então, em relação a estruturas psicológicas posteriores, como se pertencesse ao sistema do inconsciente, como reprimida. Já demonstramos [...] que essas fixações instintuais constituem a base para a disposição à enfermidade subsequente, e podemos agora acrescentar que elas constituem, acima de tudo, a base para a determinação do resultado da terceira fase da repressão. (Freud, 1911/1996, pp. 74-75)

O autor parece se referir, quando fala da primeira etapa, sobre o recalque originário, que seria uma fixação de uma corrente libidinal que deixa de seguir seu caminho de desenvolvimento previsto. Inibida, a corrente libidinal passa a se comportar como reprimida. Freud diz que há multiplicidade de pontos de fixação, existem tantos quantos os estágios de desenvolvimento da libido. A segunda fase seria a repressão propriamente dita. Trata-se de um processo de pós-repressão. Um processo ativo, enquanto a fixação seria um retardamento passivo. A repressão propriamente dita passaria por um duplo movimento, a repulsa pelo sistema inconsciente e a atração pelo inconsciente. Haveria uma terceira fase que seria o retorno do reprimido, quando a repressão fracassa.

No artigo A Repressão (1915), há apenas um parágrafo sobre repressão primordial. Note-se, no parágrafo que reproduzo abaixo, que o acesso do representante psíquico do instinto à consciência é *negado*, a partir daí se produz uma fixação:

Temos fundamentos, portanto, para supor uma *repressão primordial*, uma primeira fase da repressão, que consiste no fato de ser negado, à representante psíquica do instinto, o acesso ao consciente. Com isso se produz uma *fixação*; a partir daí a representante em questão persiste inalterável, e o instinto permanece ligado a ela. Isso acontece devido às propriedades dos processos inconscientes que discutiremos depois. (Freud, 1915/2010a, pp. 85-86)

Em O Inconsciente (1915), há novamente um trecho curto. Primeiro Freud fala que no caso da repressão primordial haveria uma ideia inconsciente que ainda não recebeu investimento pré-consciente, portanto, não poderia se falar em retirada de investimento pré-consciente neste caso. *O único mecanismo de sua produção e continuidade seria o contrainvestimento*:

Temos aqui necessidade, então, de outro processo, que no primeiro caso [repressão propriamente dita] sustente a repressão, e no segundo [repressão primordial] *cuide da sua produção e continuidade* [itálicos meus], e só podemos enxergá-lo na suposição de um *contrainvestimento*, através do qual o sistema *Pcs* se protege do assalto da ideia inconsciente. Como

se manifesta um tal contrainvestimento que tem lugar no sistema Pcs é algo que veremos em exemplos clínicos. É ele que representa o gasto permanente de uma repressão primordial, mas que também garante a permanência dela. O contrainvestimento é o único mecanismo da repressão primordial (Freud, 1915/2010b, p. 120)

Em Inibição, Sintoma e Angústia (1926), há um parágrafo em que Freud questiona o papel do superego nas repressões primitivas. Interessante notar que aqui ele fala de repressões, no plural. Acrescenta: “É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande da excitação e a ruptura da proteção contra estímulos, sejam as causas imediatas das repressões primordiais” (Freud, 1926/2014, p. 24). A frase permite levantar um questionamento sobre o aspecto econômico no processo de recalque originário.

Voltemos agora para Silvia Bleichmar, busco destacar os desenvolvimentos que entendo serem mais relevantes da autora, sobretudo no livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993). Assim, conta que a necessidade de encontrar parâmetros para a clínica de crianças a fez pensar no conceito de neurose na infância, concepção da qual discordava, na medida que entendia que o psiquismo da criança é um psiquismo em estruturação. Portanto, nem sempre há uma neurose estabelecida, mesmo quando há manifestação sintomática.

Argumentando que o recalque originário seria a “pedra angular” da neurose, partiu da ideia freudiana de que ele é o diferenciador dos sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente, presente no texto metapsicológico *A Repressão* (1915), para pensar que o “‘mito’ do recalque³⁹ originário devia ser retomado como conceito e posto em jogo no próprio campo clínico” (Bleichmar, 1993, p. 21), como é possível ver na passagem a seguir:

Em primeiro lugar, assinalarei que se a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa a teoria das neuroses na psicanálise, o é a partir de marcar sua correlação com o conceito de inconsciente e, por isso, de sujeito cindido, quer dizer, de sujeito em conflito. (Bleichmar, 1993, p. 22)

³⁹ Há uma nota da tradutora em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) informando que o termo alemão *Verdrängung* foi traduzido por recalqueamento, seguindo o Vocabulário de Psicanálise (2001), em detrimento da tradução do termo usado por Bleichmar, no texto original em espanhol, *represion*, mais próximo foneticamente a palavra portuguesa repressão. A tradução do verbete *Verdrängung* no Vocabulário de Psicanálise (2001) é *recalque* ou *recalqueamento*. Para o presente texto, uso a palavra recalque, seguindo a expressão recalque originário, termo que me pareceu ser mais usado em artigos que fazem referência ao conceito bleichmariano. Note-se, ainda, que o termo alemão para recalque originário é *Urverdrängung*.

Apresento uma passagem desse referido texto freudiano, importante no contexto das contribuições de Silvia Bleichmar ao conceito recalque originário. Note-se que o autor fala sobre recalque e não sobre recalque originário na passagem. Adicionalmente, é possível termos que o recalque não é um mecanismo de defesa que existe desde o começo da vida psíquica, só podendo operar a partir da separação entre consciente e inconsciente. O trecho mostra também a existência de outros destinos pulsionais anteriores ao recalque:

Vamos nos ater à experiência clínica, tal como aparece na prática psicanalítica. Então aprenderemos que a satisfação do instinto submetido à repressão seria possível, e também prazerosa em si mesma, mas que seria inconciliável com outras exigências e intenções; ***geraria prazer num lugar e desprazer em outro. Então se torna condição para a repressão que o motivo do desprazer adquira um poder maior que o prazer da satisfação*** [negritos e itálicos meus]. Além disso, a experiência psicanalítica com as neuroses de transferência nos leva a concluir que ***a repressão não é um mecanismo de defesa existente desde o início*** [negritos e itálicos meus], que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que *a sua essência consiste apenas em rejeitar e manter algo afastado da consciência*. Tal modo de conceber a repressão seria complementado pela ***suposição de que, anteriormente a esse estágio da organização psíquica, cabe a outras vicissitudes dos instintos, como a transformação no contrário e a reversão contra a própria pessoa, a tarefa da defesa frente a impulsos instintuais*** [negritos e itálicos meus]. (Freud, 1915/2010a, pp. 84-85)

É muito interessante acompanhar o desenrolar do pensamento da autora. Bleichmar aponta, seguindo Freud, que o recalque seria a condição para a transformação de prazer em desprazer (prazer em um sistema seria desprazer em outro). Caberia, desta forma, questionar, na clínica de crianças, onde estão prazer e desprazer, ou, indo além, quem sofre e qual o motivo do sofrimento. As respostas a tais questões poderiam indicar as alternativas de intervenções clínicas, norteando a direção do tratamento.

Assim, a autora argumenta que na ocorrência de sintoma neurótico, necessariamente há alguma forma de sofrimento. Em Inibição, Sintoma e Angústia (1926), haveria, diz, um modelo de análise da causalidade da neurose, que começaria pela definição do sintoma. A autora enuncia, com Freud, que a definição do sintoma não é algo simples. Por exemplo, no caso do pequeno Hans, o sintoma seria o desenvolvimento da angústia ou a escolha do objeto cavalo? A partir desta definição, seria necessário compreender qual o prazer proibido que o sintoma busca satisfazer, além do motivo de sua proibição. Portanto, em Freud, existe um conflito sustentando o sintoma. Bleichmar cita a seguinte passagem freudiana:

Isto significa que não podemos caracterizar como sintoma a angústia dessa fobia; se o pequeno Hans, enamorado de sua mãe, demonstrasse medo diante do pai, não teríamos o direito de lhe atribuir uma neurose, uma fobia. Estaríamos diante de uma reação afetiva perfeitamente

compreensível. O que a torna uma neurose é unicamente outra característica: a substituição do pai pelo cavalo. Esse deslocamento, portanto, produz aquilo que pode ser denominado sintoma. Ele é aquele outro mecanismo que permite a resolução do conflito de ambivalência sem a ajuda da formação reativa. (Freud, 1926/2014, p. 35)

Bleichmar destaca, a partir de outra citação de Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), que o sintoma se trata tanto de um sinal quanto de um substituto de uma satisfação pulsional latente, resultante de um processo de recalque. No entanto, a autora adverte que se todo sintoma é um sinal, nem todo sinal é um sintoma. Ou seja, nem toda manifestação sintomática na clínica de crianças é sintoma. Nem tudo que parece sintoma é sintoma de fato, no sentido freudiano do termo, ou seja, uma formação de compromisso diante de um conflito intrapsíquico, posto que, nos primeiros momentos da vida, a criança estaria imersa em uma tópica psíquica que se constitui a partir de uma *tópica intersubjetiva*. (Bleichmar, 1993, p. 23).

Bleichmar entende que Freud teria mostrado o “caráter estruturante que a relação com o outro tem para o sujeito humano” (Bleichmar, 1993, p. 24) em *Luto e Melancolia* (1917(1915)) e no terceiro capítulo de *O Eu e o Id* (1923). Winnicott teria ido por um caminho similar ao desenvolver a ideia de que as fronteiras dentro e fora são borradas inicialmente, proposição com a qual concorda:

Nesse sentido, a tópica paradoxal que Winnicott propõe parece-nos mais adequada porque, como assinalamos antes, borra o interno e o externo como *a priori*. Deixamos de lado, então, a utilização das noções dentro-fora (salvo como categorias descritivas), e situamos o problema como um campo de diferenciação progressiva que se produz em relação a uma tópica que se constitui no marco do Édipo e cujo momento privilegiado de diferenciação é, para o sujeito, o recalque originário. (Bleichmar, 1993, p. 28)

A autora aborda estas questões no contexto da discussão que realiza sobre o conflito. Afirma, assim, que seria necessário entender se o conflito está em uma tópica intersubjetiva ou em uma tópica intrapsíquica, neste caso, mais próximo da concepção de sintoma em sentido estrito. Dito de outra forma (pelo menos assim o compreendo), é a criança que sofre quando a família procura ajuda? Por qual motivo? Quando sofre? Ou seriam os pais que sofrem com algum comportamento da criança? As respostas a tais questões poderiam indicar o quão organizado está (ou não) o recalque originário na criança.

A psicanalista marca, ainda, que o recalque não é um mecanismo originariamente dado, só ocorrendo na existência de “uma precisa separação entre a atividade anímica consciente e a inconsciente” (Bleichmar, 1993, p. 34). Esta seria a essência mesma do recalque, ou seja, manter alguns elementos afastados da consciência. Seguindo Freud, levanta a hipótese de

que, antes de tal separação, os outros dois destinos da pulsão (transformação no contrário e volta sobre si mesmo) irão “reger a defesa frente às moções pulsionais” (Bleichmar, 1993, p. 35). *É nesse sentido que insere a existência de movimentos reais na constituição do sujeito.* São movimentos reais que não podem ser recuperados, mas que podem ser cercados:

Talvez poderíamos dizer que, nesta aproximação ao sujeito em constituição que estamos fazendo, os tempos míticos não são construções, são movimentos reais de estruturação do sujeito psíquico que, mesmo quando não possamos capturar em sua subjetividade, podemos cercar como se cerca um elemento na tábua periódica de Mendeleiev antes que o próprio elemento seja descoberto. Talvez não possamos tocá-lo, nem vê-lo, mas podemos conhecer seu peso específico, sua densidade, seu efeito, sua combinatória. São os momentos que poderíamos chamar constitutivos do inconsciente. (Bleichmar, 1993, p. 37)

Interessante pensar que talvez exista uma espécie de metalinguagem nesse livro, uma vez que a autora parece seguir os mesmos caminhos sinuosos ao expor suas ideias. Bleichmar vai cercando o conceito de recalque originário, sem dizer claramente o que ele é ou como se estabelece. A exposição vai acontecendo em ondas, entremeadas por reflexões sobre o que denomino adiante como primeiras inscrições ou sobre o ego ou, ainda, pela exposição de casos clínicos. Desta forma, gostaria de destacar, ainda, algumas de suas proposições antes de me aprofundar nas articulações que a autora faz sobre os mecanismos que operam no recalque originário e sobre seu objeto.

Assim, Bleichmar aponta fenômenos que são “índices para o diagnóstico” (Bleichmar, 1993, p. 38), posto que a presença do recalque originário implica a existência da separação entre os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente. Destaco três:

- a) existência de processo primário e secundário: se o inconsciente está constituído, as formações do inconsciente podem emergir, tais como sintomas (no sentido freudiano), atos falhos, sonhos e a transferência;
- b) se há processo secundário, há (de)negação, consequência da constituição de juízo: os índices precursores seriam a constituição do não e do sim e a forma como estes se articulam no sujeito;
- c) existência de problemas no desenvolvimento da linguagem, como uso incorreto de pronomes e concordância verbal.

Notemos, portanto, que é possível pensar na fundação do inconsciente como crucial ao desenvolvimento de mecanismos de inteligência, pelo menos esse é um dos prismas trabalhados pela autora no livro. Mecanismos de inteligência como a lógica, a característica

temporal e espacial e o princípio de não contradição. O que tem como consequência a hipótese de que transtornos de linguagem ou de aprendizagem na infância são, muitas vezes, resultado de falhas no processo de constituição do recalque originário: “O juízo, o discurso gramaticalmente estruturado, são um produto do recalçamento e, portanto, sua singularidade só será estabelecida pela correspondência que os entrelaça a um inconsciente, este sim, absolutamente singular” (Bleichmar, 1993, p.55). No entanto, se a existência do recalque originário é fundamental ao desenvolvimento de mecanismos de inteligência, dificuldades de aprendizagem ou de linguagem não implicam sua ausência, pois podem advir da inibição de uma função. Neste caso, teria havido algum recalque.

Outro aspecto abordado pela psicanalista é a memória. Bleichmar conta sobre um personagem de Borges⁴⁰, o homem que não conseguia esquecer e cuja vida se paralisa por completo. Apesar de nada esquecer, não era inteligente, pelo menos assim suspeita o narrador da história quando afirma que suspeitava que Funes, o memorioso, não era capaz de pensar, mesmo tendo aprendido várias línguas sem esforço. Para pensar, o narrador diz, é preciso esquecer as diferenças, generalizar e abstrair, mas o mundo de Funes era abarrotado de detalhes quase imediatos (Bleichmar, 1993, p. 77). A autora relata, neste contexto, o caso de um menino que tinha problemas de aprendizagem, em especial com matemática e pensamento lógico. “Antônio, o menino desmemoriado” tinha uma mãe que não tinha segredos para com seu filho. A psicanalista, ao solicitar a presença da mãe sem o filho para a segunda entrevista, recebe como resposta a seguinte frase: “Não sei se é necessário, Antônio sabe tudo acerca do que lhe posso dizer, eu não tenho segredos para com meu filho.” (Bleichmar, 1993, p. 81). O resultado de um teste psicológico (WISC) que havia sido realizado previamente pelo menino indicava dificuldades na memória de curto prazo, mas ele se recordava de situações que haviam acontecido quando tinha menos de um ano. Lembrar demais e nada lembrar são dois lados da mesma moeda, pois algo ficou impossibilitado neste processo, que se relacionava com a não instalação do recalque originário, segundo a autora. Bleichmar recorre ao texto freudiano Nota sobre o “Bloco Mágico” (1925), objeto inspiração para as reflexões de Freud, no qual a cobertura de celuloide e papel encerado seria comparável ao sistema pré-consciente/consciente e a prancha de cera seria comparável ao inconsciente por trás. Assim, para a Bleichmar, a memória só pode ser alcançada pela

⁴⁰ Trata-se do livro *Funes el memorioso*, de Jorge Luís Borges, publicado no livro *Ficciones*, em 1944.

consciência se os sistemas atuarem juntos, nenhum deles consegue este feito separadamente. Camadas unidas, mas que podem se descolar, sistemas em contato, diferenciados e, ao mesmo tempo, comunicáveis. Se as superfícies perdem o contato, estamos no modelo do esquecimento neurótico, se não se desgrudam – se não se produziu uma cisão com o recalque – não há possibilidade de novas inscrições e o aparelho ficará saturado.

É também muito cativante acompanhar os desenvolvimentos da autora em suas exposições clínicas, são os momentos que sua teoria se encarna e ganha vivacidade. Além disso, são momentos em que podemos fazer reflexões sobre os relatos clínicos à luz da técnica. A psicanalista frequentemente interpretava fantasias e por vezes fornecia relatos que eram construções suas sobre a origem da criança. Há um caso, que demandava brevidade, em que ela mesma questiona se teria sido demasiadamente kleiniana. Seu objetivo, em muitas intervenções, parecia ser possibilitar a aquisição de maior simbolização, viabilizando a organização de alguma formação egóica precedente ao recalque, ou seja, anterior a organização tópica, talvez algo mais próximo do que ela denominou como ego ideal⁴¹ no último capítulo do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994).

Essa breve digressão tinha como objetivo avançar nos desenvolvimentos que a autora faz sobre o conceito tema deste capítulo da dissertação. Com o sugestivo subtítulo *Na análise, ver constituir-se o recalque in situ*, faz um breve relato sobre o tratamento de Javier, um menino de dois anos e oito meses, descrito como “insuportável”, em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994). No primeiro encontro, a psicanalista fez uma intervenção que incomodou o menino. Aos gritos, ele chorou, querendo ir embora. Ao término do choro, ela explicou ao garoto o incômodo por sua intervenção: “Silvia, como um papai, disse: Javier, não se pode fazer tudo o que se quer, isso é perigoso para ti e para os demais.” (Bleichmar, 1994, p. 189). A psicanalista interveio também legitimando a mãe que conteve o filho com seu próprio corpo: “ela o rodeou com seus braços e seu corpo o sustenta” (Bleichmar, 1994, p. 189), assinalando que poderia agir da mesma forma nos momentos que Javier ficasse “incontido”. Segue-se a constatação de que algo começou a se transformar muito rapidamente em Javier: “Minha intenção é, simplesmente,

⁴¹ O assunto, apenas superficialmente abordado nesta dissertação, demandaria maiores elaborações em um trabalho posterior.

manifestar o surgimento *in situ* de um recalçamento que abre as possibilidades de uma virada na instalação dos movimentos que constituem o aparelho psíquico.” (Bleichmar, 1994, p. 190).

No quarto capítulo de *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), a autora desenvolve detalhadamente a forma como os precursores do recalque originário operaram em um caso. Tratava-se de um menino de seis anos, André, que apresentava uma fobia sobre Drácula desde os três anos de idade, intensificada alguns meses antes da família buscar tratamento. Bleichmar identificou três momentos de constituição da fobia. No primeiro, aos nove meses de idade, iniciaram-se dentição e deambulação, junto com sono intranquilo, recusa total de ingestão de leite, diarreias, vômitos e pedidos por suco à noite. No segundo momento, aos três anos e dois meses de idade, a mãe engravidou e começaram pedidos para que os pais o vissem enquanto dormia, assim como reapareceu o pedido de suco noturno que havia sido abandonado desde os dois anos. O terceiro momento, aos três anos e nove meses, houve nascimento da irmã e lactação artificial da mesma, bem como a constituição do sintoma medo de Drácula.

Para a autora, o leite recusado já era algo desprendido do leite originário, pois a mãe havia deixado de dar o seio na terceira semana de vida do menino. A recusa ao leite teria relação com fantasias⁴²relacionadas ao ataque que sentia a partir de seu próprio corpo, com o início da dentição:

Os dentes, irrompendo como objetos cortantes na gengiva, tomam a seu cargo a constituição de um primeiro fantasma (ainda não recalcado) que condensa, em um movimento originário, o objeto atacante como objeto-fonte pulsional externo-interno. Daí que André se recuse a ingerir (no real) o leite que o ataca reativando suas próprias frustrações orais. (Bleichmar, 1993, p. 67)

As reflexões que seguem sobre os momentos da fobia de André foram realizadas por Bleichmar. Assim, o primeiro tempo da fobia teria sido a constituição de uma fantasia que condensaria, em um movimento originário, o objeto atacante dente como objeto-fonte da pulsão, ao reativar frustrações orais vivenciadas pelo menino. André fez uma clivagem em direção ao objeto apaziguante suco. Este seria o primeiro tempo traumático da sexualidade, quando algo atacante se instala no psiquismo do sujeito. As reações corporais (vômitos,

⁴² Tanto na tradução do livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) quanto em seu original em espanhol, é usada a expressão fantasma ou fantasma originário. Seguindo a tradução do *Vocabulário de Psicanálise* (2001) de Laplanche e Pontalis para o português, utilizo a expressão fantasia ou fantasia originária que, no original em francês, é apresentada como *Fantasme* ou *Fantasme originaire*. Assim, fantasma e fantasia são usados como termos sinônimos no presente texto.

diarreias) indicariam a inexistência de defesas psíquicas ao movimento atacante. Nele, podemos identificar o destino da pulsão *volta contra si mesmo*. O externo volta-se para a própria pessoa, torna-se um interno, em um movimento que transforma em atividade a passividade da criança diante da frustração oral do desmame.

O segundo momento, com o pedido de ser observado pelos pais à noite, sobretudo pelo pai que deveria deixar carrinhos na cama demonstrando suas visitas, marcaria um salto qualitativo na constituição do psiquismo do menino. Há um movimento de buscar ser olhado, para ajudar a conter algo ameaçador durante o sono, quando o incontrolável pode emergir. Este momento indicaria o destino pulsional transformação no contrário, na transmutação do olhar (passivo, da autoconservação) em ser olhado (já em um segundo tempo da sexualidade). O ameaçador, conta-nos Bleichmar, não era a gravidez da mãe em si, mas a simbolização insuficiente proporcionada pelos pais, que haviam dito para o menino que teriam um outro filho para satisfazê-lo. Ao ser responsabilizado pela vida do irmão poderia ser responsável por sua morte. A proteção paterna por intermédio de carrinhos (objetos desprendidos da função protetora paterna) não foi suficiente e André recorreu ao objeto apaziguador suco novamente. Note-se, ainda, que no segundo tempo da constituição da fobia, já há indicação de conflito, o menino pede ajuda para que o pai entre como auxiliar para dar conta da perturbação que sentia. Esse momento, afirma Bleichmar, já indicaria a presença de um “*si mesmo que é já um outro, um id*” (Bleichmar, 1993, p.68).

O terceiro momento da instalação da fobia ocorreu quando a irmã nasceu e a mãe também não a amamentou, o que teria reatualizado as frustrações orais do menino. O medo de André deixou de ser indeterminado, sua fobia se constituiu com a emergência do Drácula como um significante. O sintoma, portanto, seria simbólico. Logo, o recalque originário já havia ocorrido.

Os dois destinos pulsionais são defesas frente aos movimentos pulsionais, ligam-se entre si e se organizam na mesma gramática do reflexivo, em uma permuta entre sujeito e objeto (olhar-se/ser olhado), afirma a autora.

Bleichmar nos lembra que em *Os Instintos e seus Destinos* (1915), Freud teria pensado em três movimentos: olhar /olhar-se (volta contra a pessoa) /ser olhado (exibicionismo/ transformação no contrário). Para ela, o primeiro tempo não corresponderia à tendência pulsional ativa e estaria na posição de passividade, Freud teria designado com isso a função

visual como função autoconservadora. Assim, o primeiro tempo, o olhar, estaria relacionado com a autoconservação.

O sexual entraria no segundo momento, “A origem da pulsão corresponderá ao segundo estágio, o estágio do registro sexual do fantasma” (Bleichmar, 1993, p. 61), fazendo referência a Laplanche. Para Bleichmar, seria o momento do retorno sobre a própria pessoa, quando a sexualidade metabolizada⁴³ do adulto se instaura como pulsão: “Definimos como primeiro tempo da sexualidade o ‘retorno sobre a própria pessoa’; momento no qual a pulsão se instaura no sujeito psíquico e a partir do qual se produz a *Schaulust*⁴⁴ que torna esta objeto interno-externo atacante” (Bleichmar, 1993, p. 71).

Nesse segundo movimento descrito por Freud há, portanto, o voltar-se para uma parte de si mesmo, uma parte do corpo. Esse seria o tempo do autoerotismo e da pulsão parcial. Não existe ainda um sujeito imaginariamente unificado como todo que olha a si mesmo, existe apenas fenomenologicamente para o observador, não para o sujeito que olha, ou seja, não existe um ego que tenha uma representação de si mesmo:

Esta primeira cisão entre olhar (do primeiro tempo) e olhar-se, do segundo, não se realiza pela linha que marcará o recalque posteriormente, cisão determinada pelo conflito intersistêmico, senão por uma primeira clivagem entre o sujeito da autoconservação e o sujeito sexuado, abarcando múltiplas linhas que só põe de manifesto a *fragmentação libidinal deste último* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1993, p. 61)

Busquei apresentar mais detalhadamente o quarto capítulo tanto por sua centralidade em relação ao livro, dado que nele a autora trabalhou diretamente o conceito recalque originário e seus precursores, quanto por entender que há aspectos confusos, não apenas os relacionados ao excesso de tempos ou momentos que aborda (constituição da fobia, destinos da pulsão e instauração do recalque). Apresento algumas observações que merecem maiores reflexões:

- a) O primeiro momento da sexualidade ocorreu aos nove meses do bebê.
- b) A autora inclui, nesse capítulo, a concepção da fantasia como primeiro momento da sexualidade.
- c) Este primeiro tempo é o da instauração da pulsão.

⁴³ Abordo o conceito de *metábole* tal como tratado por Bleichmar no próximo capítulo da dissertação.

⁴⁴ Tradução livre para *Schaulust* poderia ser prazer de olhar.

- d) A instauração da pulsão ocorre com a incidência do destino da pulsão *voltar-se sobre si mesmo*.
- e) Há um hiato temporal relevante entre o primeiro e o segundo tempos da sexualidade (e da constituição da fobia).
- f) Os primeiros tempos da sexualidade e da constituição da fobia coincidem.
- g) É possível pensar em autoerotismo em André?
- h) Como a questão do constrangimento é tratada no caso André?

Como informado, tentarei fazer algumas reflexões a partir das observações e questionamentos apresentados, articulando o caso André com outras passagens da autora e com aspectos pensados por Laplanche, visando evidenciar a diferença de abordagem dos autores.

A autora, no sexto capítulo de *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), formula a seguinte frase: “a instauração pulsional (*representação da primeira experiência de satisfação* [itálicos meus], na qual boca e seio constituem um todo que permite pensar que a boca é uma cavidade que falta no seio)” (Bleichmar, 1993, p. 106). Essa formulação parece diferir da apresentada no quarto capítulo do mesmo livro, dado que poderíamos compreender que a instauração pulsional ocorreria a partir inscrição da primeira experiência de satisfação e não no momento da configuração da fantasia emergida pela reativação de uma frustração oral, como vemos neste outro trecho do mesmo livro:

Assinalamos o primeiro tempo de constituição desta fobia como um tempo traumático que desemboca em fantasmas pulsionais que ainda não possuem um estatuto metapsicológico preciso [...] *o que constitui este primeiro tempo é o ‘retorno sobre a própria pessoa’ por parte da pulsão, o fato de que esta se instaure como interno-externo atacante para o sujeito* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1993, p. 70)

Sob certa ótica, a elaboração do caso clínico André parece alinhada ao pensamento laplancheano, principalmente se entendermos que o primeiro destino pulsional, a volta sobre si mesmo, seria uma fixação de uma marca pulsante, relacionando-se com o primeiro momento do recalque originário tal como proposto por Laplanche. Bleichmar assim o sugere neste capítulo e mais tarde, no livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994). Assim: “analisamos a transformação no contrário em relação ao ver-ser visto e *a volta contra a própria pessoa como momento em que a pulsão se instala como corpo estranho interno-externo* [itálicos meus]” (Bleichmar, 1994, p. 185).

O fato da fantasia de André ser a maneira como se configurou a instauração pulsional se relaciona, evidentemente, à idade do menino em função do início da dentição e, como mencionado no parágrafo anterior, aproxima Bleichmar de Laplanche. Mas a questão me parece mais complexa. A inscrição não foi apenas da vivência da satisfação oral, a fantasia de André entrelaçava ao menos duas vivências anteriores, a satisfação e sua frustração. A confusão deste capítulo, na minha leitura, aponta para um possível momento de inflexão no pensamento da autora, algo que vai se esclarecendo ao longo de *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) e se torna consideravelmente mais compreensível nas obras posteriores da autora. Ou seja, talvez a confusão mostre vestígios dos primórdios do afastamento do pensamento da autora em relação a Laplanche. E o principal distanciamento, como tento demonstrar na segunda parte da dissertação, é o estabelecimento de dois conceitos em Bleichmar, o recalque originário e os signos de percepção, a partir da abordagem laplancheana sobre o recalque originário no texto do Colóquio de Bonneval de 1960.

Antes, no entanto, no âmbito do objeto do recalque originário, *a autora assenta que é a sexualidade infantil, exercida via autoerotismo, que será recalcada*, como vemos na seguinte passagem: “recalcamento originário – aquele que tem a seu encargo o sepultamento do autoerotismo no fundo do inconsciente” (Bleichmar, 1994, p. 135). Ou seja, *o objeto do recalque originário é o autoerotismo infantil*.

O autoerotismo infantil também está presente em Laplanche. No entanto, Bleichmar parece dar mais destaque a este aspecto da sexualidade. O autoerotismo, no texto bleichmariano, é exposição nua e crua da sexualidade infantil. Está muito distante de ser um conceito metapsicológico com algum grau de abstração, como poderíamos pensar sobre os significantes enigmáticos laplancheanos.

O que desejo transmitir aqui é que entendo que a abordagem que a autora faz do autoerotismo e da sexualidade infantil, exibindo sem pudores esse aspecto que é tão central à clínica de forma geral e tão desnudado na clínica de crianças, faz aflorar a dramaticidade do sexual infantil, isso que em todos nós compõe o inconsciente recalcado.

Cito um exemplo que talvez ajude a evidenciar o que tento apontar. A mãe de Javier⁴⁵ o leva novamente para Silvia Bleichmar cerca de um ano após os encontros anteriores, pois o garoto havia urinado na frente de algumas garotas enquanto pedia, com “riso desafiante”,

⁴⁵ O caso do menino em que a autora fala sobre o recalcamento sendo constituído *in situ*.

para ser olhado e por ter levantado a saia de uma amiga de sua mãe mais velha, tentando tocar seu traseiro enquanto ria de “muito de excitação” (Bleichmar, 1994, p. 190).

No encontro, Javier pediu para ver a Silvia de um ano antes. Mesmo um pouco insatisfeito com a Silvia atual, repetiu uma brincadeira na qual a psicanalista acendia um isqueiro e o menino apagava a chama. A mãe do garoto disse que ele era um menino que todos queriam apertar e fazer carícias. Bleichmar falou, então, “da propriedade de seu corpo” (Bleichmar, 1994, p. 190), sobre ele ter direito a se recusar a ser tocado, algo que o excitava e que, tal como a chama do isqueiro, pedia para que ela o ajudasse a apagar. Ela falou isso ao menino. E na sequência: “‘Eu tenho um pinto grande, grande como o do papai [diz o menino]. Interpreto: ‘É teu pinto, precisas dizer às mulheres que o tens, que é teu, que é grande, que és um homem’” (Bleichmar, 1994, p. 191).

Outro aspecto relevante é que em Bleichmar há um evidente hiato temporal entre a instauração da pulsão e o recalque originário. Em Laplanche, se considerarmos exclusivamente as proposições antes dele conhecer Bleichmar, as duas etapas do recalque originário soam consecutivas e próximas temporalmente. No caso André, como busquei evidenciar, já há um importante hiato temporal entre a inscrição da pulsão e seu recalque. E em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), a inscrição pulsional se afasta não apenas temporalmente do recalque originário, torna-se independente deste, no sentido de que nem todas as inscrições pulsionais serão recalçadas, somente as contrainvestidas pela mãe. Dito de outra forma, apenas inscrições que puderam se ligar a alguma forma de contracarga poderão fazer parte do inconsciente recalcado originariamente. Aquelas inscrições que não tiveram possibilidade de ligação alguma, seja pelo discurso da proibição, seja pela via do narcisismo materno, formarão o arcaico, assunto trabalhado no próximo capítulo da dissertação.

Já em relação à contracarga⁴⁶, Bleichmar fala no caso André que o pré-consciente seria o sujeito da contracarga. Contudo, o pai de André também poderia ser visto como agente de contrainvestimento, na medida que seu olhar e cuidado atuam como elementos asseguradores para o menino conter o perturbador dentro de si. Apesar da possível confusão, Bleichmar questiona em outro capítulo: “Mas, em que consiste esta contracarga e qual é a sua origem?” (Bleichmar, 1993, p. 47). Ao que responde alguns parágrafos depois: “O próprio

⁴⁶ As palavras contracarga e contrainvestimento são usadas como palavras sinônimas no presente texto.

adulto, esse outro, que sexualiza a criança, instaura o sistema de proibições, dá respostas e impõe silêncios e proporciona as representações com as quais contrainveste o inconsciente” (Bleichmar, 1993, p. 48).

Outro caso clínico, Martin, apresentado no sétimo capítulo do livro, também traz elementos para refletirmos sobre o contrainvestimento inicial, aquele a partir da qual o recalque originário retira sua força. Martin tinha pouco menos de três anos quando a família buscou ajuda, ele era o segundo filho (tinha um irmão mais velho de cinco anos) e não falava. Bleichmar relata que o menino tinha sido cuidado desde os quinze dias pela avó que havia se mudado para o México para ajudar a filha. A avó permaneceu na casa até Martin ter pouco menos de um ano e meio, época em que já andava e falava algumas palavras. Com a partida da avó, a linguagem não apenas deixou de se desenvolver, Martin parou de falar, voltando a usar chupeta e mamadeira. Bleichmar entendeu que havia “desorganização pulsional e [...] déficits de constituição do aparelho psíquico” (Bleichmar, 1993, p. 115), Martin não demonstrava se importar com seus próximos, seus pais eram usados como fonte de fornecimento do apoio a satisfação do autoconservativo:

Em Martin, o outro humano, o semelhante, é um suporte para o objeto que quer obter. Ele não utiliza a mamadeira noturna para conseguir a presença dos pais em seu quarto, não pede água como qualquer criança que, na escuridão da noite, põe a sede a serviço da busca do amor; pelo contrário, utiliza o outro humano como suporte que permite a satisfação de necessidades vitais elementares. (Bleichmar, 1993, p. 116)

Martin repetiu alguns rituais evacuativos desde a primeira sessão com a psicanalista, que foram refeitos ao longo dos atendimentos. A repetição do fenômeno e o uso da chupeta indicaram para a psicanalista a existência de “movimentos pulsionais desprendidos da função libidinizante que culmina no amor objetal” (Bleichmar, 1993, p. 117), o que ela entendeu ser um bom prognóstico. Não havia um ego ainda, “Seus buracos são zonas de expulsão e de incorporação indiferenciadas às quais não se liga um objeto específico” (Bleichmar, 1993, p. 118). Mas havia, no entanto, autoerotismo.

Interessa-nos aqui o momento do tratamento em que o *não* se constituiu. Martin já falava algumas palavras soltas, não usava o pronome eu, tampouco o não, que era confundido com o sim. Após três meses de análise, lá “pela 44ª sessão” (Bleichmar, 1993, p. 137), Bleichmar o proibiu de colocar os dedos e uma vara de metal em uma tomada. Em seguida, Martin deu uma pancada em uma máquina de escrever. Ao que a psicanalista reagiu dizendo repetidas

vezes “Não, Martin”, até se aproximar do menino, tomá-lo nos braços “suavemente, mas com firmeza” e o tirar de perto da máquina (Bleichmar, 1993, p. 137). Ele ficou bravo, gritou e ameaçou com uma almofada; ela, então, lhe disse que ele estava bravo com ela porque ela não o tinha deixado fazer tudo que queria.

Bleichmar destaca que a partir deste fato o menino passou a chamar o cachorro de não-gato. Imagino que Bleichmar atendesse em sua casa no México e que tinha gato e cachorro. Martin, até então, costumava chamar a todos, indiscriminadamente, de gato:

Produziu-se, a partir disso, um acontecimento decisivo para sua constituição: quando lhe digo ‘não, Martin’, proibindo-o que se aproxime à tomada ou à máquina de escrever, assinalo-lhe ao mesmo tempo que uma proibição é um limite que marca o que ele não é. O *não, Martin* implica tanto a proibição como a discriminação entre ele e o outro, é tanto *não, Martin*, como *não-Martin*. No mesmo momento começa a dizer eu. Não é na realidade eu como pronome pessoal, acompanhado de um verbo [...]. Martin utilizava o eu como um significante, correspondendo mais ao ego ideal que à própria instância egóica... (Bleichmar, 1993, pp. 137-138)

Começam, então, a aparecer sinais de conflito, quando ficava bravo, pegava um objeto frágil na janela e dava para a psicanalista guardar. Até que formulou uma primeira frase, para sua mãe. Ele e seu irmão tinham saído da natação, a mãe comentou que havia visto o irmão nadar e que ele nadara bem. Martin, então, perguntou: “Viste-me, mamãe?” (Bleichmar, 1993, p. 139).

Entendo que o jogo *não, Martin/não-Martin* aborda o estabelecimento de um limite ao eu, movimento diferenciador, seguido de uma ação sugestiva da presença da transformação no contrário (cuidar no lugar de destruir o objeto frágil), que foi seguida, por sua vez, da formulação de uma frase com o uso do pronome *me*, de um eu como instância psíquica, se acompanharmos o pensamento de Bleichmar neste capítulo.

Em Bleichmar, o recalque originário se inter-relaciona tanto com a inscrição pulsional quanto com a constituição do eu, esse último tema não é abordado nesta dissertação. Contudo, entendo ser relevante assentar que a constituição de algum grau de identificação primária, ainda que anterior ao eu como instância psíquica, é necessária ao movimento que se encerra com a instauração definitiva do recalque originário. Ao acompanharmos alguns dos casos clínicos da autora, é possível ver como a psicanalista buscava ajudar a constituir um eu unificado, um ego ideal, como ela menciona no último capítulo do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994). A partir disto, será o pré-

consciente, o ego nascente que sustentará o contrainvestimento. É o que a autora parece afirmar na seguinte passagem:

O fato de que o narcisismo seja, em nossa clínica, o chão pelo qual circulam as abrochaduras⁴⁷ passionais que capturam o ego, aonde se instalam as cegueiras defensivas que obturam os movimentos desejantes do sujeito, não pode levar-nos a desconhecer o fato de que *sua introdução na vida psíquica é uma premissa necessária para o funcionamento dos sistemas diferenciados e para o contrainvestimento do auto-erotismo* [itálicos meus], sem o qual o sujeito ficaria entregue ao exercício da pulsão sexual de morte. (Bleichmar, 1994, p. 5)

A renúncia à satisfação pulsional em um primeiro momento é consciente, período em que as crianças ficam irritadas, angustiadas e sentem mal-estar. É o momento em que a libido pode se conectar com um conteúdo representacional como proibição, formando o conteúdo do que será recalcado. A renúncia acontece, em um primeiro momento, em função do amor pelo semelhante, ou pelo medo de perder o amor do outro. A criança recusa seus impulsos para agradar aos pais, que lhe proíbem a satisfação: “Então, em um primeiro tempo o recalçamento acumula força de contrainvestimento desde a proibição do outro” (Bleichmar, 1994, p. 182). A longa passagem é substancial a esta discussão:

De onde o recalçamento originário extrai sua força? A pergunta ressurgue sempre que nos enfrentamos com as falhas de sua constituição - e o interesse não só é teórico, suas consequências clínicas são imediatas: a possibilidade de operar nos tempos da infância nesse sentido deriva totalmente da resposta escolhida.

Duas grandes opções foram oferecidas ao longo da história da psicanálise, a partir de propostas do próprio Freud. Por um lado, uma hipótese de caráter econômico, geral: são as quantidades hipertróficas de excitação que levam ao recalçamento. Por outro lado, a hipótese identificatória: é do outro, da cultura, donde a criança extrai a força e incorpora as proibições que levam ao recalçamento daquilo que será considerado posteriormente inaceitável pelo lado do ego. Trata-se de duas alternativas tão polares como parecem inicialmente ou alguma ordem de complementariedade pode ser estabelecida entre elas?

A observação da conduta infantil - não apenas a clínica - pode servir-nos para buscar uma resposta. Por exemplo, notamos que o controle de esfíncteres não vai acompanhado, imediatamente, do recalçamento do anal que dá origem às formações reativas concomitantes. Uma criança que conseguiu a pautação cultural da evacuação das fezes, tendo renunciado ao exercício direto, pode permanecer, no entanto, no banho, observando outra criança que está em vias de realizá-lo. As crianças compartilham por algum tempo, nos jardins de infância, seus exercícios de evacuação, indo juntas ao banheiro e, inclusive, conversando e brincando enquanto a operação se realiza. O chamativo de tal situação é que não manifestam o asco que uma criança mais velha ou um adulto poderiam sentir ante o mesmo ato.

Este tempo de recusa do objeto, este primeiro tempo de abandono de uma satisfação pulsional, é o pré-requisito do recalçamento [itálicos meus] - o qual estará vigente quando o sujeito desconheça, em si mesmo, um desejo que se tornou estranho formando parte, topicamente, de outra parte de si que já não lhe pertence.

⁴⁷ Segundo a versão digital do Dicionário Caudas Aulete, o verbete original abrochadura significa união, ligação.

Neste primeiro tempo, a renúncia estará marcada pelo amor ao semelhante, e assim como ‘se come pelo amor de mamãe’, renuncia-se ao seio, ao bico, às fezes, ‘por temor a perder o amor de mamãe’.

Então, em um primeiro tempo o recalçamento acumula força de contrainvestimento desde a proibição do outro. Na mensagem materna que diz ‘as crianças lindas fazem cocô no vaso’ está a força de contra-investimento do prazer anal plasmado, pela própria mãe, em seus cuidados precoces, desde representações inconscientes que ela mesma desconhece [itálicos meus]. (Bleichmar, 1994, pp. 181-182)

E adiante:

*Neste primeiro tempo de recusa consciente da satisfação pulsional, as crianças apresentam sintomas que se assemelham aos sintomas das neuroses atuais: irritabilidade, expectativa angustiada, mal-estar. A angústia livremente flutuante - quer dizer, as quantidades de libido desligadas - *estará pronta a conectar-se com algum conteúdo de representação que lhe convenha, estará pronta a ligar-se, seja na repulsa do objeto, seja no retorno da tentativa de satisfação pulsional direta* [itálicos meus].*

Em um segundo tempo, o recusado torna-se recalçado, e neste caso o que define é a economia psíquica. As representações devem ser afastadas por esforço de contra-investimento do ego incipiente para evitar sua perturbação constante. É neste tempo que se forma um ‘grupo psíquico separado’ que tende a evitar a irrupção massiva de quantidades hipertróficas de excitação. (Bleichmar, 1994, p.183)

Como pode ser observado na longa citação, o recalque originário coloca para fora o que incomoda, como um bolso que se forma a partir de um tecido, metáfora usada pela autora fazendo referência aos dedos da luva de Laplanche. Ou seja, o recalque originário plenamente instaurado, com a cisão do aparelho, consolida um espaço que será estranho ao eu. Neste sentido, o ponto de vista econômico é um aspecto relevante. O recalque originário traz aquietação ao psiquismo; com a instauração definitiva da tópica a criança não precisa gastar tanta energia para dar conta do conflito dentro de si.

Bleichmar escreve: “Em minha opinião, só se pode pensar o conflito referindo-o a instâncias; e neste sentido, também, só pode ser definido através da posição que o recalçamento ocupe na teorização que se proponha para o aparelho psíquico” (Bleichmar, 1993, p. 47). Essa afirmação é acompanhada de uma extensa nota explicativa na qual a autora se posiciona contrariamente a certas colocações da psicologia do ego. Por esta perspectiva, entendo que a frase deva ser contextualizada pela nota, Bleichmar dialogava com a psicologia do ego ao escrevê-la.

O conflito aparece antes da instauração *definitiva* das instâncias como vemos em casos clínicos apresentados pela autora, inclusive em Martin e em André aqui abordados. Já há conflito quando precursores do recalque demonstram sua força. Assim, entendo que, em um primeiro momento, o conflito está no outro cindido, na mãe, nos pais, um outro que nem é

percebido como outro pelo bebê inicialmente. O conflito não está na criança dos primeiríssimos tempos. É pela possibilidade de inscrição de uma divergência entre o que a criança faz (em sua busca de satisfação autoerótica) e o que escuta (sobre o que está autorizada a fazer) que o conflito emerge.

Lembremos, no entanto, que a mãe exerce a dupla função materna para a autora, como é possível observar na passagem a seguir:

No momento do nascimento do filho, a mãe, como sujeito cindido, possui tanto a capacidade de amor narcisista (que permitirá a unificação do amor libidinal na criança na constituição da tópica egóica), como um conjunto de desejos recalcados que tem como sede o próprio inconsciente materno. Como sujeito de desejo e contracarga, aquilo que exerça no corpo da criança não será verbalizado senão como proibição. Deste modo, a mãe introduzirá sua sexualidade brutal através da limpeza do ânus, formulando *posteriormente* [itálico meu] a frase – quando a criança faça uso do auto-erotismo para recriar os cuidados excitantes que o constituíram -: ‘As crianças não se tocam a bunda’, gerando mediante a palavra a contracarga pulsional que vai operar como motor do recalçamento no aparelho psíquico infantil. A palavra cairá degradada a [em] coisa, e as condições da dupla inscrição estarão prontas para o retorno do recalcado. (Bleichmar, 1993, p. 123)

Neste sentido, talvez seja possível sugerir uma tripla função materna. A dupla função materna fala da mãe que excita, permitindo a inscrição de marcas de sexualidade advindas de seu próprio inconsciente, e da mãe que acalma, dando possibilidade de ligação às inscrições pulsionais, por movimentos do lado de seu narcisismo transvazante, do lado de seu ego. Mas é esta mesma mãe que coloca proibições, permitindo, assim, alguma transcrição ao que não foi capturado pelo narcisismo. A mãe de Silvia Bleichmar exerce a dupla função materna e também a função paterna.

Há neste aspecto uma sutileza que poderia passar despercebida. Em minha leitura, simbolização e recalque originário são processos distintos para a autora. Há um campo nebuloso entre os dois conceitos, como já debatido anteriormente, mas também nas palavras da autora. Assim, no próprio livro *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), ao rever o caso Dick de Melanie Klein, retrabalhado por Lacan, afirma:

Mas o conteúdo deste inconsciente – e esta é nossa divergência com Lacan - não é o discurso do Outro, não está constituído pelas palavras de Melanie Klein: o inconsciente de Dick se constitui na medida em que as representações já inscritas em seu psiquismo encontram uma localização tópica definitiva a partir do fato de que as palavras de Melanie Klein *introduzem uma simbolização maior, que funda o recalçamento originário* [itálicos meus] (Bleichmar, 1993, pp. 204-205)

Essa frase não parece ser completamente condizente com outras passagens apresentadas. No entanto, lembremos que as palavras que permitem a simbolização de Dick são palavras

permeadas pelo conflito edípico. Não é meu objetivo aqui rever o caso, apenas busco apontar a questão. Seguindo a leitura de Bleichmar, a simbolização diria respeito à possibilidade de transcrições e retranscrições de marcas psíquicas e o recalque originário seria uma defesa psíquica que ocorre pelo conflito entre as marcas inscritas (“languageiras” ou não), cujo resultado é colocar para debaixo do tapete o que causa perturbação. Essa é a escolha da autora. Bleichmar, contudo, tinha ciência da outra possibilidade, talvez mais próxima da ideia laplancheana de autotrauma. Retomo parte da longa citação que fiz na página 85, quando ela busca resposta para a questão sobre a origem da força do contrainvestimento necessário ao recalque originário:

Duas grandes opções foram oferecidas ao longo da história da psicanálise, a partir de propostas do próprio Freud. Por um lado, uma hipótese de caráter econômico, geral: são as quantidades hipertróficas de excitação que levam ao recalque. Por outro lado, a hipótese identificatória: é do outro, da cultura, donde a criança extrai a força e incorpora as proibições que levam ao recalque daquilo que será considerado posteriormente inaceitável pelo lado do ego. Trata-se de duas alternativas tão polares como parecem inicialmente ou alguma ordem de complementariedade pode ser estabelecida entre elas? (Bleichmar, 1994, p. 181)

Recordemos que para Laplanche há três aspectos a serem observados em Freud a respeito do recalque originário: fixação, contrainvestimento e trauma. Silvia Bleichmar fala em fixação, contrainvestimento e clivagem do aparelho, conforme é possível observar na citação:

Cercamos os elementos que definem a função do recalque originário como constituinte: fixação, contra-investimento e clivagem do aparelho psíquico em dois sistemas contrapostos (o inconsciente e o pré-consciente-consciente). Recalque que só pode ser inferido retrospectivamente a partir de seus resultados, a clínica de crianças oferece um lugar privilegiado para explorar seus movimentos. (Bleichmar, 1994, p. 188)

Trauma e cisão do aparelho seriam equivalentes? Em Bleichmar, a cisão do aparelho parece ser o próprio recalque. Mas o trauma, na expressão laplancheana autotrauma, não teria mais relação com a hipótese de caráter econômico como fonte da força do recalque originário? Se for este o caso, os autores aqui parecem se distanciar em relação a estas escolhas teóricas, na medida que Bleichmar, mesmo considerando o aspecto econômico, aproxima-se também da hipótese identificatória; há complementaridade e não exclusão entre as hipóteses aventadas.

Adicionalmente, a fixação em Laplanche pode ser pensada como mais próxima da ideia de fixação dos significantes enigmáticos no psiquismo, algo que em Bleichmar poderia ser pensado como inscrição das marcas excitantes. No entanto, ao considerar a pulsão como resultado não traduzido, ou seja, ao trabalhar com a ideia de objetos-fontes da pulsão, talvez

Laplanche tenha mantido a ambiguidade que ele mesmo apontou em Freud (Laplanche, 1992b, pág. 61), ou seja, de fixação como inscrição e como recalque. Ambiguidade que parece trazer uma série de questionamentos lógicos, tais como: não existiria pulsão antes do recalque originário? A pulsão equivale ao recalcado? Ou, ainda, quem faz essa primeira tradução? Em Bleichmar, fixação é fixação ao inconsciente, ou seja, trata-se da fixação de marcas à tópica inconsciente, como podemos observar no trecho a seguir:

Então, a partir de não considerar o inconsciente como existente desde as origens, mas fundado por recalque, é que nos surge a questão de recuperar os movimentos fundantes de um e de outro – das inscrições primeiras que dão origem ao inconsciente, e de sua fixação definitiva ao inconsciente definido como sistema pelo recalque. (Bleichmar, 1994, pag. 38)

Dessa forma, ao separar os movimentos da inscrição pulsional e do recalque originário, entendo que a autora possibilitou a ampliação de ambos conceitos. Não apenas o recalque originário pode ser pensado e refletido mais detidamente, mas a concepção de inscrição pulsional pode também ser pensada de maneira fecunda, como veremos no próximo capítulo.

6. PRIMEIRAS INSCRIÇÕES, ARCAICO E SIGNOS DE PERCEPÇÃO

Daniel chegou ao consultório de Bleichmar com pouco mais de um mês de idade, consulta requisitada com urgência pelos pais em função da insônia do filho. Nada acalmava o bebê, que permanecia inquieto durante a amamentação, trocas de fraldas, banho... Mamava de forma desesperada, balançando-se sobre o seio, sem repousar ou se tranquilizar. Primeiro filho do casal, descartadas perturbações orgânicas, os pais sentiam que algo estava falido no vínculo com o menino e se mostravam perdidos diante da falta de referência de gerações anteriores; as avós davam conselhos em direções opostas.

Bleichmar solicitou um segundo encontro para o mesmo dia, horas mais tarde, sem a presença do pai e pediu à mãe que aguardasse para amamentar na sessão. Durante a mamada, percebeu que a mãe parecia segurar Daniel com dificuldade, seus braços cruzados embaixo do menino não deixavam uma mão solta para segurar a mão do filho, para acariciá-lo, a cabeça de Daniel não se acoplava ao corpo materno. A psicanalista perguntou como a mãe se sentia segurando seu bebê. A mãe de Daniel respondeu que não conseguia agarrá-lo bem, não sabia o que ele queria. Bleichmar perguntou se ela achava que ele poderia saber o que queria. A mãe, então, começou a contar sobre si. Durante a conversa, Silvia Bleichmar assinalou que Daniel não estava bem encaixado e perguntou se a mãe não sentia vontade de lhe fazer carinho. Fez também algumas construções breves: Daniel necessitava se agarrar ao seio da mãe que, naquele momento, era um seio quentinho e carinhoso que o deixava cheio. A mãe começou, timidamente, a acariciar a cabeça de Daniel. A psicanalista, então, relata: “Eu mesma tinha a sensação de estar assistindo a algo inaugural; uma envoltura narcisizante capturava-nos a todos” (Bleichmar, 1994, p. 14).

Os atendimentos se focaram na dupla mãe-bebê, sendo necessário incluir o pai apenas pontualmente. As intervenções aconteceram sobre as questões da mãe, relacionadas às suas vivências como filha, irmã, esposa... Daniel foi se acalmando já nos primeiros encontros, permitindo que trocas e banhos fossem realizados sem grandes dificuldades, assim como as mamadas começaram a ser mais satisfatórias para ambos, mãe e filho. Adicionalmente, na primeira sessão com a dupla, Bleichmar propôs o uso de chupeta e ajudou, posteriormente, o casal a insistir para que Daniel se acostumasse com seu uso.

A intervenção sobre o uso da chupeta deixa patente a compreensão que a psicanalista teve do caso. A chupeta visava oferecer a Daniel algo com o que ele pudesse se satisfazer, pois

Bleichmar percebia que restava uma excitação após as mamadas. Tratava-se de algo que o alimento já não poderia saciar, um remanescente excitatório:

Nesse momento, propus-lhe incluir o bico⁴⁸; tinha um, mas, segundo ela [mãe], rechaçava-o. Insisti em que o segurasse com a mão durante uns minutos, com a convicção de que em algum momento acabaria aceitando-o. *Havia um remanescente excitatório que não cedia, e sustentei a necessidade de oferecer-lhe algo para evacuá-lo que não fosse alimentício* [itálicos meus]. Depois de um tempo, o menino tinha adormecido profundamente, e a jovem mãe manifestava sua surpresa e certa desconfiança maravilhada. A entrevista havia durado uma hora e quarenta minutos, e ambos foram ao encontro do papai. (Bleichmar 1994, pp. 14-15)

Na compreensão da psicanalista, o “transvazamento narcisista” materno apresentava falhas resultantes “de uma dificuldade na estruturação do [seu] narcisismo secundário, no qual a castração feminina possibilita[...] a passagem ‘transvazante’ ao filho, como posicionamento narcisista” (Bleichmar, 1994, p. 17). Em Daniel, as dificuldades da mãe (e do pai que participava deste arranjo) repercutiam como “falhas na matriz simbólica que dão origem tanto ao transtorno do sono como aos sintomas posteriores [o que poderia ter ocorrido caso nada fosse feito]” (Bleichmar, 1994, p. 18).

A inspiração para a compreensão da autora se baseia em Freud, a começar pelo esquema de circulação energética proposto no Projeto para uma Psicologia Científica (1950 [1895]). Nele, a energia que entra no interior do organismo, que não pode ser completamente descarregada (quando não há fuga possível), busca outras vias para circulação. O princípio de inércia (depois nomeado como princípio de nirvana), no qual há descarga a zero, só é passível de ser observado no autoconservativo, modelo de funcionamento do biológico. No biológico, o que entra é consumido ou evacuado. No entanto, quando não há possibilidade de eliminação ou evacuação, o que entra no organismo produzirá outro tipo de impacto em seu interior. Aqui está em ação o princípio de constância, que pauta a série prazer-desprazer:

A necessidade nutritiva pode ser descarregada a zero [...], mas aquilo que é desprendido da necessidade biológica, aquilo que constitui um *plus irreduzível* [itálicos meus] e que leva a modos de derivação de outra ordem [...], aquilo que se recusa à descarga a zero, irrompe no vivente alterando para sempre seus modos de funcionamento. (Bleichmar, 1994, p. 20)

No modelo freudiano do Projeto para uma Psicologia Científica (1950 [1895]), quantidade se transforma em complexidade, aponta Bleichmar. Concepção presente também no conceito de pulsão, uma vez que a complexificação de seus destinos é o “verdadeiro motor do

⁴⁸ Chupeta.

progreso psíquico” (Bleichmar, 1994, p. 20). A autora lembra que Freud fala sobre a necessidade de ação específica para dar conta das quantidades, ação essa que demandará “assistência alheia” (Bleichmar, 1994, p. 21), um outro humano capaz de realizá-la, nos primeiros tempos de vida, em função do desamparo do bebê.

É por esta “fissura” que o outro humano se introduz, que há a entrada do sexual a partir do biológico. *Para Bleichmar, essa é uma leitura possível da obra freudiana.* Além deste aspecto, também abordado por Laplanche, a autora fez observações sobre essa questão no texto “*Lo Inconciente*”: *Fecundidad Clínica de sus Paradigmas*, publicado no livro *Lecturas de Freud* (1990), antes, portanto, da publicação do original *La Fundación de lo Inconciente: Destinos de pulsión, destinos del Sujeto* (1993), pela Amorrortu, na Argentina.

Em *Lecturas de Freud* (1990), Silvia Bleichmar se propôs a esmiuçar o texto O Inconciente (1915), analisando-o parágrafo a parágrafo com suas coerências e incoerências em relação a outras obras de Freud. Para a autora, trata-se de um texto com ambiguidades, a começar pela dubiedade entre inconciente descritivo e sistêmico. Interessa-nos aqui, neste momento, a ambiguidade freudiana com relação a ideia do inconciente baseado em um sistema de marcas e inconciente funcionando com a pulsão como delegação do somático: “Freud ha oscilado todo el tiempo entre el inconciente estructurado por sistemas de inscripciones – Hm – y el inconciente por delegación – por representancia-. Y aun cuando hayamos optado teóricamente por el primero [...] no podemos falsear la frase⁴⁹” (Bleichmar, 1990, p. 63).

A sustentação da escolha da autora se ancora no argumento de que o inconciente por delegação implicaria uma teoria endógeno-genética da pulsão, o que levaria a uma concepção biologistica como seu fundamento. Ora, lembremos que esta é a principal crítica da autora em relação a Klein. O inconciente da cultura, para ela, só poderia ser efeito de inscrições desejantes de um processo histórico vivencial:

aceptar una teoría endógeno-genética de la pulsión conduce inevitablemente a un retorno biologista en el fundamento del inconciente; el inconciente ‘de cultura’, el específicamente humano, no puede ser sino el efecto de inscripciones deseantes, efecto de un ‘histórico vivencial’, como Freud mismo lo denominó casi al final de su vida, en Moisés y la religión monoteísta (de 1938)⁵⁰. (Bleichmar, 1990, pp. 63-64)

⁴⁹ “Freud oscilou o tempo todo entre o inconciente estruturado por sistemas de inscrições – Hm [*huellas mnémicas*] – e o inconciente por delegação – por representancia-. E, ainda que tenhamos optado pelo primeiro [...] não podemos falsear a frase” [tradução minha].

⁵⁰ “aceitar uma teoria endógeno-genética da pulsão conduz inevitavelmente a um retorno biologistica no fundamento do inconciente; o inconciente ‘de cultura’, o especificamente humano, só pode ser efeito de

Aspecto que introduz a questão da fantasia na obra freudiana, na medida que o caráter endógeno da pulsão se alinharia ao modelo das fantasias originárias filogeneticamente adquiridas. No entanto, Bleichmar aborda a inconsistência desta concepção.

Para Bleichmar, a questão da fantasia “reúne notas contradictórias” (Bleichmar, 1990, p. 65) em Freud, sendo difícil posicioná-las do lado do inconsciente em *O Inconsciente* (1915). Neste texto, Freud argumenta que as fantasias apresentam uma alta organização e estão isentas de contradição. Significa que as fantasias, por um lado, não estão regidas pelo processo primário (a lógica da não contradição está operante). Por outro lado, apresentariam uma característica do inconsciente sistêmico, uma vez que não seriam suscetíveis de se tornarem conscientes, de acordo com Freud.

Desta maneira, Bleichmar entende que as fantasias se aproximam de uma segunda censura, movendo-se entre o inconsciente e o consciente⁵¹. Ou seja, elas não fazem parte do mais profundo do inconsciente, que seriam os representantes pulsionais recalçados⁵². Adicionalmente, a autora entende que a forma como Freud aborda a questão levaria a uma concepção de fantasia como “un guión, escena organizada susceptible de ser dramatizada bajo una forma visual. El sujeto está siempre presente en tales escenas – sea a modo participante, sea a modo de observador⁵³” (Bleichmar, 1990, p. 67).

A autora também afirma que as reflexões sobre as fantasias em Freud se estendem às fantasias originárias. Neste contexto, explicita a seguinte contradição: como algo que existe desde as origens pode ser tão organizado, ter estruturação lógica e ser regido pelo processo secundário?

Bleichmar, então, afirma que existem duas formas de conceber a constituição das fantasias em Freud. No *Manuscrito M* (1897), a fantasia seria uma composição entre vivências e coisas escutadas, dadas certas tendências relacionadas a investimentos pulsionais. Cita Freud: “(su) formación acontece por combinación y desfiguración, análogamente a la descomposición de

inscrições desejantes, efeito de um ‘histórico vivencial’, como Freud mesmo o denominou quase ao final de sua vida em *Moisés e o Monoteísmo* (1938)” [tradução minha]

⁵¹ “*se mueven en un espacio establecido entre lo lcc y la Cc.*” (Bleichmar, 1990, p. 67), cuja tradução poderia ser: “movem-se em um espaço estabelecido entre o lcs e o Cs” [tradução minha].

⁵² “*Tal vez lo más interesante sea que, en sentido estricto, no forman parte de lo más profundo del lcc, que son retoños de los representantes pulsionales reprimidos*” (Bleichmar, 1990, p. 67), cuja tradução poderia ser: “talvez o mais interessante seja que, em sentido estrito, não formam parte do mais profundo do lcs, que são ramificações dos representantes pulsionais recalçados” [tradução minha].

⁵³ um roteiro, cena organizada suscetível de ser dramatizada sob uma forma visual. O sujeito está sempre presente em tais cenas – seja como participante, seja como observador” [tradução minha].

un cuerpo químico que se combina con otro⁵⁴” (Freud, 1897/n.d., citado por Bleichmar, 1990, pp. 67-68). Isso pressuporia um modelo de inscrições de marcas ou vestígios mnêmicos. A outra forma seria a concepção de fantasias originárias filogeneticamente adquiridas, coerente com o modelo da pulsão endógena:

Y la otra, la que rige un modelo ‘por delegación’, modelo de ‘representancia’, que inaugura tanto un modo de constitución de los fantasmas originarios filogenéticamente adquiridos como el relevo que veremos operar en la segunda tópica, relevo del inconsciente por el ello (existente desde los orígenes, no estructurado por represión)⁵⁵. (Bleichmar, 1990, p. 68)

Em minha leitura, Bleichmar parece considerar que a existência do id (pulsão endógena) vincula o inconsciente a uma origem endógena, portanto, existente desde o princípio, tal como em Klein. Neste sentido, a ideia de fundação do inconsciente pelo recalque estaria em contradição com a concepção de id.

Adicionalmente, a autora afirma que a fantasia em Melanie Klein seria uma tentativa de conceber o representante-representativo da pulsão. Aspecto que teria resolvido a questão do objeto como um dos componentes da pulsão. Lembremos que os quatro componentes da pulsão são fonte, meta, pressão e objeto. Ora, afirma, a pulsão de origem endógena daria conta de proporcionar apenas três desses componentes. O objeto, se contingente e aleatório, ficaria impossibilitado de inscrição como componente pulsional:

Si se trabaja desde esta concepción del paralelismo, y se sostiene al mismo tiempo que el objeto sería aleatorio, contingente, la pulsión se inscribiría en tres de sus componentes: fuente, meta, fuerza, pero quedaría librada... ¿a qué?...¿a la búsqueda de objeto? (solución que intentó Fairbairn desde su soledad en Escocia)⁵⁶. (Bleichmar, 1990, p. 68)

Busquei demonstrar, nos parágrafos anteriores, que a autora mergulhou na obra freudiana, encontrando outros argumentos, além do aspecto do desvio da sexualidade sobre o biológico a partir da fissura do desamparo, para pensar a origem exógena da pulsão, *sua escolha de leitura da obra de Freud, inspirada em Laplanche*. Esses argumentos adicionais se assentam

⁵⁴ ““(sua) formação acontece por combinação e desfiguração, analogamente a decomposição de um corpo químico que se combina com outro”” [tradução minha].

⁵⁵ ““E a outra, a que rege um modelo ‘por delegação’, modelo de ‘representancia’, que inaugura tanto um modo de constituição das fantasias originárias filogeneticamente adquiridas, como a ênfase que veremos operar na segunda tópica, ênfase do inconsciente como id (existente desde as origens e não estruturado pelo recalque)”” [tradução minha].

⁵⁶ ““Se se trabalha a partir da concepção de paralelismo e se sustenta, ao mesmo tempo, que o objeto seria aleatório, contingente, a pulsão se inscreveria em três de seus componentes: fonte, meta, força, mas permaneceria livre... Para quê? Para a busca do objeto? (solução que tentou Fairbairn a partir de sua solidão na Escócia)”” [tradução minha].

em três aspectos: (i) a origem endógena ofuscaria o caráter cultural da fundação do inconsciente; (ii) a origem endógena seria mais congruente com a concepção de fantasias originárias filogeneticamente adquiridas; e (iii) a origem endógena só poderia contemplar o componente *objeto* da pulsão se considerarmos a fantasia como o representante-representativo da pulsão. Fiz, também, reflexões sobre a influência de Melanie Klein sobre os desenvolvimentos da autora a respeito do caráter endógeno da pulsão neste texto.

No entanto, penso que há uma questão lógica sustentando a escolha da autora com relação ao caráter exógeno da pulsão. Se a pulsão é o motor do progresso psíquico, aquilo que faz o psiquismo se complexificar, como conceber um psiquismo que se torna cada vez mais complexo a partir das experiências do sujeito, ou seja, a partir do histórico vivencial?

Imaginemos, contudo, que um e outro não sejam necessariamente excludentes. Em outras palavras, que seja possível pensar tanto em fundação do inconsciente a partir do recalque quanto em pulsão como conceito limite entre o somático e o psíquico, o que permitiria conceber ambos, id e marcas da história vivencial do sujeito, na formação do psiquismo. Porém, em Bleichmar, algumas destas marcas são “barulhentas”, elas agitam e inquietam. Insistem e podem permanecer como baterias, com cargas próprias. *Elas são privilegiadas porque são produtos de investimentos libidinais do outro, prioritariamente, os pais, ou, a mãe.* O que tento dizer é que são marcas carregadas em si de um tipo de energia, a sexual. Trata-se, em minha leitura, de uma aproximação lógica conceber a pulsão como exógena, na medida que esta solução dá conta da agitação, da pulsação, que essas marcas emitem no psiquismo.

Em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), Bleichmar argumenta que as “impulsões no sentido em que se falaria em física ou em eletrônica [...] são a própria ação de recordações recalçadas e de fantasmas que surgem dela, aquilo que se desprende dela como de sua fonte” (Bleichmar, 1994, p. 21), reconhecendo sua inspiração no modelo da sedução generalizada de Laplanche. No entanto, proponho que, *inspirada pela leitura laplancheana de Freud*, foi procurar no fundador do campo as ideias para seus desenvolvimentos, tal como sugiro que tenha realizado com o conceito recalque originário.

É certo que a autora segue as formulações laplancheanas sobre a sedução generalizada como fonte da pulsão, na medida em que o outro humano oferece um “a mais”, produto de seu inconsciente, ao buscar aquietar o aumento da tensão do autoconservativo. Bleichmar, assim o afirma no livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), mais especificamente no capítulo que apresenta o caso Daniel. Notemos as palavras

da psicanalista: “*a mãe propõe mensagens desqualificadas* [itálicos meus], com ‘um sentido ignorado a si mesma’ porque são subtraídas a seu próprio ego, já que são efeito de seu próprio inconsciente – inconsciente cujas inscrições pulsantes a própria mãe desconhece.” (Bleichmar, 1994, p. 23). Guardemos a questão da desqualificação por alguns parágrafos.

A autora afirma também, conforme mencionado anteriormente, que o surgimento da pulsão deve ocorrer em um tempo antes da existência do recalçado, quando já há cisão do aparelho pelo recalque originário. Trata-se, novamente, de uma operação lógica: como é possível que as representações-coisa recalçadas sejam os objetos-fonte da pulsão, usando a terminologia laplancheana, se o recalque irá incidir justamente sobre tais “objetos”? Esses elementos são inscritos muitos antes do recalque originário acontecer, antes do recalque originário *fixá-los* no inconsciente, afirma Bleichmar. Mais que isso, esses elementos fazem “barulho” assim que inscritos, pois promovem um movimento compulsivo evacuativo, do polo perceptivo ao polo motor diretamente. Reproduzo os parágrafos em que autora apresenta estas ideias:

[citando Laplanche, 1992c, p. 238-239] ‘A pulsão não é então nem um ser mítico, nem uma força biológica, nem um conceito limite. Ela é o impacto sobre o indivíduo e sobre o ego da estimulação constante exercida, desde o interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fonte da pulsão’, conclui Laplanche neste texto que agora revisamos.

Proposta que compartilhamos, *estabelecendo no entanto que os processos que estamos em vias de explorar ressaltam que o surgimento da pulsão deve ser situado em um tempo muito anterior àquele no qual ocorre o ataque produzido pela estimulação exercida, desde o interior, sobre o ego, pelas representações-coisa recalçadas* [itálicos meus].

A partir do momento em que há inscrição, e mesmo antes de que o recalçamento fixe a pulsão ao inconsciente, sua ação atacante propicia movimentos compulsivos, evacuativos [itálicos meus], necessariamente falidos em função de que sua energia não é passível de ser evacuada - em virtude de que seu caráter já não é somático e não pode resolver suas tensões mediante o objeto autoconservativo.

Antes de que se institua o recalçamento originário, antes de que o ego cumpra suas funções de inibição e de ligação, a intrusão do sexual deixa a cria humana entregue a remanescentes excitatórias cujo destino deverá encontrar resolução a partir de conexões e de derivações que constituirão modos defensivos precoces. (Bleichmar, 1994, p. 25)

Se o encontro de Daniel com o seio materno, por um lado, satisfazia sua necessidade alimentar, por outro, permitia a introdução de um elemento excitante, pulsante, advindo da pulsação materna⁵⁷ inconsciente. Assim, o encontro com o seio deixava um remanescente

⁵⁷ Em *Nas Origens do Sujeito Psíquico, Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1993), Bleichmar escreve a seguinte nota explicativa: “Empregamos pulsação para referir-nos a estes movimentos que Jean Laplanche desenvolveu em sua teoria da sedução generalizada, e que dão conta de um modo específico e particular de constituir-se, mediante o ingresso na sexualidade humana, da pulsão como resíduo das relações libidinais com

excitatório que, sem investimento colateral de ligação, ou seja, sem que lhe fossem oferecidas vias de circulação, só podia produzir inquietação corporal: “O remanescente excitatório, produto deste encontro, tenderá à descarga ou à ligação sob o modo de um investimento colateral de representações (vias de facilitação conexas).” (Bleichmar, 1994, p. 26).

Adicionalmente, Bleichmar afirma que haveria uma só energia, sexual, ora ligada, ora desligada. Assim, as “quantidades de excitação não domináveis” (Bleichmar, 1994, p. 26), o remanescente excitatório que permanece sem possibilidade de conexão, comporia sua concepção de pulsão de morte.

A autora propõe que a mãe (ou o adulto cuidador) é o comutador desse circuito, pois ela também possui representações egóico-narcísicas que poderão ser transmitidas, transvazadas em sua cria⁵⁸. A comutação, como um transformador, mudará o sentido destes elementos introduzidos nos primeiros tempos, no sentido de transformar energia desligada em ligada. Transvazamento narcísico, na minha compreensão, carrega a ideia de um transbordamento de narcisismo, como algo que se esparrama, vaza sobre o outro. Para a autora, o transvazamento narcísico adviria da capacidade de investimento no bebê como um todo, como uma *Gestalt*. A frase a seguir ajuda a explicitar a ideia:

Seu olhar, seja centrado ‘auto-eroticamente’ na relação entre a boca e o mamilo, seja ausente, não verá o resto do corpo do bebê, não verá a totalidade sobre a qual se instalará a representação que tome a seu encargo, *a posteriori*, o ego como transposição totalizante da superfície corporal. Os bracinhos ficarão interpostos de forma obstaculizante, as pernas ficarão dependuradas de qualquer jeito, a cabeça não encaixará no braço. Não haverá carícias nem sustentação da mão materna que permita a constituição de ‘investimentos colaterais’. A energia desencadeada, traumáticamente desencadeada, não encontrará vias para derivar-se desde o princípio do prazer. Estaremos em um *mais alguém* do princípio do prazer, derivação lineal das quantidades que ingressam, como uma irrupção desprazerosa massiva sem possibilidade de regulação. (Bleichmar, 1994, p. 32)

Assim, a envoltura narcísica propiciada pelo transvazamento do narcisismo materno fornece uma teia de ligações por vias colaterais, que formarão o “entramado de base” (Bleichmar, 1994, p. 27) para a constituição do ego do bebê. Nesse momento, o bebê já começa a constituir defesas precoces (aqui novamente a autora reconhece a importância do

o semelhante” (Bleichmar, 1993, p. 195). Em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), Silvia Bleichmar afirma que preferia usar a expressão pulsação materna em lugar de sedução. A sedução do texto freudiano e em seu sentido comum seria um ato voluntário e consciente do sedutor, mas na relação mãe-bebê a pulsação é necessariamente inconsciente, ela diz. Além disto, em Freud, a sedução dos Estudos sobre Histeria é essencialmente atrelada à genitalidade, ou seja, à sexualidade em seu sentido mais restrito (Bleichmar, 2005, p. 148).

⁵⁸ Silvia Bleichmar aproxima essa concepção da função da mãe suficientemente boa de Winnicott.

pensamento kleiniano). O mecanismo de defesa, neste momento, é o da dissociação ou cisão, o que incomoda pode ser apenas depositado no outro, uma vez que o psiquismo ainda não constituiu um “bolso” para ocultar o incômodo.

Por entender que estaria na mãe a capacidade de oferecer representações facilitadoras de circulação e ligação do excedente, a psicanalista atuou com a mãe de Daniel, para que ela conseguisse transvazar seu narcisismo, ou seja, envolver o filho em um entramado que poderia se transformar em narcisismo primário e ego posteriormente. Para a autora, teria sido a própria “membrana envolvente de [seu] consultório, atravessada por uma certa perspectiva que poderíamos denominar teoria das origens, o que definiu um modo de aproximação clínica” (Bleichmar, 1994, p. 40). Ou seja, sua tarefa analítica foi tanto de acolhida benevolente (não julgamento e não submeter a mãe à passividade traumática) quanto de “abrir as vias de uma simbolização que, até o momento falida, precipitava-a em uma ligação patológica em relação à qual havia que propiciar um desligamento a partir das associações que acompanhavam nosso intercâmbio discursivo” (Bleichmar, 1994, pp. 40-41).

Entendo que a autora, ao falar em primeiras inscrições, remete a duas modalidades de marcas: são tanto marcas excitantes quanto apaziguadoras⁵⁹. As primeiras inscrições, portanto, são o conjunto de marcas impressas no psiquismo incipiente da cria humana nos primeiros tempos de sua vida. A passagem a seguir indica a coerência do caminho escolhido:

O ‘objeto mãe’ não se reduz então à inscrição da ‘mãe real externa’, nem tampouco à imago residual deste objeto; *ele deve ser concebido como uma complexa junção de marcas mnêmicas articuladas em diferentes sistemas* [itálicos meus]. [...]

Logo, diversos tempos da estruturação do sujeito constituirão o ‘objeto mãe’ em suas diversas inscrições: *como mãe amorosa, narcisista, especular, em princípio* [itálicos meus]; como mãe castrada, quer dizer, sexuada, destinada - a partir da diferença dos sexos- a tornar-se objeto de desejo (para o menino) ou referente maior da identificação feminina (para a menina). (Bleichmar, 1994, pag. 73)

No primeiro capítulo do livro *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), as marcas excitantes, produzidas no encontro boca-seio, estão alinhadas com a concepção de mensagens enigmáticas proposta por Laplanche, segundo a autora. Ao que acrescenta essa outra ordem de marcas, as apaziguadoras, por proporcionarem o ingresso de

⁵⁹ Em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), a autora usa a expressão marcas psíquicas ou outras relacionadas com a palavra marca(s). Quanto a apaziguadora e excitante, faz menção a tais palavras, por exemplo, quando fala em experiências apaziguadoras ou representações apaziguadoras, ou, ainda, representação-coisa excitante, objeto-fonte excitante ou simplesmente excitante.

marcas colaterais. Note-se, adicionalmente, que, no caso Daniel, as marcas das duas modalidades mencionadas são sensoriais: boca/seio ou boca-mamilo, mão/mão, cabeça/braços, como é possível observar também no seguinte trecho:

No momento da amamentação, a mãe, provida de um ego, capaz de investir narcisisticamente o bebê e não apenas de propiciar a introdução de quantidades sexuais pontuais, não ligadas, *acariciará as mãozinhas, sustentará a cabeça com delicadeza, acomodará as pernas da cria* [itálicos meus], gerando a partir disto vias colaterais de ligação da Qn que ingressa. (Bleichmar, 1994, p. 27)

Busco, agora, me aprofundar sobre as marcas excitantes. Na medida que são inscritas sem possibilidade de algum tipo de ligação, ficarão como marcas desprazerosas, pois a “energia desencadeada, traumáticamente desencadeada, não encontrará vias para derivar-se desde o princípio de prazer” (Bleichmar, 1994, p. 32). É neste sentido que a autora defende que essas marcas estão no *aquém do princípio de prazer*, a quantidade ingressante que não escoar produz um aprisionamento em um circuito mais relacionado à pulsão de morte que à vida. Em Klein, este circuito poderia ser compreendido como voracidade, no entanto, para Bleichmar:

A partir disso, o bebê irá prender-se desesperadamente ao seio, aderido a um objeto que não conseguirá propiciar a diminuição de tensão endógena e do qual o paradoxo excitação-apaziguamento tornar-se-á um circuito enlouquecido na medida em que não pode clivar-se para cumprir a função de distensão. Do lado da mãe, ante o desprazer do bebê, qualificado como ‘fome’, organizar-se-á um circuito de alimentação-frustração com a constante sensação de um fracasso do entendimento materno a respeito das necessidades do incipiente sujeito. (Bleichmar, 1994, pp. 32-33)

A cada nova experiência de desprazer haverá tendência de se reproduzir o *aquém do princípio de prazer*, estamos no campo da compulsão à repetição do traumático, como é possível observar nas palavras da autora:

E ante cada embate de desprazer, tenderá a reproduzir-se o ‘*mais além do princípio do prazer*’ em uma compulsão de repetição traumática que não consegue encontrar vias de ligação e retorna a um circuito sempre idêntico já que não é passível de ser evacuado, porque não é efeito de uma tensão vital que se possa resolver através de uma quantidade de alimento que permitisse sua diminuição a zero, senão de uma excitação impossível de ser dominada. (Bleichmar, 1994, p. 33)

A própria autora assinala que, neste modelo, o afeto que ingressa no psiquismo, na relação com o outro, será um afeto desprazeroso, a não ser que possa ser ligado de alguma maneira. Assim, a pulsão que funda o psiquismo teria, primordialmente, o modo da pulsão de morte

(Bleichmar, 1994, p. 37), no sentido de energia sem ligação. Será preciso sua comutação⁶⁰ pelo cuidador, por esse “ego auxiliar materno” (Bleichmar, 1994, p. 32), para ligá-la de alguma forma. Uma reflexão que entendo ser possível depreender desta linha de pensamento é que o autoerotismo não seria, em si, mortífero. Pode se tornar, caso entre neste circuito fechado, *ad aeternum*, de repetição das marcas de insatisfação. Nesses primórdios, o autoerotismo integrará o primeiro tempo da sexualidade, Bleichmar afirma. Em Daniel, a chupeta viabilizou que as quantidades excedentes, marcas excitantes, produzidas na amamentação, pudessem se descarregar. Isso porque entendo que o ato de chupetar pode ser compreendido como uma atividade autoerótica que forneceu vias de evacuação ao excedente excitatório ingressante. Sem a chupeta e na ausência da outra modalidade de marcas, havia somente agitação corporal, descarga energética no polo motor.

Acompanhando Laplanche, Bleichmar fala em pulsão sexual de morte. Para ela, a pulsão sexual de morte se relaciona mais ao aspecto do desligamento do que ao aspecto do retorno ao inorgânico. Pensamento coerente com a não descarga a zero, afirma discordando de Laplanche. Lembrando que a autora aponta a impossibilidade da descarga a zero, na medida que não há possibilidade de evacuação:

Não é então o princípio do zero que está em jogo, senão algo que mostra que aquilo que está impossibilitado de ligar-se, também o está de descarregar-se [itálicos meus], e isto se constitui como modalidade geral do funcionamento psíquico: fixação dos modos de descarga que levam a uma compulsão à repetição traumática; a isso fica submetido o aparelho incipiente.” (Bleichmar, 1994, p. 36)

Adicionalmente, Bleichmar argumenta que a *materialidade* sobre a qual as mensagens são transmitidas é a economia libidinal. Esse aspecto é relevante. Na minha compreensão, o que ela afirma aqui é que a transmissão se dá, na modalidade das marcas excitantes, por meio do aspecto energético. Trata-se da transmissão de uma marca que é energia, libido, economia libidinal. Uma marca que afirma ser desqualificada já em seu ingresso:

Recuperar o conceito de economia libidinal permite, por outra parte, repensar, em uma teoria da constituição do aparelho psíquico infantil, a materialidade sobre a qual se transmitem estas mensagens capazes de inscrever, pulsando, algo da ordem do objeto que se torna fonte da pulsão - levando-se em conta a impossibilidade de transmitir qualquer tipo de mensagem que não tenha sustentação em algum tipo de suporte material. *E este suporte material, desde o ponto de vista das*

⁶⁰ A mãe exerce dupla comutação: transformando energia somática em energia psíquica que é a princípio sexual, por meio do encontro com o objeto sexual que o outro oferece, a partir de seu inconsciente, e transformando da pulsão sexual de morte em pulsão sexual de vida, por meio da oferta de ligação, a partir de seu ego, do transvazamento de seu narcisismo sobre o bebê.

mensagens desqualificadas que a mãe envia à criança nas origens da vida, é da ordem do libidinal [itálicos meus]. Se aceitamos a hipótese de que são propostas à criança mensagens cuja significação não é possível recuperar já que escapam ao próprio emissor - na medida em que são efeito do inconsciente - *e cujo suporte material é da ordem da economia sexual, quer dizer, energético, é indubitável que a única via possível para ligar aquilo desqualificado que recebe não radica, então, em encontrar o sentido a partir do semelhante, senão que em encontrar as vias de ligação do traumático que insiste* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1994, p. 36)

Com relação a tal aspecto, busco agora explorar a forma como a autora trabalha o conceito de metábole⁶¹. Assim, Bleichmar menciona a seguinte citação extraída de Laplanche em *O Inconsciente e o Id* (1992):

O inconsciente da criança não é diretamente o discurso do outro, nem mesmo o desejo do outro. Entre o comportamento significante, inteiramente carregado de sexualidade (o que se quer sempre esquecer de novo), *entre este comportamento-discurso-desejo da mãe e a representação inconsciente do sujeito, não existe continuidade, nem mesmo pura e simples interiorização; a criança não interioriza o desejo da mãe* [...] . *Entre esses dois 'fenômenos de sentido'* [itálicos meus] (emprego aqui o termo mais vago possível) que são, por um lado, o comportamento significativo do adulto e, em especial, da mãe, e o inconsciente, em vias de constituição, da criança, registra-se *o momento essencial a que se deve chamar 'desqualificação'* [itálico meu]. O inconsciente não é o discurso-desejo do outro, é o resultado de um estranho metabolismo que, como todo metabolismo, comporta decomposição e recomposição; e não é gratuitamente que falamos aqui, com frequência, de incorporação, pois a incorporação assemelha-se mais ao seu modelo metabólico do que habitualmente se pensa. (Laplanche, 1992b, pp. 100-101)

A citação laplancheana parece estabelecer a compreensão que, penso, a autora teve do conceito. Ou seja, como inscrição de elementos separados e decompostos que serão recompostos no interior do psiquismo da criança, a depender de uma série de fatores, tais como o momento que a criança vive, sua história vivencial quando da inscrição. O que se inscreve, portanto, já passou por um processo “metabólico” na transmissão, no sentido da existência de desqualificação, são os indícios, marcas decompostas que são inscritas, ainda que se tornem marcas inacessíveis à metabolização dentro do aparelho, ou seja, marcas que fiquem sem transcrições posteriores. Apoio-me em algumas passagens de sua obra. Por exemplo, no modelo gráfico que Bleichmar apresentou em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), no qual a autora evidencia o processo de desqualificação do que se inscreve no psiquismo da criança (Bleichmar, 2005, pag. 85):

⁶¹ A expressão original *metábola* está traduzida como metábole em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005). Em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993) e *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), a expressão original foi mantida.

A autora apresenta esse gráfico durante a exposição de um exercício hipotético, a partir de um caso de um colega. Tratava-se de uma jovem que “havia chegado à análise com[...] uma estruturação anal obsessiva que a tornava rígida em todos os aspectos da vida.” (Bleichmar, 2005, p. 83). A paciente trouxe, por muito tempo, a imagem da “mãe olhando muito cuidadosamente suas fezes” (Bleichmar, 2005, p. 83) durante a infância, não só durante o ato de evacuação, mas também checando o conteúdo eliminado. Durante sua primeira infância, a jovem não sabia que tinha tido um irmão que morreria por obstrução intestinal. Na hipótese da autora, a morte do irmão permitia um afrouxamento do recalque materno, neste caso, a mãe poderia ter-se permitido um exercício de *voyerismo*. Apresentei o gráfico pois nele fica patente que há um processo de desqualificação antes do ingresso no psiquismo da criança⁶².

Importante mencionar que o tema foi pouco desenvolvido nos três principais livros que trabalho mais profundamente na dissertação. Há passagens nesses livros que não são inconciliáveis com uma concepção contrária à sugerida acima. Ou seja, o ingresso de mensagens que somente passarão pelo processo de metábole (como desqualificação e requalificação) já dentro do psiquismo da criança.

No entanto, entendo que a melhor leitura seria essa que proponho, ou seja, de que é possível haver metábole no processo de transmissão. Além do modelo gráfico e da citação laplancheana explicitada pela autora, esta compreensão é coerente com a argumentação, que abordo a seguir, sobre o aspecto indiciário do que se inscreve no psiquismo, sobretudo no psiquismo dos primeiros tempos, mas também em situação de alta intensidade a qualquer

⁶² Entendo que, para a autora, as mensagens languageiras também passam por um processo de desqualificação em sua inscrição, na medida que a expressão emitida não será valorada ou significada em seu destino exatamente da mesma forma que na sua origem, ainda que permaneçam como blocos languageiros, tal como nos mandatos parentais.

momento da vida. Adicionalmente, tal compreensão permite dar coerência a expressões usadas pela autora como “formas metabólicas de inscrição” (Bleichmar, 1994, p. 192) ou “metabolicamente inscritos no psiquismo dos começos” (Bleichmar, 2005, p. 97).

A partir desta perspectiva, entendo ser difícil sustentar a ideia de que mensagens “completas” sejam transmitidas nas primeiras inscrições, o que me faz questionar o quanto Bleichmar concordava com a concepção de mensagem enigmática contendo em si possibilidade de tradução. No entanto, esta é uma questão complexa. Na Introdução da dissertação, apresentei uma vinheta clínica no item que trabalhava o caráter indiciário dos signos de percepção, dentro do contexto da relevância da materialidade para o pensamento da autora. Na vinheta, uma menina havia levado papel higiênico para a sessão. Bleichmar entendeu que o papel higiênico não fazia signo para a menina, não era uma questão, não carregava um enigma. Reproduzo um trecho que escrevi: “A restituição do papel higiênico na cena que deu sua origem é da ordem do indício, usando o método abduutivo, para nós leitores, mas não para a menina. Para ela, tratava-se de um real que não fazia signo” (p.26). Penso que os signos de percepção operam, para a autora, da mesma forma.

Desta maneira, talvez caiba um questionamento mais amplo sobre o grau de concordância de Bleichmar em relação ao pensamento de Laplanche. A autora parece estar sempre *parcialmente* concordando com o mestre. Afirma o caráter exógeno da pulsão, mas... A inscrição pulsional acontece muito antes do recalque originário; mas existem duas modalidades de marcas; mas a pulsão sexual de morte não tem possibilidade de descarga total; mas prefere nomear a sedução generalizada como pulsação materna (mencionei em nota); mas a desqualificação acontece antes do ingresso no psiquismo (o que dificulta sustentar o enigmático da mensagem); mas as marcas pulsantes tem materialidade energética, são indícios apenas...

No segundo capítulo de *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994), a autora questiona: “De que modo se inscrevem, se enlaçam, se retranscrevem, os elementos provenientes do real externo que afetam o sujeito psíquico?” (Bleichmar, 1994, p. 46), posto que o substrato econômico é insuficiente para abordar a transformação da quantidade em qualidade.

Bleichmar, então, relata o caso Wanda, inspiração para os desenvolvimentos que fez sobre sua concepção a respeito dos signos de percepção. Wanda era uma mulher de sessenta anos, que a certa altura do tratamento, apaixonou-se por uma colega de trabalho. Surpresa com o

encantamento, dado que nunca havia sentido atração por mulher, acabou relacionando, a partir de intervenção de Bleichmar, o olhar da colega com o olhar de um rapaz por quem havia se interessado na adolescência, durante a segunda Guerra Mundial. Wanda era judia, ficou com sua família aprisionada em um gueto, mas conseguiu fugir, recebendo dois conselhos opostos ao partir: do pai, para que nunca esquecesse que era judia e do tio, respeitado pela família, para que se esquecesse de sua ascendência assim que saísse do gueto. Foi acolhida em um convento e tratada como órfã cristã. Tempos depois, com o país ainda sob ocupação, encontrou sua mãe em uma missa. Trocou olhar com ela, mas não houve reação. Havia algo relacionado ao olhar, que se presentificava nas sessões face a face, algo que ficou marcado em Wanda. Da mesma forma operavam vozes altas, como a do ex-marido. Bleichmar questionou quem falava alto durante a ocupação, seguido de articulações da autora sobre o pânico de violação presente no relato da paciente. Existiam outros elementos no caso, de tal forma que, para Bleichmar, tratavam-se de situações mistas, onde havia presença de material originário, junto a outra ordem de material traumático:

traumatismos que funcionam sob dois modos: ao modo do originário, produzindo sintomas de diferentes tipos: desorientação espacial de caráter centralmente histérico, vaginismo, *mas também ao modo do arcaico, por progressão de representações que levam ao aparecimento desse bloco errático, sustentado no olhar, que leva à escolha homossexual de objeto sustentada pela pulsão de indício* [itálicos meus]. (Bleichmar, 1994, p. 52)

Para trabalhar essa outra ordem de material traumático, Bleichmar usa o modelo freudiano da Carta 52 (1896) a Fliess, que seria o modelo de um aparelho que se estrutura por retalhos de memória. Mais especificamente os Wz, os signos⁶³ de percepção. O modelo da Carta 52 (1896) tem como base os seguintes elementos: a percepção (W), que em si não conserva traço de memória; *os signos de percepção (Wz), que seriam os primeiros registros das percepções, já uma transcrição*; a inconsciência (Ub), que formaria a segunda transcrição; a pré-consciência (Vb), que formaria a terceira; e a consciência (Bews).

Não vou me aprofundar sobre o modelo da Carta 52, apenas aponto que o interesse de Bleichmar, seguindo Laplanche, recaiu sobre o Wz. A autora cita, então, Laplanche em um trecho do livro *A Revolução Copernicana Inacabada*, originalmente publicado em francês em

⁶³ No original da Amorrortu, a expressão Wz usada na legenda do modelo freudiano aparece como signos de percepción. Na tradução brasileira do mesmo, Wz foi traduzido como indicação de percepção, mesma tradução do texto freudiano publicado na *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* pela Imago (1996).

1992: “‘Modelo admirável [da Carta 52], mas *onde todo o enigma (é importante dizê-lo) repousa na natureza do sistema Wz, sistema pré-inconsciente que participa ao mesmo tempo da percepção (W) e do Zeichen [z]. Zeichen: signo ou indício?*’ [itálicos e negritos meus]” (Laplanche, n.d., citado por Bleichmar, 1994, p. 54).

A citação segue, nela Laplanche demonstra sua escolha: são signos, como haveria possibilidade de tradução se não fossem? Os signos de percepção seriam os significantes (ou mensagens) enigmáticos. Lembremos que o autor já tinha se posicionado similarmente em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992).

Bleichmar, então, usando a distinção realizada pelo próprio Laplanche no texto *Implantation, Intromission*, publicado originalmente em francês em 1990, diferencia dois estratos de representações. Um deles fará parte do inconsciente recalcado, mas o outro é formado por elementos “rebeldes a toda metábola” (Bleichmar, 1994, p. 56):

A diferença estabelecida por Freud entre Wz, estes "signos" ou "indícios" de percepção de "pré-inconsciência" (no duplo sentido do termo: anterior ao inconsciente, mas também anterior ao próprio conceito de inconsciente com o cunho que lhe será posteriormente imprimido), deve ser, em nossa opinião, conservada, para a partir disso marcar pelo menos *dois estratos diferentes no inconsciente: aquele que seria irredutível a toda tradução, indiciático, não integrado, constituído por fragmentos de objetos, e esse outro, mais estruturado, passível de ser fantasmaticado, que operou uma tradução possível* [itálicos e negritos meus] (embora não seja passível de passar ao pré-consciente sem outra tramitação). (Bleichmar, 1994, p. 56)

A psicanalista, assim, quase subverte a ideia laplancheana de que a expressão alemã *Zeichen* deveria ser compreendida como signo e não índice. A palavra *Zeichen*, na expressão *Wahrnehmungszeichen*, pode ser traduzida como marca, sinal, indício⁶⁴. Em espanhol, Bleichmar também fala em *huella*, palavra que pode ser traduzida por pegada, rastro, vestígio, sinal⁶⁵. Marca, indício, vestígio... Aqui já não se trata do signo tal como trabalhado por Lacan a partir de desenvolvimentos de Saussure, articulação entre significante e significado. Bleichmar, assim, aproxima-se da concepção de Charles S. Peirce a respeito de indícios ou signos indiciais.

⁶⁴ Fonte: Dicionário Pons versão online.

⁶⁵ Fonte: Dicionário Escolar Espanhol Michaelis versão online.

Dada a relevância do caráter indiciário dos signos de percepção tanto à obra de Bleichmar quanto ao intuito do presente texto, buscarei expor algumas das ideias do filósofo norte-americano a seguir. Terei como guia principal nesta tarefa o professor Ivo A. Ibri⁶⁶.

Ibri considera Peirce como um dos últimos autores a construir um sistema filosófico abrangente. Peirce (1838-1914) foi contemporâneo à Freud, mas pouco publicou em vida, apenas alguns ensaios em periódicos. Após a sua morte, seus escritos foram doados à Harvard University, que publicou oito volumes com obras do autor sob o título *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* na primeira metade do século passado. Peirce é mais conhecido por sua Semiótica e pelo Pragmatismo⁶⁷.

Ibri comenta que muitos entendem que há lacunas no pensamento do filósofo ou que há um jovem Peirce e um Peirce maduro, com posições opostas. Mais que isto, entende que Peirce seria um autor “desconhecido e mal conhecido” (Ibri, 2015, p. 15). Para Ibri, seria necessário compreender a obra do autor a partir de sua metafísica, ou seja, a partir de um sistema de referência que funcione como uma matriz, esforço que realiza ao longo de seu livro. Parte da confusão adviria do “hábito de se iniciar o estudo do pensamento peirciano pelas (des)conhecidas doutrinas da Semiótica e do Pragmatismo [o que] conduz [...] a um entendimento precário e fragmentado da obra de Peirce” (Ibri, 2015, p. 13).

Alertada pela introdução de Ibri, buscarei sair da movediça tarefa de apenas apontar aspectos pontuais da Lógica e da Semiótica do autor, elementos que sobressaem na leitura de Bleichmar. Assim, para construir o que seria a arquitetura metafísica do pensamento de Peirce, Ibri aborda três níveis de mundo: o mundo como aparência, o mundo como realidade e o mundo cognoscível.

Partindo do mundo como aparência, Ibri aborda a Fenomenologia perceniana, que se dividiria em três grandes categorias: primeiridade, secundidade, terceiridade. Peirce teria

⁶⁶ A compreensão aqui exposta foi construída tendo como base o livro *Kósmos Noetós: A Arquitetura Metafísica de Charles Sanders Peirce*, além da palestra do professor Ivo Assad Ibri no evento *Conversa Psicanálise e Semiótica*, realizado em 12 de agosto de 2017 na SBPSP.

⁶⁷ Peirce é considerado o pai do pragmatismo e teria influenciado Willian James, que ficou conhecido por uma abordagem própria de pragmatismo, distinta da do fundador do conceito.

buscado assim inventariar o universo da experiência fenomênica⁶⁸, sendo que experiência seria um fator corretivo do pensamento e um dos pilares de sua filosofia. Por experiência Peirce entende, nas palavras do filósofo norte-americano, em passagem extraída do livro de Ibri:

aquilo que diretamente é revelado pela arte observacional daquela ciência [...]. Mas em filosofia não existe uma arte observacional especial, e não existe conhecimento adquirido anteriormente à luz do qual a experiência é interpretada. A interpretação em si mesma é experiência... Em filosofia, a experiência é o inteiro resultado cognitivo do viver... [Ainda]: Experiência é o curso da vida. (Peirce, *CP* 7.527 e *CP*, 1.426, citado por Ibri, 2015, p. 23⁶⁹).

Na primeira categoria, primeiridade, não há um outro, não há alteridade. Os elementos fenomenicamente primeiros são aqueles que são o que são simplesmente, ou seja, que não fazem referência a qualquer outra coisa. Trata-se de um experienciar uma qualidade, uma experiência imediata (sem mediação), absolutamente no presente, em ruptura com o passado e com o futuro, não havendo nela fluxo de tempo. Tanto a variedade do mundo⁷⁰ quanto os sentimentos se enquadrariam como primeiridade⁷¹. Assim, na primeira categoria estariam as qualidades dos sentimentos no plano interior e a diversidade e variedade das qualidades do mundo.

A segunda categoria seria composta pelos fatos duros. Duro porque é aquilo que faz objeção ao pensamento, por negação, provocando resistência, como uma porta fechada. Trata-se do objeto. Objeto, lembra-nos Ibri, é assim denominado por ser o que faz objeção, o que se opõe, o que reage. Trata-se da alteridade. A segundidade é igualmente experiência imediata, ou seja, sem mediação. E recebe o nome segundidade justamente porque segunda *em relação a*, por negação:

⁶⁸ Experiência fenomênica particular ou geral, dado que o particular põe à prova o geral: “Pretendendo, por outro lado, estatuto da ciência, as descobertas da Fenomenologia poderão ser postas à prova pelo próprio leitor, já que o universo da experiência fenomênica identifica-se com a experiência cotidiana de cada ser humano; as categorias poderão, assim, ser confirmadas pelas próprias observações pessoais de cada sujeito, destituindo a construção da Fenomenologia peirciana de quaisquer bases dogmáticas ou de postulação de verdades” (Ibri, 2015, p. 22)

⁶⁹ Nas referências bibliográficas apresentas por Ibri, os oito volumes dos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* (CP) aparecem com as seguintes datas de publicação: 1931-35 e 1958. Os trechos extraídos dos CP são apresentados sempre com dois números separados por um ponto (.), o primeiro fazendo referência ao volume dos *Collected Papers* e o segundo, referência ao parágrafo da obra em questão.

⁷⁰ É o que ocorre quando, por exemplo, remete aos termos espontaneidade, novidade frescor, diversidade usados por Peirce, ao que Ibri interpreta: “Vê-se que o termo espontaneidade é definido sob o conceito da primeira categoria, aqui empregado para nomear a variedade apresentada pela natureza” (Ibri, 2015, p. 34).

⁷¹ Percepções parecem se enquadrar na categoria de sentimentos, tal como apresentados no livro de Ibri. É o que vemos quando Ibri afirma não ser necessária nada mais que “abrir os olhos para *ver* [itálico meu] a extraordinária variedade apresentada pela natureza” (Ibri, 2015, p. 33).

Esta experiência de reação envolvendo negação é adjetivada de *bruta* por Peirce, pois traz de modo direto a força de um segundo, caracterizado por ser *esta coisa e não aquela*. A experiência direta com *isto* que *não é aquilo* se dá num recorte do espaço e do tempo, traçando os contornos deste objeto, que é forçado e reage contra a consciência como algo individual. (Ibri, 2015, p. 26-27)

Já a terceiridade seria a mediação, experiência de síntese, remetendo às ideias de conceito, abstração, pensamento, aprendizagem. Vemos, então, que “representação geral, mediação, pensamento, síntese e cognição estão, assim, sob o mesmo modo de ser fenomênico” (Ibri, 2015, p. 37), constituindo, portanto, fenômenos terceiros para Peirce. Outro aspecto crucial é que a terceiridade também é a instância mediadora entre o passado e o futuro. Somente nela pode haver fluxo de tempo, para além do aqui e agora do imediato. Nas palavras de Peirce, resumindo as três categorias, em Ibri:

Parece, então, que as verdadeiras categorias da consciência são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo, de alguma outra coisa; terceira, *consciência sintética, ligação com o tempo, sentido de aprendizagem, pensamento*⁷². (Peirce, CP, 1.328, citado por Ibri, 2015, p. 35)

Ao abordar o mundo como realidade, Ibri trabalha quatro eixos, dos quais destaco o conceito de realismo. Para tanto, Ibri nos lembra que a Fenomenologia em Peirce é a ciência das aparências, cujo caráter científico adviria da universalidade das categorias da experiência e pelo fato de poderem ser postas à prova por qualquer observador. Uma ciência na qual não subjaz uma lógica. Inversamente, a Lógica buscaria elementos da Fenomenologia. Assim, “a Fenomenologia não pretende concluir *verdadeiramente* nada, a não ser que certas aparências são dadas” (Ibri, 2015, p. 43). Ou seja, a Fenomenologia prescinde da Lógica⁷³.

Ibri, então, propõe que a experiência faz um convite ao pensamento, dado que traz o “universo do pensamento que buscará a realidade subjacente ao inventário das aparências” (Ibri, 2015, p. 43). Em outras palavras, Ibri afirma que a experiência nos propõe a seguinte questão: “*como deve ser o mundo para que ele me apareça assim?*” (Ibri, 2015, p. 43). Diferentemente da Fenomenologia, tal indagação não prescinde da Lógica. Portanto, “buscar

⁷² Ver a nota 67 acima.

⁷³ “Como ciência das aparências, a Fenomenologia nada afirma sobre o que é, nem sobre o que *deve ser*, prescindindo, por isso, de uma Lógica que valide seus argumentos; ela apenas constata e classifica aquilo que está de modo ubíquo diante de toda consciência.” (Ibri, 2015, p. 42).

um mundo responsável pelas três instâncias da experiência é buscar um esquema explicativo, uma teoria que combine com essa mesma experiência” (Ibri, 2015, p. 43). Esse seria o campo da Metafísica, a ciência da realidade e não mais das aparências.

Segundo Ibri, Peirce baseia sua ideia de realidade no escolástico John Duns Scotus (que teria sido o inventor da palavra realidade). A realidade, objeto da ciência da Metafísica, para Peirce é (em citação de Ibri):

aquele modo de ser em virtude do qual a coisa real é como ela é, sem consideração do que qualquer mente ou qualquer coleção definida de mentes possam representa-la ser” [Ainda:] Os objetos são divididos em ficções, sonhos etc., de um lado, e realidades, de outro. Os primeiros são aqueles que existem apenas porque você, ou eu, ou alguém os imagina; *os últimos são aqueles que têm uma existência independente da sua ou da minha mente, ou de qualquer número de pessoas. O real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que podemos dele pensar* [itálicos meus]⁷⁴. (Peirce, CP, 8.12, EP 1.87-88, W, 2.467-468, citados por Ibri, 2015, pp. 49-50)

Ibri ressalta que no conceito de realidade de Peirce há o elemento de alteridade como exterioridade que “insiste e persiste” contra a consciência, persistência abordada como força compulsiva, reativa contra a consciência. Por sua insistência, a alteridade exige mediação. A alteridade é condição para que algo possa ser verdadeiro.

Se, por um lado, a realidade contempla a alteridade como negação, em secundidade a uma consciência, como existência⁷⁵, por outro lado, há o atributo de insistência contra a consciência. Para Ibri, esse fator requer um fluxo temporal, o que implicaria uma categoria terceira e não mais segunda. A insistência da experiência demanda uma explicação por meio de pensamento que seja capaz de fazer mediação. É a insistência da experiência que faz demanda ao pensamento, e caminha em direção à terceiridade. Pensamento que está no campo da generalidade e não mais do particular, o que lhe dá atributo de previsibilidade, pelo menos até que algum fato duro prove o contrário. Nas palavras de Ibri:

O realismo radical de Peirce, fundado em sua concepção do binômio generalidade-alteridade, não se consuma numa ideia causal do mundo, mas pressupõe um universo dinâmico cujo vetor

⁷⁴ Conforme mencionado na nota 67, quando Ibri usa a abreviatura CP, refere-se aos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Nesta passagem que Ibri apresenta em seu livro, faz referência também aos livros *Writings of Charles Sanders Peirce: A Chronological Edition (W)*, publicados entre os anos 1982-2010 e *The essential Peirce: Selected Philosophical Writings (EP)*, cujo volume 1 foi publicado em 1992. Nestes dois últimos livros, o primeiro número apresentado faz referência ao volume e o segundo, ao número da página consultada. Mantive a forma de apresentação das referências nas citações feitas por Ibri dos livros de Peirce.

⁷⁵ Sobre existência, em citação de Ibri do texto peirciano: “O que quer que exista, *ex-sists*, isto é, realmente age sobre outros existentes, obtém, assim, uma autoidentidade e é definitivamente individual. [Ainda:] O existente é aquilo que reage contra outras coisas” (Peirce, CP, 1.487, citado por Ibri, 2015, pág 53). Ver nota 67.

aponta para o desenvolvimento da mediação natural, urgida na forma da lei, e pela mediação do pensamento cognitivo. (Ibri, 2015, p. 87)

Da terceira e última parte do livro de Ibri, mundo cognoscível, extrairei apenas um aspecto ao apresentar resumidamente fragmentos da Lógica do autor. O filósofo norte-americano propôs três tipos de raciocínio lógico, moldados por três modos de argumentos, a saber, abdução, indução e dedução. Nas palavras do próprio Peirce, em citação usada por Ibri: “A Dedução prova que alguma coisa ‘deve’ ser, a Indução mostra que alguma coisa é ‘efetivamente’ operativa; a Abdução meramente sugere que alguma coisa ‘pode ser’”. (Peirce, CP, 5.171, citado por Ibri, 2015, p. 165⁷⁶). Interessa aos propósitos do presente texto destacar o método abdutivo, também chamado de hipotético, resumido nas palavras de Ibri: “O fato surpreendente C é observado. Porém, se A fosse verdadeiro, C seria normal. Então, há razão para *suspeitar* que A seja verdadeiro” (Ibri, 2015, p. 164).

Há um último aspecto a ser abordado tendo em vista o objetivo do presente texto, a Semiótica, também triádica em Peirce. No livro de Ibri, a Semiótica de Peirce não é abordada, mas entendendo estaria incluída na última parte do livro, posto que, tal como a Lógica, está no campo do mundo cognoscível.

Peirce entendia que há uma tríade Semiótica formada pelos elementos signo, objeto e interpretante. O signo representa um objeto e é para ele um segundo para o efeito de interpretante. O interpretante é um outro signo e deve existir um intérprete para fazer um interpretante. Um exemplo apresentado na palestra do professor Ivo Ibri talvez ajude: primeiro signo – ver um corpo cair; interpretante – isso é teoria da gravidade; objeto – corpo que cai. Essa tríade vai gerando outros interpretantes, há crescimento do saber posto que a experiência leva à reflexão, leva a novas hipóteses e teorias.

Decorre disso a tricotomia dos signos em relação aos objetos, na qual a conceituação de ícones, índices e símbolos estão inseridas. O ícone representa por semelhança e não depende da existência do objeto; trata-se, por exemplo, de uma placa em uma estrada com a imagem de animais na via. ***O índice indicaria um objeto possível e depende da existência deste objeto; trata-se, por exemplo, de uma marca de pegada no chão indicando a possibilidade de alguém ter pisado anteriormente, como pistas da presença de um objeto.*** Finalmente, o

⁷⁶ Ver nota 67.

símbolo representa o objeto por uma regra e se caracteriza por sua generalidade; trata-se, por exemplo, de um conceito.

Como é possível observar, a pergunta sobre a melhor tradução para *Zeichen* - signo ou índice - não é a mais adequada seguindo o pensamento de Peirce, na medida que é possível falarmos em signos indiciais, ou signos que tem como característica serem marcas que são indícios. Falei, anteriormente, que Bleichmar quase subverte Laplanche. O quase foi usado no sentido de que ela mantém esse duplo estrato: marcas que podem vir a ser recalçadas e marcas que ficarão aquém do recalque.

As marcas que a psicanalista chama de signos de percepção não são representações-coisa: “A ‘representação-coisa’ já é uma primeira transcrição, uma tradução dos signos de percepção, destinada a ser fixada no inconsciente a partir do recalque originário.” (Bleichmar, 1994, p. 56). Os signos de percepção, assim, são tanto efeito de uma implantação não transcrita quanto de uma intromissão, nos primeiros tempos ou a qualquer momento da vida da pessoa, como em Wanda. Será preciso alguma transcrição para que os signos de percepção possam ser capturados e possam se fixar a alguma tópica psíquica.

Desta forma, compreendo que a autora reserva o nome signos de percepção para aquelas marcas que permanecem sem transcrição. As primeiras inscrições pulsantes (ou excitantes) também parecem receber a mesma denominação. No entanto, uma vez transcritas, deixam de ser marcas sem possibilidade de acomodação tópica. O que quero dizer com isso é que há certa dubiedade na forma como a autora trata o conceito. Mas, de forma geral, quando ela fala em signos ou indícios de percepção, o faz no sentido de marcas cujas possibilidades de transcrição estão obstaculizadas. No capítulo em questão, ela segue essa segunda linha prioritariamente: serão as marcas inscritas sob traumatismos severos que ficarão impossibilitadas de fixação ao sistema inconsciente via recalque. E cada um desses elementos, cada uma dessas marcas, atuará de forma “altamente individual”, o que significa que é possível existir diferentes graus de estruturação do recalque, mesmo com a manutenção de marcas que permanecem sem tópica psíquica.

A autora, ainda, ressalta que os significantes enigmáticos teriam que estar localizados em um segundo tempo, na medida que é preciso que exista um sujeito capaz de ser mobilizado pelo enigma. Os signos de percepção, inscritos nas origens, seriam anteriores:

Por último, mas decisivo a esse respeito, em minha opinião: a clínica de crianças, e a clínica de patologias graves, ***mostra que o significante enigmático deve ser situado*** [itálicos e negritos meus], recuperando o valor conceitual que posiciona a mensagem como eixo da instauração da subjetividade, em sua ação real, ***em um segundo tempo*** [itálicos e negritos meus]. A diferença entre enigma e significante enigmático possibilita uma dessubjetivização em relação à cria por parte do estudioso nos primeiríssimos tempos da vida. ***Significantes inscritos de origem, Wz - que traçam linhas de força perceptuais por investimento em relação aos objetos, efracionando o real e rompendo o contínuo que este impõe - cujo caráter de representações destinadas ao recalçamento por après-coup tornam-se "significantes enigmáticos" a partir do momento em que há um sujeito capaz de ser 'impulsionado', 'agitado' pelo enigma da alteridade, tanto de seu próprio inconsciente como do inconsciente do semelhante*** [itálicos e negritos meus]. É aí que a representação torna-se significante-enigmático para alguém que já não é senão um ego que se vê acossado pelo que se transformou em 'um id', quer dizer, uma 'segunda natureza'". (Bleichmar, 1994, p. 57)

Novamente, entendo que ela fala, de forma sutil, que discorda da posição laplancheana sobre a concepção de mensagem enigmática. Os signos ou índices de percepção dos primeiros tempos seriam apenas traços, marcas desprovidas de enredo em si, pelo menos ao ingressarem no psiquismo. Assim, a autora, ainda que assinale em muitas passagens sua concordância em relação aos significantes enigmáticos ou outras formulações de Laplanche, foi se descolando do pensamento do mestre. *O que chama a atenção é a forma pouco destacada que apresenta tais discordâncias na sua obra.*

Em suma, Silvia Bleichmar nomeia os signos de percepção que permanecem como tal como *arcaico*, diferenciando-os dos signos de percepção que passam por transcrições ao longo do processo de recalque. A estes, reserva o nome *originário*. Assim, o *originário* diria respeito ao inconsciente originariamente recalcado e o *arcaico* seria formado por esses elementos que ficam sem ligação e sem transcrição, que vagam soltos no psiquismo. Eles podem compor o inconsciente no sentido descritivo ou qualitativo do termo freudiano, mas não compõem o inconsciente no sentido tópico ou sistêmico, motivo pelo qual não há possibilidade de interpretá-los, nunca chegaram a se ligar a representação-palavra, nem mesmo via interdição. A única forma de trabalho com esses elementos é por meio de processos de ligação. Em Wanda, as perguntas e formulações que Silvia Bleichmar fez cumpriram esse papel:

Paciente sentada frente a frente, com a qual em muitos momentos via-me obrigada a realizar intervenções de caráter duvidoso: eu mesma ligar recordações contadas com vários meses de

diferença nas sessões, fazer perguntas que não só suscitavam associações senão que eram ‘indutoras’ e, inclusive, entrar como ‘objeto do campo’ que se oferece ao olhar, quer dizer, aquilo que, em certo jargão em voga, favorece uma imprompta do imaginário em análise. (Bleichmar, 1994, p. 64)

O *arcaico*, portanto, refere-se aos signos de percepção que permanecem como vestígios no psiquismo, material com o qual “a psicanálise detém-se [...] trabalhando sobre o ‘indiciático’” (Bleichmar, 1994, p. 61). O trabalho clínico possível, como mencionei há pouco, é no sentido de ligar tais vestígios, libertando-os de seu isolamento. A ideia que sustenta essa posição é a de modelo aberto ao real, no qual novas marcas podem produzir reconfigurações, novas montagens, *ensamblagens*, neogênese. Neste sentido, não se trata, exatamente, de ressignificação, apesar da autora usar esta expressão algumas vezes. As duas (ou mais) marcas do trauma são igualmente relevantes e o constituem, a segunda entra atuando por *après-coup* no sentido de proporcionar uma nova *ensamblagem*, constituindo o novo. Ou seja, a primeira marca não deixa de existir, mas forma algo novo com a entrada da segunda. Esta nova configuração pode ser uma montagem traumática ou pode atuar como uma “cura”, caso proporcione uma montagem que ligue as marcas que ficaram soltas:

No entanto, o que nosso trabalho clínico mostra permanentemente – e o breve relato fragmentário de uma análise que acabamos de fazer [caso Wanda] volta a exemplificar – é a perduração de elementos cujo caráter indestrutível, isolado, e destinado à repetição não tem resolução possível senão no marco de uma religação, quer dizer, de uma apreensão que os libere de seu isolamento e lhes outorgue um sentido. (Bleichmar, 1994, pp. 61-62)

Note-se, no entanto, que o caráter indestrutível mencionado na citação anterior indica a dificuldade no trabalho com tais marcas. Essas marcas são como “almas das crianças não batizadas” (Bleichmar, 1994, p. 64) que vagam soltas pelo limbo, sem tópica psíquica onde possam se fixar.

7. CONCLUSÃO

Busquei, inicialmente, introduzir o leitor ao pensamento de Silvia Bleichmar, oferecendo um panorama das suas principais construções a respeito da constituição do aparelho psíquico. O quadro visava contextualizar onde se localizam as concepções *recalque originário* e *signos de percepção* na obra da autora, dois temas que escolhi investigar com maior profundidade, para pensar suas contribuições originais a respeito da constituição do psiquismo em relação ao pensamento de Jean Laplanche.

Esforço realizado de acordo com a apresentação da própria autora, registrada no livro *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), obra que reúne os seminários da psicanalista realizados no ano de 1996 na Argentina. Esta obra em particular tem como característica ser uma espécie de introdução ao seu pensamento, nela Bleichmar aborda os principais conceitos relacionados ao seu modelo de aparelho psíquico. Assim, a constituição do psiquismo é abordada a partir de três “marcadores”, que a autora nomeia como os três tempos da constituição do aparelho psíquico. O primeiro tempo, de acordo com autora, seria a inscrição pulsional, seguido pelo recalque originário e pelo recalque secundário. Marcadores que não são eventos isolados, mas processos históricos observáveis em crianças, particularmente, na clínica de crianças pelos olhos do psicanalista treinado. Essa forma de apresentação tem a vantagem de ser didática, pois segue uma certa linearidade.

Adicionalmente, ainda na introdução do presente trabalho, busquei apresentar uma característica distintiva da obra de Silvia Bleichmar, a materialidade, que argumento atuar como pano de fundo sobre o qual sua obra se assenta. Neste aspecto, propus que tanto a formação da psicanalista em pensadores com influências marxistas quanto sua vasta experiência na clínica de crianças ocuparam papel relevante para a sedimentação desta visão de mundo.

No entanto, o “marcador inicial” na obra da autora, seus primeiros desenvolvimentos, incidiram sobre o recalque originário, não sobre as primeiras inscrições pulsionais. No capítulo 3 da dissertação, relatei as inquietações de Silvia Bleichmar nascidas em meio à agitação do ambiente psicanalítico argentino nos anos setenta, quando a dominância do pensamento kleiniano perdeu força com a entrada de desenvolvimentos lacanianos, deixando “jovens” psicanalistas, como ela mesma, sem referencial, sobretudo na clínica de crianças. No capítulo 3 busquei, também, explorar o papel destes dois autores sobre a formação inicial da

psicanalista, tanto para a produção de questionamentos a partir de sua clínica quanto como reconhecimento dos avanços destas duas escolas psicanalíticas. Adicionalmente, propus-me a mostrar como Silvia Bleichmar se aproximou do psicanalista francês Jean Laplanche, apesar do distanciamento geográfico que os separava (a autora morava no México). Busquei, também, apresentar a importância do texto escrito por Laplanche e Leclair para o Colóquio de Bonneval de 1960 ao surgimento do interesse da autora sobre o conceito recalque originário; Bleichmar vislumbrou, no conceito, a possibilidade de construção de fundamentos metapsicológicos para a clínica de crianças, em um primeiro momento. Laplanche surge, então, como uma terceira via para o embate Klein-Lacan que tinha se iniciado tempos antes, ainda em seus anos na Argentina.

No capítulo 4 da dissertação, busquei me aprofundar no texto escrito por Laplanche e Leclair para o Colóquio de Bonneval de 1960, sobretudo, com relação ao conceito recalque originário. Apresentei, também, outras obras do autor que foram mencionadas por Bleichmar, sempre tendo como enfoque os conceitos recalque originário e significantes (ou mensagens) enigmáticos, que guardam alguma equivalência com os desenvolvimentos da autora sobre recalque originário e signos de percepção, respectivamente.

Nos capítulos 3 e 4 da dissertação, portanto, apresentei aspectos históricos e teóricos que deram sustentação às contribuições próprias da autora para a psicanálise. Estes dois capítulos compõem a parte I da dissertação.

Já na parte II da dissertação, busquei explorar o pensamento de Silvia Bleichmar em maior profundidade, visando dar destaque para as contribuições próprias da autora, propósito inicial do mestrado. Compõem a parte II os capítulos 5 e 6 do presente texto. O capítulo 5 mostra os aprofundamentos de Bleichmar sobre o conceito de recalque originário, enquanto o capítulo 6 foca o conceito signos de percepção e seu entorno, ou seja, as concepções da autora sobre primeiras inscrições e sobre arcaico.

Com relação ao recalque originário, busquei evidenciar que Bleichmar se distanciou consideravelmente da abordagem laplancheana. Nos textos estudados⁷⁷, Laplanche pareceu ter deixado o conceito em segundo plano, de tal forma que seu interesse inicial, apresentado no Colóquio de Bonneval de 1960, ficou mais escasso nos textos posteriores, sobretudo em

⁷⁷ Lembrando que o foco do mestrado era a investigação da originalidade do pensamento de Silvia Bleichmar sobre o Recalque Originário e sobre os Signos de Percepção, os textos estudados de Laplanche se limitam à data da publicação original de *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito*, pois as principais articulações da autora sobre estes conceitos estão no citado livro e em seu primeiro livro, anterior ao citado.

Novo Fundamentos para a Psicanálise (1992). Levantei a hipótese de que o interesse do autor pelo conceito talvez se relacionasse mais à questão do originário do que à questão do *recalque* originário. E seu originário foi se deslocando para o conceito significantes enigmáticos. Lembrando que a abordagem do autor sobre o recalque originário prevê duas etapas, sendo que a segunda, mesmo nos textos iniciais, aparece pouco aprofundada, quase ofuscada.

Em Bleichmar, o recalque originário é um processo, um *continuum*, que, em algum momento, produz uma reconfiguração no psiquismo. Processo que se inicia, de certa maneira, com o ingresso das primeiras inscrições excitantes ou pulsantes, uma vez que é necessário que estas marcas estejam inscritas para que exista recalque, seguindo o pensamento da autora. No entanto, esse primeiro momento ganha independência em relação ao processo de recalque originário, de tal forma que é possível pensar em inscrição de marcas excitantes que não sejam recalçadas pelo recalque originário. Busquei demonstrar também que Bleichmar sugere, já em *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (1993), que o recalque originário seria um processo posterior, distante temporalmente da inscrição pulsional, diferentemente dos primeiros textos analisados de Laplanche, cujas etapas parecem consecutivas e próximas. Apenas em *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (1992), texto posterior às primeiras colocações de Bleichmar, o autor reconhece essa distância temporal. Em *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (2005), a autora é bem clara quanto a isso:

Creio que é muito importante que diferenciemos esse tempo de que estou falando [recalque originário] de um primeiro tempo do auto-erotismo. Inscrição e auto-erotismo concernem ao modo de produzir-se a pulsão; recalque originário concerne a um contra-investimento que impedirá para sempre que o representante pulsional continue avançando em direção ao pólo motor, buscando modos compulsivos de satisfação. (Bleichmar, 2005, p. 94)

Adicionalmente, a autora relaciona os movimentos que precedem o recalque originário com os dois destinos da pulsão anteriores ao recalque, volta sobre si mesmo e transformação no contrário. A transformação no contrário, em particular, já indicaria a existência de algum grau de conflito, ainda que não entre tópicas ou sistemas intrapsíquicos. Mais que isso, os movimentos que precedem o recalque originário, segundo Bleichmar, são observáveis em crianças, fornecendo indicativos clínicos importantes sobre a incidência ou não deste processo. Além de indicadores relacionados a atributos do processo secundário, a existência de incômodo, na criança, frente a seus movimentos pulsionais sugere que esta compreende que não lhe é permitido fazer tudo que quer. Este é o momento que a criança fica “chatinha”,

“briga” entre a vontade de fazer algo e a interdição do adulto. Em Bleichmar, o recalque originário oferece uma tópica definitiva ao que incomoda, fornecendo uma solução à questão energética que a recusa pulsional produz. A partir do recalque originário, outros interesses podem emergir, a curiosidade infantil pode se movimentar em direção à aprendizagem. Assim, como é possível observar, não haveria nada de mítico no processo de recalque originário, trata-se de algo sustentado na história vivencial da criança.

Seguindo essa linha de pensamento, busquei demonstrar que, na medida que a autora se aproxima da concepção de recalque originário como interdição, aproxima-se tanto de concepções freudianas sobre o recalque originário quanto do “recalque propriamente dito”, também chamado por Freud de pós-pressão. Em *O Inconsciente e o Id* (1992), Laplanche afirma que Freud aponta três aspectos do recalque originário, a saber, fixação, contrainvestimento e trauma.

Para Bleichmar, o primeiro aspecto, a fixação, é fixação ao inconsciente. Em Laplanche essa noção parece caminhar para a ideia de inscrição de significantes enigmáticos no psiquismo, quando o autor traz a metáfora da marcação com ferro em brasa, por exemplo. Essa diferença sugere a forma distinta como estes autores compreendem o recalque originário nas obras estudadas. Em Laplanche, o recalque originário mantém a dupla temporalidade, implantação de significantes enigmáticos e processo de tradução que traz como resultado os objetos-fontes da pulsão recalcados, momento em que a pulsão, de fato, passa a integrar o psiquismo. Já em Bleichmar, fixar ao inconsciente é possibilitar a formação de uma tópica psíquica que dê alguma estabilidade às marcas excitantes, estas já são pulsão a partir de sua inscrição, pulsão sexual de morte, se permanecem desligadas no psiquismo, ou pulsão sexual de vida, a partir de sua ligação. Quando estas marcas se fixam à tópica inconsciente elas podem começar a operar dentro da lógica do processo primário, passar por deslocamentos, condensações, movimentos que lhes permitem encontrar satisfação desde que devidamente distantes da interdição, devidamente disfarçadas em sonhos, nos chistes, transformadas nas formações de compromisso...

Outro aspecto do recalque originário em Freud, o traumatismo, em Laplanche se abre novamente em dois: o trauma inicial da sedução, além de algo que Laplanche chama de autotrauma, quando o recalque originário de fato ocorre. Em Bleichmar, a questão do trauma não sobressai – e em Freud, diria, este aspecto não me parece tão claro, apesar desta ser uma

leitura possível se considerarmos trauma como excedente excitatório⁷⁸. No entanto, há uma passagem em Bleichmar na qual menciona a cisão do aparelho psíquico como terceiro “elemento” do recalque originário, conforme vemos a seguir:

Cercamos os elementos que definem a função do recalque originário como constituinte: *fixação, contra-investimento e clivagem do aparelho psíquico* [itálicos meus] em dois sistemas contrapostos (o inconsciente e o pré-consciente-consciente). Recalque que só pode ser inferido retrospectivamente a partir de seus resultados, a clínica de crianças oferece um lugar privilegiado para explorar seus movimentos. (Bleichmar, 1994, p. 188)

Reservei o aspecto do contrainvestimento para o final por ser o mais trabalhado pela autora. Nos textos laplancheanos aqui apreciados, esse aspecto esvanece como promotor do recalque originário, sendo também pouco abordado em suas articulações iniciais, mas permanece como o responsável pela manutenção do recalque, e se aproxima das formações obsessivas no último texto estudado. Em Bleichmar, o contrainvestimento vem do outro em um primeiro momento. É, por um lado, interdição e, diria, especialmente discursiva, ou seja, quando os pais (ou outros cuidadores) dizem o que a criança não pode fazer. Por outro, há aspectos amorosos que dão sustentação à interdição. É pelo amor aos pais e pelo medo da perda de seu amor que, em um primeiro momento, a criança abandona suas atividades autoeróticas, ou seja, aquelas relacionadas à livre descarga pulsional.

Para Bleichmar, posicionar o contrainvestimento no outro em um primeiro momento é a única maneira de mantê-lo como promotor do recalque originário, posto que este não possui alternativa para extrair sua energia de outra fonte. Não há inconsciente emanando força de atração, tampouco retirada de energia do pré-consciente. A autora lembra, em *Lo Inconciente: Fecundid Clínica de sus Paradigmas* (1990), que Freud não mencionou a origem da força do contrainvestimento para a promoção do recalque originário (Bleichmar, 1990, p. 43), afirmou, no entanto, que o contrainvestimento seria o aspecto que promove sua incidência.

Desta forma, se o recalque originário já não é um processo mítico como um todo em Laplanche (apenas a primeira etapa seria mítica em seus primeiros escritos), em Bleichmar, deixa de sê-lo por completo. Assim, a autora reposiciona o recalque originário de um movimento interno, autoproduzido ou mítico, para algo que se produz na intersubjetividade.

⁷⁸ “É perfeitamente plausível que fatores quantitativos, como a intensidade muito grande da excitação e a ruptura da proteção contra estímulos, sejam as causas imediatas das repressões primordiais” (Freud, 1926/2014, p. 24).

Mais que isso, em Bleichmar o recalque originário se transforma em um importante direcionador clínico, algo observável clinicamente. Sua maior ou menor incidência implica graus de organização psíquica e consequentes formas de trabalho terapêutico: “Mas, ao mesmo tempo, se pensamos que o sujeito está em um momento de sua constituição, a intervenção terapêutica ainda pode modificar o curso dos acontecimentos e ser produtora de saúde” (Bleichmar, 1993, p. 30).

Entendo, desta maneira, que Bleichmar trouxe maior clareza e relevância ao conceito, atribuindo a ele *status* de primeira linha dentre os elementos da metapsicologia. Ao situar o conceito recalque originário como central, inicialmente, à clínica de crianças, mas também à clínica de casos graves, o conceito se torna, no pensamento da autora, fator essencial para a escolha de estratégias clínicas e para a compreensão dos casos. Assim, afirma: “Aparentemente distanciada da clínica quotidiana, tentamos demonstrar que a questão do recalque originário revela-se, no entanto, como a única via para a compreensão de certos fenômenos cuja frequência é maior do que um olhar não treinado poderia supor” (Bleichmar, 1994, p. 192).

Por outra parte, busquei demonstrar que os significantes enigmáticos laplancheanos e os signos de percepção bleichmarianos são conceitos diferentes já em suas origens, apesar de Bleichmar não parecer discordar frontalmente de Laplanche, em nenhum momento, pelo menos não de forma a enfatizar as distinções. No entanto, elas estão generosamente colocadas, sobretudo, em *A Fundação do Inconsciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (1994).

Assim, se Laplanche se inclina sobre a tradução da expressão alemã *Zeichen* como signo (em contrapartida a indício), Bleichmar afirma a existência de signos indiciais. Alguns signos podem se tornar, em algum momento, enigma. Signos que passam por algum processo de transcrição. No entanto, alguns signos permanecem no psiquismo como indiciário, como índices, que nada mais são do que marcas de uma presença traumática. Ou seja, a existência de signos de percepção que permanecem como tal no psiquismo indica a ocorrência de um trauma; são pegadas, rastros da existência de um traumático, seja nos primeiros tempos de vida, seja posteriormente. Digo, portanto, que na origem são conceitos distintos porque, em minha leitura, a compreensão de Bleichmar sobre a expressão *Zeichen* é marcada pelo pensamento do filósofo Charles Sanders Peirce, enquanto Laplanche parece guardar uma

inspiração lacaniana em seus significantes enigmáticos, ainda que o autor, evidentemente, tenha se distanciado do lacanismo e que o próprio Lacan tenha feito referência a Peirce.

A forma de conceber os signos de percepção com seu caráter indiciário leva a um maior distanciamento em relação a Laplanche. Os signos de percepção dos primeiros tempos são anteriores aos significantes enigmáticos, eles são apenas *huellas*, pegadas, traços, marcas sem sentido ao sujeito. Os signos de percepção são. São e ponto final, a autora já assim o afirma em “*Lo Inconciente*”: *Fecundidad Clínica de sus Paradigmas*: “El Icc no recuerda nada, las Hm son [itálicos meus], y es al preconciente, lugar en el cual es posible la instalación de un sujeto que recuerde⁷⁹” (Bleichmar, 1990, p. 63). Essas marcas já entram desqualificadas no psiquismo do sujeito, elas são como peças de brinquedos de montar, conforme escrevi na introdução, que podem ou não se organizar em torno de uma montagem, de uma ensamble.

Lembrando que sugeri que as primeiras inscrições psíquicas são tanto marcas excitantes quanto apaziguadoras. Como bloquinhos de Lego que se encaixam formando objetos, neste caso, desprovidos de caráter energético, ou como peças de brinquedos de montar imantadas, mais próximas das marcas excitantes, desprovidas de sentido *à priori* no sujeito, ainda que inscritas a partir de algo que tenha sentido (desconhecido ou não) ao emissor. As marcas excitantes podem permanecer sem ligação, vagando soltas em um psiquismo que pode estar estruturado topicamente. As marcas psíquicas, a depender da forma como se combinam e se agregam, tornam-se ensambles ou montagens mais saudáveis ou mais patológicas. O próprio recalque originário é uma ensamble, uma montagem relativamente estável. No entanto, entendo ser possível imaginar, a partir da leitura de Bleichmar, que mesmo a mais estável das estruturas montadas no psiquismo pode ruir em momentos de alta voltagem, momentos de maiores regressões.

Adicionalmente, entendo que por se tratar de um psiquismo sempre aberto ao real, à entrada de novas marcas, a perspectiva clínica soa esperançosa quando lemos Silvia Bleichmar. A possibilidade da ocorrência de novas ensambles traz um tom otimista, sobretudo em seus relatos da clínica de crianças.

Finalmente, ao focar as duas contribuições da autora trabalhadas nesta dissertação, a pesquisa deixou ao menos um terceiro aspecto fundamental fora do escopo de estudo. Trata-

⁷⁹ “O Ics não recorda nada, as Hm (*huellas mnémicas*) são, e é ao pré-consciente, lugar no qual é possível a instalação de um sujeito que se recorde” [tradução minha].

se de um aspecto basilar ao pensamento de Silvia Bleichmar: a questão da constituição do ego, sustentáculo aos outros dois conceitos pesquisados e conceituação que perpassa o pensamento da autora sobre sua concepção de aparelho psíquico.

Ou seja, suas construções sobre a constituição egóica são fundamentais à compreensão de seu modelo de aparelho psíquico. Primeiro, pelo fato de suas formulações sobre os signos de percepção levarem, necessariamente, à consideração de aspectos relacionados com a composição de uma trama de base que fundamentará a constituição do ego. Além disto, a concepção de Silvia Bleichmar sobre o recalque originário prevê a existência de um ego ideal narcisista, sem o qual uma necessária recusa, anterior ao recalque, não teria possibilidade de se estabelecer. E, por último, a constituição da instância egóica, de um ego como instância psíquica, ultrapassa o processo de recalque originário dentro do modelo de aparelho psíquico da autora, transcendendo os dois conceitos pesquisados nesta dissertação. Dada sua complexidade, o aprofundamento sobre a constituição egóica em Silvia Bleichmar demanda um segundo estudo posterior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrochadura. (n.d.). In *Dicionário Caudas Aulete* [versão online]. Recuperado de <http://www.aulete.com.br/abrochadura>
- Architecture. (n.d.). In *Wiktionary* [versão online]. Recuperado de <https://en.wiktionary.org/wiki/architecture>
- Alonso, S.L. (2012). Notícia do Campo Psicanalítico: Jean Laplanche 1924-2012. In *Boletim Online do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae* (n. 21, junho de 2012) [versão online]. Recuperado de <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=bvisor&pub=21&ordem=10&origem=abertas&itema=14>
- Bibliographie de Jean Laplanche. (n.d.). [versão online]. Recuperado de <https://laplanche.org/index.php/biblio/bibliographie-de-jean-laplanche>
- Biografia Silvia Bleichmar. (n.d.). [versão online]. Recuperado de <http://www.silviableichmar.com/framesilvia.htm>
- Bleichmar, S. (1986). *En los orígenes del sujeto psíquico. Del mito a la historia*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (1990). “Lo Inconciente”: Fecundidad Clínica de sus paradigmas. In S. Bleichmar (org.), *Lecturas de Freud* (pp. 13-99). Buenos Aires, Argentina: Lugar Editorial.
- Bleichmar, S. A (1993). *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do Mito à História* (K. B. Behr, trad.) Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bleichmar, S. (1994). *A Fundação do Inconciente: Destinos de Pulsão, Destinos do Sujeito* (K. B. Behr, trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul.
- Bleichmar, S. (1998). *La fundación de lo inconciente. Destinos de pulsión, destinos del sujeto* (2 ed.). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (1999). *Clínica psicanalítica y neogénesis*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Bleichmar, S. (2001). Reportaje a Silvia Bleichmar. In *Fort-Da: Revista de Psicoanálisis con Niños* (n.4, agosto de 2001) [versão online]. Recuperado de <http://www.silviableichmar.com/reportajes/FortDa.htm>
- Bleichmar, S. (2005). *Clínica Psicanalítica e Neogênese* (A. B. de Mello, H. Vetorazzo & M. C. Perdomo, trans.). São Paulo, SP: AnnaBlume.

- Bleichmar, S. (2015a). Estatuto do Histórico em Psicanálise. In *Do Motivo de Consulta à Razão de Análise e outros Ensaios Psicanalíticos* (R. C. Brandini & M. C. Perdomo, trads., pp. 61-66). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Bleichmar, S. (2015b). Simbolização de Transição: uma Clínica Aberta ao Real. In *Do Motivo de Consulta à Razão de Análise e Outros Ensaios Psicanalíticos* (R. C. Brandini & M. C. Perdomo, trads., pp. 31-58). São Paulo, SP: Zagodoni.
- Calvo, M. (2018). Silvia Bleichmar. In C. L. Borensztein (coord.), *Diccionario de Psicoanálisis Argentino* (pp. 97-100). Buenos Aires, Argentina: Asociación Psicoanalítica Argentina.
- Cunha, A.G. (2010). Arquitetura. In A.G. Cunha, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (4ª ed. revisada pela nova ortografia, p.58). Rio de Janeiro, RJ: Lexicon.
- Martin, P. (Diretor), & Moffat, P. (Roteirista). (2008). *Einstein and Eddindton*. Reino Unido: Company Television Productions em associação com HBO Films e Pioneer Pictures.
- Ensamblaje Artístico. (n.d.) In *Wikipedia* [versão online]. Recuperado de https://es.wikipedia.org/wiki/Ensamblaje_art%C3%ADstico
- Ferreira, J. C. & Molloy, C. (2001). Entrevista com Silvia Bleichmar. In *Psyché*. (jul – dez, V.8, pp.1993-203). São Paulo, SP: Universidade São Marcos. [versão online]. Recuperado de http://www.silviableichmar.com/actualiz_08/Entrevista%20Revista%20PSYCHE%20-%20Universidad%20San%20Marcos%20-%20Brasil.pdf
- Freud, S. (1996). Notas Psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico de um Caso de Paranoia (*Dementiae Paranoides*). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. O. S. Aguiar, trad., Vol. XII, pp. 15-96). Rio de Janeiro, RJ: Imago (artigo originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (1996). Carta 52 (6 de dezembro de 1896). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (J. L. Meurer, trad., Vol. I, pp. 281-287). Rio de Janeiro, RJ: Imago (originalmente publicado em 1950 e escrito em 1896).
- Freud, S. (2010a). A Repressão. In *Obras completas: Introdução ao narcisismo, Ensaios metapsicológicos e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza, trad., V.12, pp. 82-98). São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2010b). O Inconsciente. In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo, Ensaios metapsicológicos e outros textos (1914-1916)* (P. C. Souza, trad., V.12, pp. 99-150). São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (2011). Nota sobre o “Bloco Mágico”. In S. Freud, *Obras completas: O eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (P. C. Souza, trad., V.16, pp. 99-150). São Paulo, SP: Companhia das Letras (Trabalho originalmente publicado em 1925).

- Freud, S. (2014). Inibição, Sintoma e Angústia. In S. Freud, *Obras completas: Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (P. C. Souza, trad., V.17, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras, (Trabalho originalmente publicado em 1926).
- Huella. (n.d.). In *Dicionário Escolar Espanhol Michaelis* [versão online]. Recuperado de <https://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/busca/espanhol-portugues/huella/>
- Ibri, I.A. (2015). *Kósmos Noetós: a Arquitetura Metafísica de Charles Sanders Peirce*. São Paulo, SP: Paulus.
- Laplanche, J. (1985). A Ordem Vital e a Gênese da Sexualidade Humana. In J. Laplanche, *Vida e Morte em Psicanálise* (C. P. B. Mourão & C. F. Santiago, trads., pp. 16-31). Porto Alegre: RS, Artes Médicas.
- Laplanche, J. (1992a). *Novos Fundamentos para a Psicanálise* (C. Berliner, trad., pp. 1-160). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1992b). Referência ao Inconsciente. In J. Laplanche, *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (A. Cabral, trad., pp. 1-115). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1993). A Transcendência da Transferência. In J. Laplanche, *Problemáticas V: A Tina - A Transcendência da Transferência* (P. Neves, trad., aula 06/12/1983, pp. 195-200). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J. & Leclaire, S. (1969). O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico. In H. Ey, *O Inconsciente: VI Colóquio de Bonneval* (J. Batista, trad., V.I, pp. 111-154). Rio de Janeiro, RJ: Edições Tempo Brasileiro.
- Laplanche, J. & Leclaire, S. (1992). O Inconsciente: um Estudo Psicanalítico. In J. Laplanche, *Problemáticas IV: O Inconsciente e o Id* (A. Cabral, trad., pp. 215-266). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J & Pontalis, J.-B. (1990). *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia* (A. Cabral, trad., 2ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor (Trabalho originalmente publicado em 1964, tradução feita a partir da 2ª ed. publicada em 1985).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001). *Vocabulário de Psicanálise* (P. Tamen, trad., 4ª ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Melo, M. T. & Ribeiro, P. C. (2006). Modelos de Trauma em Freud e suas Repercussões na Psicanálise Pós-Freudiana. In *Percurso: Revista Brasileira de Psicanálise* (nº 37, ano XIX, 2º semestre, pp. 33-44). São Paulo, SP: Instituto Sedes Sapientiae.
- Mezan, R. (1995). Três Concepções de Originário: Stein, Le Guen, Laplanche. In R. Mezan, *Figuras da Teoria Psicanalítica* (pp. 109-152). São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo; Editora Escuta.

Mezan, R. (2002). A Recepção da Psicanálise na França. In R. Mezan, *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Tektõn. (n.d.). In *Wikipedia* [versão online]. Recuperado de <https://en.wikipedia.org/wiki/Tekt%C5%8Dn>

Zeichen. (n.d.). In *Pons Hallo Welt* [versão online]. Recuperado de <https://pt.pons.com/tradu%C3%A7%C3%A3o?q=Zeichen&l=de&in=de&lf=de&qnac=>